Roteiro do
Pequeno Pajé

PEQUENO PAJÉ

Vale do Amanhecer, Junho 2005

Eu vim para ensinar e não para corrigir

Tia Meiva

Raul Zelaya
Trino Ypoarã

Agradecimento

Agradeço sempre a Deus por tudo e pelos mentores que me intuíram neste acervo.

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha mãe Maria Rita, à minha esposa Rosângela, ao Tio Carlinhos, aos meus amigos Flávia e Porfírio e ao Tio Raul Zelaya, que muito me apoiaram no início, meio e fim deste.

Obrigado.

Salve Deus.

Cláudio Batista

Acervo de Origem

As mensagens aqui contidas foram extraidas com muito carinho dos acervos, cartas e manuscritos do Pequeno Pajé, dentre eles, o **Livro do Pequeno Pajé** editado no ano de 1976.

Os **HINOS MÂNTRICOS** foram extraídos do livreto do mesmo título, Ed. Vale do Amanhecer, 2002.

A história **O AMANHECER DAS PRINCESAS NA CACHOEIRA DO JAGUAR**, extraída do livreto do mesmo título da ***séria pequenas histórias***, Ed. Vale do Amanhecer, 1999.

A história **O PEQUENO PAJÉ**, extraído do livreto do mesmo título da ***séria pequenas histórias***, Ed. Vale do Amanhecer, 1999.

A história **FAUSTINA**, extraída do livreto TIA NEIVA, O PEQUENO PAJÉ, Ed. Vale do Amanhecer, 1991.

As HISTÓRIAS DA VIDA DE JESUS, AS MAIS BELAS HISTÓRIAS.

Esta edição foi realizado com a colaboração dos instrutores do Pajé

Mestre Carlinhos
Trino Solitário Juremá - Adjunto Aparê
Presidente do Pequeno Pajé deste Amanhecer

Mestre Cláudio Batista
Trino Sardyos - Adjuntos Oraman

Na edição anterior participaram de forma decisiva

Mestre Assis
Adjunto Pajeiro
Presidente do Pequeno Pajé
a Serviço da Clarividente

Mestre Marcelo Antônio
Trino Sardyos - Adjunto Aturanzo

Pesquisa e Montagem
Mestre Cláudio Batista
Trino Sardyos - Adjuntos Oraman

Tia Neiva junto com **Tio Carlinhos** presidente do
Pequeno Pajé deste Amanhecer

Tia Neiva *reunida com dirigentes do Pajé e Pajezinhos*

Tia Neiva *reunida com Pajezinhos no Templo de Santa Teresa*

AOS MÉDIUNS DESTE AMANHECER

Os esclarecimentos desta obra servem como orientação para todos os Mestres desta doutrina.

As mensagens aqui contidas foram registradas com muito carinho dos acervos, cartas e manuscritos de Tia Neiva para compor este Roteiro do Pequeno Pajé, dentre eles, o Livro do Pequeno Pajé editado no ano de 1976.

A nossa querida mãe mentora buscou através da clarividência esta linda história do Pequeno Pajé, e a nós confiou esta missão de evangelizar as crianças, cabendo aos mestres instrutores do Pequeno Pajé, conscientizar as crianças sobre o evangelho de nosso senhor Jesus Cristo sem induzi-los ao espiritismo, sem praticar o medíunismo, devendo o Mestre responsável pelo Pajé ser o exemplo para as crianças.

Nas atividades do Pequeno Pajé procuramos buscar sempre de forma simples, nas histórias e palestras ministradas, a demonstração viva que nossa mãe clarividente sempre nos ensinou, o amor, a humildade e a tolerância, viver com harmonia com este plano físico e respeitar a natureza e todas as formas de vida, no intuito de conseguirmos a realização plena de nossas vidas.

O pequeno Pajé visa dar a criança um sentido religioso espiritual, sem traumas, no presente para o futuro, sem incutir-lhes uma religião particular, conscientizando a necessidade das crianças desenvolverem o seu plexo físico e mental para depois da adolescência ter condições de praticar a sua mediunidade.

Segue nesta obra, a apresentação do roteiro das aulas que ministramos Templo-Mãe, conforme faixa etária de idade.

ROTEIRO DO PEQUENO PAJÉ

O QUE É O PEQUENO PAJÉ?

O Pequeno Pajé do Vale do amanhecer, é uma pequena organização que funciona paralelamente com as atividades do Templo do Amanhecer.

PARA QUE DESTINA-SE O PEQUENO PAJÉ?

A ambientar as crianças até 12 anos, com a atividade mediúnica. - Até essa idade as crianças se familiarizam com a mediunidade, sem praticar o mediunismo.

QUAL O UNIFORME QUE AS CRIANÇAS USAM?

Usam uniformes semelhantes aos dos médiuns adultos, fazem o seu "trabalho", cantam, brincam, recebem passes, são tratados pelos mentores espirituais, tudo sem falar em mediunidade, espiritismo ou religião..

* Meninos - calça preta, jaleco branco e fita do Pajé
* Meninas - vestido branco e fita do Pajé.

DE QUE O PEQUENO PAJÉ SE INCUBE?

De satisfazer as necessidades psicológicas ao mesmo tempo em que afasta suas mentes do espiritismo, dos fenômenos mediúnicos, principalmente em seus aspectos angustiantes.

ONDE É PRODUZIDA A ENERGIA MEDIÚNICA?

A energia mediúnica é produzida no interior dos ossos, na medula, no "tutano".

Desde a formação do feto humano, até mais ou menos 07 anos de idade, essa energia se dilui no organismo, de tal maneira que toda criança é um 'médium natural'; servindo para seu crescimento até os 14 anos de idade ou mais.

ESSE FENÔMENO VARIA DE CRIANÇA PARA CRIANÇA?

Sim. Dependendo de fatores complexos que circundam cada uma, mas, de um modo geral, todas "vêem", "escutam", "tocam", o mundo invisível.

As crianças "se comunicam" tão naturalmente com o mundo invisível como com o mundo físico, na proporção inversa das idades.

Os sentidos vão se desenvolvendo e se firmando e, nessa proporção vão diminuindo as percepções do mundo invisível até desaparecer quase por completo em aproximadamente aos 7 anos.

NOS DEVEMOS LEVAR A SÉRIO AS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS TANTO QUANTO ELAS LEVAM?

Sim, porque quando nós vemos um grupinho de crianças brincando de "casinha" ou coisa parecida, devemos levar tão a sério como elas levam, porque no meio da brincadeira existem personagens que nós não vemos mas que as crianças vêem...

Também quando nosso filhinho estiver brincando sozinho e estiver falando "com alguém", respeite seus amigos e finja que está vendo...

Esse fenômeno é muito mais intenso quando os médiuns da casa, a mãe, o pai ou outros adultos que moram na mesma casa, não são médiuns desenvolvidos e a carga recai mais sobre a crianças.

A pior coisa que existe numa circunstância dessa é achar engraçado e incentivar atitudes espíritas nas criança.

Diante de um fenômeno tão simples quanto esse, os pais costumam achar que seus filhos são geniosinhos e os fazem exibir-se para os amigos

O FENÔMENO DOS 7 AOS 14 ANOS:

Dos 7 anos aos 14 o fenômeno toma uma direção diferente. A partir dos 7 anos a criança começa esticar, a crescer, principalmente o esqueleto, os ossos.

O gasto de energia é tanto (a mesma que falamos acima), que o fenômeno se inverte e o adolescente perde a noção da realidade, perde a segurança do mundo invisível e começa a depender de sua imaginação. Eles começam a depender tanto mais dos sentidos físicos que os exageram. A voz luta por se firmar, os olhos começam a depender mais dos contornos físicos e da iluminação ambiente e ele não sabe o que fazer com as mãos.

NÓS ADULTOS NÃO DEVEMOS CONFUNDIR ESSE FENÔMENO PORQUE?

Essa luta pela afirmação psico-física com o fenômeno mediúnico do espiritismo é normal se o adulto confundir essa atitude como mediunidade e se isso acontecer e o adolescente for levado ao trabalho mediúnico existe a Possibilidade da deformação de sua personalidade e até mesmo de seu corpo.

PERGUNTA-SE: UMA CRIANÇA DEVE SER CRIADA SEM RELIGIÃO?

Respondemos nós, é lógico que as crianças devem ter uma religião.

Mas essa religião deve ser tão natural, tão lógica que ela não tenha que abandona-la tão pronto se sinta adulta...

O QUE É MAIS HONESTO PARA NÓS?

É mais honesto que nós, os missionários, facilitem esse mecanismo do que fornecerem às crianças uma religião particular sob medida de nossos interesses, mas inadequada àquela criança. Procedendo assim, tanto os pais como os sacerdotes apenas vão garantir àquele ser a angústia de ter que se libertar, quando se tornarem adultos e perceberem o logro. (a palavra logro quer dizer erro, engano).

O QUE ESTE ROTEIRO PROCURA? QUAL SEU O PROPÓSITO?

Dar exemplo a nós instrutores, papais e titios do Pequeno Pajé. Todo adulto sonha com uma "aldeia encantada".

Todos buscamos algo em que possamos confiar e agir, essa é a "nossa" religião, um aspecto particular e único da nossa formação multidimensional, a necessidade de relacionamento com outros planos de nosso universo particular, a busca do "Nosso Deus".

OBS.: multi-dimensional - Muitas Dimensões.

RITUAL DE ABERTURA DO TRABALHO DO PEQUENO PAJÉ

CONTEÚDO DE AULAS

A ABERTURA DO TRABALHO OCORRERA ÀS 10:00 H, NO HORÁRIO DE ABERTURA DA CORRENTE-MESTRA.

1º Canta-se o hino oficial do Vale do Amanhecer;

2º O mestre responsável pelo trabalho coloca as crianças em pé, na posição da prece dos pequeninos de Assis.

Obs.: Com os braços cruzados sendo, o direito sobre o esquerdo, se faz a prece.

PAI NOSSO DAS CRIANÇAS

PAI NOSSO QUE ESTAIS NO CÉUS
NA GLÓRIA DA CRIAÇÃO
HOUVE ESTA HUMILDE ORAÇÃO
DOS PEQUENOS LÁBIOS MEUS

SANTIFICADO SENHOR
SEJA TEU NOME DIVINO
EM MINHA ALMA DE MENINO
QUE CONFIA EM TEU AMOR

VENHA A NÓS O TEU REINADO
DE PAZ E MISERICÓRDIA
QUE ESPALHA A LUZ E A CONCÓRDIA
SOBRE O MUNDO ATORMENTADO

QUE A TUA BONDADE ASSIM
QUE NÃO HESITA E NÃO ERRA
SEJA FEITA EM TODA TERRA
E EM TODO CÉU SEM FIM

IRMÃOS DE TODA A TERRA
AMAI-VOS UNS AOS OUTROS

IRMÃOS DE TODA A TERRA
AMAI-VOS UNS AOS OUTROS

IRMÃOS DE TODA A TERRA
AMAI-VOS UNS AOS OUTROS

Tia Neiva

3° Canta-se o

HINO OFICIAL DO PAJÉZINHO;

SOMOS AVES EM BUSCA DE LUZ
DE JESUS QUEREMOS SABER
DOS NOSSOS TITIOS JAGUARES
O EVANGELHO VAMOS APRENDER

E QUANDO SOUBERMOS TUDO DIREITINHO
A VIDA SORRI TUDO É FACINHO

O MESTRE TUMUCHI NOS PROMETEU
DA ALDEIA ENCANTADA
O MAPA A FAZER

E QUANDO SOUBERMOS TUDO DIREITINHO
A VIDA SORRI TUDO É FACINHO

MACHAREMOS EM BUSCA DO TESOURO
DA ALDEIA ENCANTADA DO VELHO PAJÉ
DA IRA, DA DOR, DO SÁBIO PIRATA
DUZENTOS ANOS DE CASTIGO FICOU

E QUANDO SOUBERMOS TUDO DIREITINHO
A VIDA SORRI TUDO É FACINHO

TIA NOEMI E TIO CARLINHOS
OS NOSSOS QUERIDOS TITIOS COM AMOR
SALVE DEUS, TIO ASSIS, SALVE DEUS
O PEQUENO PAJÉ SE FORMOU

E QUANDO SOUBERMOS TUDO DIREITINHO
A VIDA SORRI TUDO É FACINHO

4° Em seguida o mestre jaguar que está no comando, faz sua emissão e a chave de abertura, os mestres e ninfas que estão participando do Trabalho fazem suas emissões, um de cada vez, na frente da cruz cabalística, logo após a abertura do Trabalho do Pajé.

Obs.: Caso o comandante do trabalho tenha sua ninfa, esta faz a sua emissão logo após a abertura do ritual.

OS ITENS 5, 6 E 7 FORAM SUSPENSOS TEMPORARIAMENTE.

5° Após a abertura o comandante da linha de passe convida os mestres aparás para a formação da mesma;

Obs.: Somente as crianças poderão tomar passe, porque o mesmo é exclusivo para elas, os adultos só poderão pedir a benção dos pretos velhos ou caboclos, após todas as crianças estiverem tomado o passe;

É responsabilidade dos comandantes do trabalho de Linha de Passe identificar as entidades.

6° No trabalho de linha de passe são os pajézinhos que trabalham ao lado ou atrás dos mestres aparás;

7° No término da Linha de passe ensina-se aos pajézinhos a agradecer a presença das entidades, logo após o mestre faz o encerramento, dando continuidade a aula;

8° É proibido falar sobre o espiritismo às crianças com menos de 14 anos, o que é permitido é falar sobre a espiritualidade;

9° Pode-se ler o evangelho e fazer o comentário sobre o tema lido, contar a história de NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, a história da nossa doutrina, etc...;

10° Não devemos incentivar a atitudes mediúnicas ou achar engraçados quando elas estiverem brincando de incorporar ou de doutrinar, devemos sim, alertar e esclarecer que o trabalho é de muita seriedade;

11° Devemos ensinar as crianças que só devem iniciar o seu desenvolvimento a partir dos 14 anos de idade, a faixa de 0 a 14 (ZERO A QUATORZE) anos corresponde a fase de desenvolvimento físico e mental da criança sendo de suma importância para a criança;

12° É proibido a criança incorporar entidades;

13° Pode-se fazer musiquinhas, brincar, corinhos recreativos. etc.., desde que não coloque o nome das entidades. Devemos ensiná-las sobre a conduta doutrinária, o comportamento dentro do Templo e nos trabalhos que ocorra a participação das falanges missionárias as quais os pajézinhos podem pertencer, cito, (MAGOS; NITIAMAS, GREGAS, MAYAS E PRÍNCIPES);

14° Os trabalhos do Pequeno Pajé só podem ser abertos pelos mestre doutrinadores, os aparás podem abrir a sua emissão na ausência do doutrinador, contar histórias e brincar, mas, mesmo assim, o apará não pode fazer a chave de abertura do trabalho.

OBS.: A criança com menos de 14 anos de idade poderá ser levada ao desenvolvimento dos adolescentes, somente em casos de extrema necessidade avaliados pelos trinos-presidentes e responsáveis dos adolescentes.

Tia Meiva

HINO DO TIÃOZINHO

Este Hino era cantado no Pajé, pelas crianças do orfanato em Taguatinga vindo da UESB, criado por Tia Neiva. 1962.

PALMINHAS, PALMINHAS
SALVE DEUS QUEM CHEGOU,
CHEGOU TIÃOZINHO DE LUZ
HUMILDADE E AMOR

SOLDADINHO ABENÇOADO POR
DEUS, TU ES LUZ PORQUE
O AMOR COMPREENDEU,
AS LEIS QUE O SENHOR TE
DEU, SALVE TU, TIÃOZINHO
DE DEUS

TIÃOZINHO ÁS JOVENS TE
CERCOU QUE FAZER AGORA,
JUSTININHA CHEGOU
JUSTININHA ALMA GÊMEA
DE SUA ALMA SUA DOCE
ESPOSINHA QUE DEUS CRIOU

PALMINHAS, PALMINHAS
SALVE DEUS QUE CHEGOU
CHEGOU TIÃOZINHO, DE LUZ
HUMILDADE E AMOR

Tia Neiva

CHULINHAS DA VÓ MARILÜ

Além do seu Mantra, a Espiritualidade deu a Tia Neiva duas "Chulinhas" da Vó, que são pequenos cânticos de amor. As mocinhas da Casa Grande gostam de cantá-las ao pé do fogão de lenha. Essas chulas contam a história da encarnação de Marilú e sua alma gémea, a Vovô Agripino.

CISNE
CISNE VEIO E CANTOU,
BATEU ASAS E VOOU.
FOI BATER LÁ NOUTRA MARGEM
FOI JUNTAR-SE AO SEU AMOR

AMARRAI O CISNE MEU,
AJUDAI-ME BOM SENHOR.
NÃO DEIXES AQUI SOZINHA,
NÃO ME LEVES O MEU AMOR

PASSARINHO

PASSARINHO DESPERTOU,
BATEU ASAS E VOOU.
VEIO POR CIMA DO TELHADO
VEIO BUSCAR O SEU AMOR

PASSARINHO LÁ DO CÉU,
QUE O DIVINO CONSAGROU.
SOMOS DUAS ALMAS GÊMEAS,
NÃO SEPARA DE MIM NÃO

PASSARINHO DO ALÉM,
DE MIM TENHA COMPAIXÃO.
FAZ-ME UMA CASINHA BELA,
QUE EM BREVE TAMBÉM VOU.
Tia Neiva

A VIDA

Procurando analisar com carinho os versos desse hino seguramente chegaremos a conclusões sobre um futuro de grandes acontecimentos, já que os mesmos são de um profundo sentido profético.

O MUNDO GIROU
A VIDA CRIOU
NINGUÉM DISSE NADA
NO FUNDO DA MATA
A PEDRA ROLOU
O ÍNDIO CRIOU
NINGUÉM DISSE NADA.
QUEM SABE QUE A VIDA
SE A TERRA PARAR
E O SOL DEIXAR DE ESQUENTAR
A NUVENS BAIXINHO FAZENDO GELAR.

E O VÉU DA NOIVA IMPEDINDO
TRENZINHO LIGEIRO PARAR
E O SOL PARTINDO PRA LONGE
INDO OUTRO PÓLO ESQUENTAR.
AS ÁGUAS CHEGANDO
O FOGO APAGANDO
E AS VIDAS NAS VIDAS SE AMAR
PADRES NA IGREJA TENTANDO REZAR
OS JOVENS CANTANDO DO CÉU A ENTOAR.

AS CORDILHEIRAS PASSANDO
AS CAMPINAS SE AFOGANDO
DESCENDO AS PRAIAS DO MAR
OS PEIXES FALANDO, IDIOMA SINGULAR.

PEQUENOS HOMENS
GRANDES TESOUROS
EQUITUMÃS SE VOLTANDO
JAGUARES SE DESDOBRANDO
PRA VIDA NAS VIDAS CHEGAREM.

FAZENDO A LUZ, NO CÉU CLAREAR
OS CEGOS ENXERGANDO A LUZ DERRADEIRA
E DEUS COM SEU MUNDO FAZENDO
EM CRISTO JESUS
SEUS FILHOS VOLTAREM.
O MUNDO GIROU
A VIDA CRIOU
NINGUÉM DISSE NADA
NO FUNDO DA MATA
A PEDRA ROLOU
O ÍNDIO CRIOU
NINGUÉM DISSE NATA.

Kia Meira

PEQUENOS CUIDADOS

CUIDADO CABECINHA COM QUE PENSA, SÁ, SÁ,
CUIDADO CABECINHA COM QUE PENSA, SÁ, SÁ,
O NOSSO PAI DO CÉU ESTA OLHANDO PRA VOCÊ
CUIDADO CABECINHA COM 0 QUE PENSA...

CUIDADO OUVIDINHO COM O QUE OUVE, VI, VI
CUIDADO OUVIDINHO COM 0 QUE OUVE, VI, VI
O NOSSO PAI DO CÉU ESTÁ OLHANDO PRA VOCÊ
CUIDADO OUVIDINHO COM O QUE OUVE

CUIDADO OLHINHOS COM O QUE OLHA, LHÁ, LHÁ
CUIDADO OLHINHOS COM O QUE OLHA, LHÁ, LHÁ
O NOSSO PAI DO CÉU ESTÁ OLHANDO PRA VOCÊ
CUIDADO OLHINHOS COM O QUE OLHA

CUIDADO BOQUINHA COM O QUE FALA, LÁ, LÁ,
CUIDADO BOQUINHA COM O QUE FALA, LÁ, LÁ,
O NOSSO PAI DO CÉU ESTÁ OLHANDO PRA VOCÊ
CUIDADO BOQUINHA COM O QUE FALA

CUIDADO MÃOZINHA COM O QUE PEGA, GÁ, GÁ,
CUIDADO MÃOZINHA COM O QUE PEGA, GÁ, GÁ,
O NOSSO PAI DO CÉU ESTÁ OLHANDO PRA VOCÊ
CUIDADO MÃOZINHA COM O QUE PEGA

CUIDADO PEZINHO, ONDE PISA, SÁ, SÁ,
CUIDADO PEZINHO, ONDE PISA, SÁ, SÁ,
O NOSSO PAI DO CÉU ESTÁ OLHANDO PRA VOCÊ
CUIDADO PEZINHO ONDE PISA

Grupo Pequeno Pajé

SE ÉS FELIZ

SE ÉS FELIZ QUERO TE VER BATER AS MÃOS
SE ÉS FELIZ QUERO TE VER BATER AS MÃOS
SE ÉS FELIZ PARA QUE EU POSSA ACREDITAR QUERO TE VER BATER AS MAOS

SE ÉS FELIZ QUERO TE VER BATER OS PÉS
SE ÉS FELIZ QUERO TE VER BATER OS PÉS
SE ÉS FELIZ PARA QUE EU POSSA ACREDITAR QUERO TE VER BATER OS PÉS

SE ÉS FELIZ QUERO TE VER FAZER LEGAL
SE ÉS FELIZ QUERO TE VER FAZER LEGAL
SE ÉS FELIZ PARA QUE EU POSSA ACREDITAR QUERO TE VER FAZER LEGAL

SE ÉS FELIZ QUERO TE VER FAZER ATCHIM
SE ÉS FELIZ QUERO TE VER FAZER ATCHIM
SE ÉS FELIZ PARA QUE EU POSSA ACREDITAR QUERO TE VER FAZER ATCHIM

SE ÉS FELIZ QUERO TE VER GARGALHAR
SE ÉS FELIZ QUERO TE VER GARGALHAR
SE ÉS FELIZ PARA QUE EU POSSA ACREDITAR QUERO TE VER GARGALHAR

SE ÉS FELIZ QUERO TE VER FAZER SILÊNCIO
SE ÉS FELIZ QUERO TE VER FAZER SILÊNCIO
SE ÉS FELIZ PARA QUE EU POSSA ACREDITAR QUERO TE VER FAZER SILÊNCIO

BIS
SE ÉS FELIZ QUERO TE VER BATER AS MÃOS
SE ÉS FELIZ QUERO TE VER BATER OS PÉS
SE ÉS FELIZ QUERO TE VER FAZER LEGAL
SE ÉS FELIZ QUERO TE VER FAZER ATCHIM
SE ÉS FELIZ QUERO TE VER GARGALHAR
SE ÉS FELIZ QUERO TE VER FAZER SILÊNCIO

Grupo Pequeno Pajé

A PESCA MARAVILHOSA

PEDRO, THIAGO E JOÃO NUM BARQUINHO
PEDRO, THIAGO E JOÃO NUM BARQUINHO
NO MAR DA GALILÉIA
NO MAR DA GALILÉIA

LANÇARAM A REDE MAIS NÃO PEGARAM PEIXE
LANÇARAM A REDE MAIS NÃO PEGARAM PEIXE
NO MAR DA GALILÉIA
NO MAR DA GALILÉIA

LANÇARAM OUTRA VEZ E VEIO CHEIA DE PEIXINHO
LANÇARAM OUTRA VEZ E VEIO CHEIA DE PEIXINHO
NO MAR DA GALILÉIA
NO MAR DA GALILÉIA

Grupo Pequeno Pajé

POLEGARES

POLEGARES, POLEGARES, ONDE ESTÃO?
AQUI ESTÃO!
ELES SE SAÚDAM, ELES SE SAÚDAM E SE VÃO, E SE VÃO.

INDICADORES, INDICADORES, ONDE ESTÃO?
AQUI ESTÃO!
ELES SE SAÚDAM, ELES SE SAÚDAM E SE VÃO, E SE VÃO.
DEDOS MÉDIOS, DEDOS MÉDIOS, ONDE ESTÃO?
AQUI ESTÃO!
ELES SE SAÚDAM, ELES SE SAÚDAM E SE VÃO, E SE VÃO.
ANELARES, ANELARES, ONDE ESTÃO?
AQUI ESTÃO!
ELES SE SAÚDAM, ELES SE SAÚDAM E SE VÃO, E SE VÃO.

DEDOS MÍNIMOS, DEDOS MÍNIMOS, ONDE ESTÃO?
AQUI ESTÃO!
ELES SE SAÚDAM, ELES SE SAÚDAM E SE VÃO, E SE VÃO.

TODOS OS DEDOS, TODOS OS DEDOS, ONDE ESTÃO?
AQUI ESTÃO!
ELES SE SAÚDAM, ELES SE SAÚDAM E SE VÃO, E SE VÃO.

Cantora Eliana

PAJEZINHO DE JESUS

SOU UM PAJEZINHO DE JESUS
SOU UM PAJEZINHO DE JESUS
ABRO A BOQUINHA PARA EMANAR
FECHO OS OLHINHOS A CONCENTRAR
COM AS MÃOZINHAS VOU CURAR
SOU UM PAJEZINHO DE JESUS
SOU UM PAJEZINHO DE JESUS
SIM DE JESUS.

Grupo Pequeno Pajé

HOMENZINHO TORTO

HAVIA UM HOMENZINHO TORTO,
MORAVA NUMA CASINHA TORTA,
ANDAVA NUM CAMINHO TORTO.
SUA VIDA ERA TORTA

UM DIA, O HOMENZINHO TORTO
O PAJÉ ENCONTROU
E TUDO QUE ERA TORTO
JESUS ENDIREITOU

Obs.: Esta melodia faz parte do Pequeno Pajé do Templo de Relatã do Amanhecer

O MUNDO

O MUNDO PODE SER MELHOR, MELHOR, MELHOR
DEPENDE DE MIM, DEPENDE DE VOCÊ, DEPENDE DE TODOS
É SÓ SORRIR.
DEPENDE DE MIM, DEPENDE DE VOCÊ, DEPENDE DE TODOS
É SÓ SORRIR.

O MUNDO PODE SER MELHOR, MELHOR, MELHOR
DEPENDE DE MIM, DEPENDE DE VOCÊ, DEPENDE DE TODOS
É SÓ ESTUDAR.
DEPENDE DE MIM, DEPENDE DE VOCÊ, DEPENDE DE TODOS
É SÓ ESTUDAR.

O MUNDO PODE SER MELHOR, MELHOR, MELHOR
DEPENDE DE MIM, DEPENDE DE VOCÊ, DEPENDE DE TODOS
É SÓ CANTAR.
DEPENDE DE MIM, DEPENDE DE VOCÊ, DEPENDE DE TODOS
É SÓ CANTAR.

Grupo Pequeno Pajé

Obs.: Pode usar outras palavras, estudar, sorrir, trabalhar, brincar, cantar, curar e etc.

SE VOCÊ NO CÉU

SE VOCÊ NO CÉU
SE VOCÊ NO CÉU
CONSEGUIR ENTRAR
CONSEGUIR ENTRAR
DEIXE UM BURAQUINHO PARA EU PASSAR
DEIXE UM BURAQUINHO PARA EU PASSAR
PARA EU PASSAR

SE VOCÊ QUISER SER BEM FELIZ
SE VOCÊ QUISER SER BEM FELIZ
AME SUA VIDA COMO ELE DIZ
AME SUA VIDA COMO ELE DIZ
AI-HAI-OU-AI-HAI-OU-Ó-Ó

TUPÃ TABAJARA

FOI TUPÃ, FOI TUPÃ, FOI TUPÃ, FOI TABAJARA
FOI TABAJARA NA TERRA DE TUPÃ
TEM PICA-PAU ARARA MARACANÃ TODAS
AS AVES DO CÉU QUEM NOS DEU
FOI TUPÃ, FOI TUPÃ, FOI TUPÃ, FOI TABAJARA
NA TERRA DE TUPÃ TEM PICA-PAU
ARARA MARACANÃ TODAS AS AVES DO
CÉU QUEM NOS DEU FOI TUPÃ

Grupo Pequeno Pajé

PAJÉZINHO PEQUENINO

I
SOU PAJÉZINHO, SOU PAJÉZINHO
SOU PAJÉZINHO, SOU PEQUENINO

II
COMO PODEMOS SENHOR,
DEIXAR-NOS DE SER FELIZ
TENDO UM MUNDO DE AMOR
E LUZ AO NOSSO ALCANCE

III
OBRIGADO AOS NOSSOS TITIOS
QUE CONDUZEM NOSSO PRIMEIROS
PASSOS PARA CAMINHAR-MOS NA LUZ DE JESUS

OBRIGADO AOS NOSSOS TITIOS
QUE CONDUZEM NOSSO PRIMEIROS
PASSOS PARA CAMINHAR-MOS NA LUZ DE JESUS.

Grupo Pequeno Pajé

MÚSICA DE COSME E DAMIÃO

EU ERA CRIANÇA
E TINHA ESPERANÇA DE SER UM DIA FELIZ
FIZ UMA PROMESSA, DEI DOCE A BESSA.
PARA OS SANTINHOS GURIS
MAMÃE QUE FAZIA, OS DOCES PEDIA:
QUE EU FIZESSE UM FAVOR
PEDISSE AOS SANTINHOS, QUE MEU PAIZINHO
DESSE A ELA O SEU GRANDE AMOR

Refrão

COSME, DAMIÃO, DOUM
CRISPIM, CRISPIANO
CABOCLINHOS DAS MATAS
DOCE PRA VOCÊS EU DEI
A PROMESSA QUE JÁ PAGUEI
FESTAS E MAIS FESTAS EU FIZ
NESTA DATA FELIZ EU ME LEMBRO
COSME, DAMIÃO, DOUM,
DOUM 27 DE SETEMBRO

Obs.: esta música deve ser cantada em épocas de Cosme e Damião.

CANÇÃO DA CRIANÇA BRASILEIRA

SOMOS CRIANÇAS DESTE PAÍS
SOMOS CRIANÇAS DA TERRA BRASILEIRA
E PROMETEMOS PERANTE DEUS
AMAR A ESCOLA, O LAR, E A BANDEIRA
SOMOS CRIANÇAS DESTE PAÍS
TÃO GRANDE FORTE, TÃO BELO E TÃO GENTIL
SOMOS CRIANÇAS QUE TRABALHAMOS
PELA GRANDEZA DO NOSSO PAÍS

Refrão

BRASIL, BRASIL, TEU CÉU É COR DE ANIL
BRASIL, BRASIL, COCES VENTURAS MIL
BRASIL, BRASIL, SOU FORTE E VARONIL
SE FOR PRECISO EU MORREREI POR TI BRASIL

Obs.: Esta canção deve ser cantada em épocas do dia das crianças.

FAUSTINA

Salve Deus!

Faustina era uma senhora que vivia na Terra, não gostava de crianças de jeito nenhum mas, a despeito dessa maneira de viver, conseguiu se libertar dos seus compromissos cármicos e, ao desencarnar foi se evoluindo, evoluindo... tornou-se uma Entidade de Luz e, particularmente por sua característica severa diante das coisas mal-feitas, recebeu da Vozinha Marilu, responsabilidade junto as crianças do Orfanato e do Pajezinho, protegendo mas, também "alertando" quando os meninos são desobedientes com os Pais, falam palavrão, tiram más notas no colégio; se envolvem com brigas, maltratam animais, enfim, quando fazem alguma coisa errada, então é um problema para a Faustina, porque ninguém melhor do que ela para provocar uma "boa" dor de dente, fazer o picolé cair no chão, dar uma "topada" com o "dedão" etc.

Crianças, fez coisa errada!?

Então cuidado com a Faustina!

Salve Deus.

Tia Meiva

O CACIQUE

Região dos Andes ainda dormitava nos resíduos de civilização anteriores quando lá chegaram os europeus.

Na linha que mais tarde formaria a fronteira Brasil – Bolívia, no noroeste das terras de Santa Cruz, havia uma tribo de andinos miscigenados com povos das planícies de Oeste.

Seu chefe era alto, bronzeado, feições ativas e tinha o olhar penetrante dos espíritos veteranos do planeta.

Os conquistadores Espanhóis avançaram em direção ao pacífico e dizimavam os restos dos poucos aguerridos da civilização Incaica. Particularmente, certa tribo existente na trajetória dos conquistadores, sentia-se ameaçada de destruição.

Um mensageiro chegou pedindo socorro ao chefe dos guerreiros da fronteira. Atendendo ao apelo, o grande chefe seguiu ao encontro dos espanhóis comandando oitenta guerreiros.

Ele pouco falava e nos seus olhos se refletia a luz da experiência de muitos milênios. Seu espírito trazia a herança dos imortais equitumans, a ciência dos Tumuchis e a bravura dos jaguares. Seu coração porém, era impregnado pela doçura do Amor Crístico e da Sabedoria de Jesus.

Todos o amavam e, um guerreiro mais afeiçoado preparou uma ponta de presa de javali e com ela armou a lança do chefe. A alvura dessa ponta de sua lança passou a caracterizá-lo e ele tornou lendário como "Cacique da Lança Branca", nome esse que chegou até nós pelo palco espiritual como "Seta Branca".

No descampado de um vale andino as duas facções se defrontaram. De um lado os guerreiros de Seta Branca e de outro lado os espanhóis. O clima era de tensão e morte.

Seta branca subiu em uma pequena elevação e falou. As encostas do vale ressoaram suas palavras e todos o ouviram naquele imenso campo de batalha. Enquanto falava, numa língua em que os espanhóis não entendiam, ele levantava sua lança de ponta alva e, segurando-a com as duas mãos, em forma de oferenda iniciática, fez com que todos os olhos se erguessem para o céu.

Na medida em que discursava, foi descendo sobre aquele campo de eminente batalha um clima de paz e tranqüilidade. Os corações tensos para a luta foram retomando suas batidas regulares. Uma emoção suave foi enchendo os peitos arfantes dos guerreiros de ambos os lados.

Aos poucos, a maioria foi se ajoelhando e até mesmo um cavalo dobrou as pernas fazendo com que seu perplexo cavaleiro largasse suas armas.

Por fim, Seta Branca terminou sua invocação e, trazendo sua lança para junto de seu corpo, baixou a cabeça e a quebrou, em profundo silêncio.

A coluna espanhola, como que sob um comando invisível, começou a se mover em direção oposta e desapareceu entre as montanhas do oeste.

A tribo incaica estava salva. Os guerreiros de Seta Branca voltaram intactos para suas mulheres e seus filhos. Javalis foram abatidos e as danças duraram muito tempo. A força espiritual de Seta Branca salvara aqueles guerreiros, mostrando a supremacia da força do amor sobre a força bruta!

Tia Neiva

O PEQUENO PAJÉ

CARO MÉDIUM

Neste número apresentamos a você uma história diferente: a do Pequeno Pajé. Ela foi feita para as crianças do Vale do Amanhecer, principalmente os filhos dos Médiuns.

Essa história poderia chamar-se também "O Pirata da Aldeia Encantada" ou "Em busca da aldeia encantada". Preferimos esse nome porque as crianças do Vale já se acostumaram com o Pequeno Pajé.

O Pequeno Pajé do Vale do Amanhecer é uma pequena organização, que funciona paralela com as atividades do Templo do Amanhecer. Destina-se ele a ambientar as crianças , até os 14 anos, com a atividade mediúnica.

Até essa idade as crianças se familiarizam com a mediunidade, sem praticar o mediunismo. O pequeno Pajé se incumbe de satisfazer as necessidades psicológicas ao mesmo tempo que afasta suas mentes do espiritismo, do fenômeno mediúnico, principalmente em seus aspectos angustiados.

As crianças cantam, brincam, recebem passes, são tratadas pelos Mentores espirituais, tudo sem falar em mediunidade,espiritismo ou religião.

Essa atitude se fundamenta no conhecimento da fisiologia da mediunidade. A energia mediúnica é produzida na intimidade dos ossos, na medula no "tutano". Desde a formação do feto humano, até mais ou menos 7 anos de idade, essa energia se diluí no organismo, de tal maneira que toda a criança é um "Médium natural".

Esse fenômeno varia de criança para criança, dependendo de fatores complexos que circundam cada uma mas, de um modo geral, todas "vêem", "escutam", "tocam" o mundo invisível. As crianças "se comunicam" tão naturalmente como mundo invisível como com o mundo físico, na proporção inversa das idades. Os sentidos vão se desenvolvendo e se firmando e, nessa proporção vão diminuindo as percepções do mundo invisível até desaparecerem quase por completo na faixa dos 7 anos.

Por isso, quando a gente vê um grupinho de crianças brincando de "casinha" ou coisa parecida,a gente deve levar tão a sério como elas levam. No meio da brincadeira existem personagens que nós não vemos mas que as crianças vêem... Também quando nosso filhinho estiver brincando sozinho e estiver falando "com alguém", respeite seus amigos e finja que está vendo...

Esse fenômeno é muito mais intenso quando os Médiuns da casa , a mãe, o pai ou outros adultos que morem na mesma casa, não são Médiuns desenvolvidos e a carga recai mais sobre as crianças.

A pior coisa que se pode fazer numa circunstância dessas é achar engraçado e incentivar atitudes espíritas nas crianças. Diante de um fenômeno tão simples quanto esse os pais costumam achar que seus filhos são "geniosinhos" e os fazem exibir-se para os amigos...

Dos 7 anos aos 14 o fenômeno toma uma direção diferente. A partir dos 7 anos a criança começa a esticar, a crescer, principalmente o esqueleto, os ossos. O gasto de energia é tanto (a mesma energia que falamos acima", que o fenômeno se inverte : o adolescente perde a segurança do mundo invisível e começa a depender tanto dos sentidos físicos que os exagera. A voz luta por se firmar, os olhos começam a depender mais dos contornos físicos e da iluminação ambiente e ele não sabe o que fazer com as mãos.

Os adultos não devem confundir essa luta pela afirmação psico-física com o fenômeno mediúnico do espiritismo. Se isso acontece e o adolescente for levado ao trabalho mediúnico, há muitas possibilidades da de formação de sua personalidade e até mesmo de seu corpo.

O que dissemos até agora é o suficiente para explicar as razões do Pequeno Pajé do Vale do Amanhecer, as razões que poderiam ser chamadas de "negativas".

Mas, perguntarão as pessoas que nos lêem, e a religião?Uma criança deve ser criada sem religião?

Sim, respondemos nós é lógico que as crianças devem ter uma religião. Mas essa religião deve ser tão natural, tão lógica que ela não tenha que abandoná-la tão pronto se sinta adulta...

É disso que nossa pequena história de hoje procura nos dar um exemplo.

Todo adulto sonha com uma "aldeia encantada".

Todos buscamos algo em que possamos confiar e agir.

Essa é a "nossa" religião, um aspecto particular e único da nossa formação multidimensional, a necessidade de relacionamento com outros planos de nosso universo particular,a busca do "nosso" Deus...

É mais honesto que os missionários facilitem esse mecanismo do que fornecerem ás crianças uma religião particular, sob medida de nossos interesses, mas inadequada aquela criança, àquele ser único e inigualável. Procedendo assim, tanto os pais como os sacerdotes apenas vão garantir àquele ser a angústia de ter que se libertar, quando se tornarem adultos e perceberem o logro...

JESUS E AS CRIANÇAS

13 Depois, trouxeram-lhe (algumas) crianças para que impusesses as mãos sobre elas e orasse; os discípulos, porém, as repreendiam.

14 Mas Jesus disse: "Deixai as crianças e não proibais que venham a mim, porque destas é o reino dos céus".

15 E depois que lhes impôs as mãos, partiu dali.

Mateus, 19:13-15

O PEQUENO PAJÉ

Era uma vez um jovem casal de cientistas.

Eles viviam numa grande cidade e trabalhavam nos laboratórios da Universidade. Haviam se tornado cientistas porque gostavam de estudar. Seu maior sonho era viajar em busca da ALDEIA ENCANTADA, uma linda história que conheciam desde crianças.

Trabalharam, trabalharam, até que puderam construir um barco capaz de enfrentar o alto-mar. O barco era lindo, com velas coloridas e todo conforto. Havia até mesmo um motor auxiliar, para que eles pudessem enfrentar as tempestades ou navegar quando não houvesse vento para suas velas.

Finalmente, chegou o dia em que eles decidiram sair em busca da ALDEIA ENCANTADA. Até então, eles haviam acumulado conhecimentos e equipamento para todo tipo de pesquisas. Despediram-se dos seus amigos e muita gente chorou de emoção. O jovem casal era muito querido na comunidade.

Como indicação levavam, apenas, o sonho de criança e a confiança nas estrelas do céu. Assim, viajaram por muitos oceanos, viram muitas terras e gentes. Conheceram os perigos dos mares bravios, viram toda

sorte de fenômenos, animais estranhos e gigantescos. Certa vez foram acompanhados, quase uma semana, por um bando de golfinhos que pulavam em torno do seu minúsculo veleiro e brincavam com o jovem casal. Paravam pouco tempo em cada lugar. Não perguntavam pela ALDEIA ENCANTADA, porque não queriam arriscar o sonho de seu coração com pessoas que não queriam compreendê-los.

Assim, já haviam percorrido muitos lugares e sua alegria já estava se acabando. Passavam o dia cuidando dos afazeres de viagem, mas já não conversavam muito. Havia em seu semblante um pressentimento de que estavam chegando ao término da jornada e isso os deixava com um misto de tristeza e sobriedade.

Um dia avistaram uma terra na qual se destacava uma montanha muito alta. Em torno do pico da montanha as nuvens faziam anéis e do seu cume saia uma fumaça branca.

Sentiram o coração bater mais apressado e rumaram para a terra, com a segurança de quem sabia o que estava fazendo. Além da praia de areias alvíssimas, via-se uma luxuriante vegetação e, bem no fundo, na encosta da montanha, mais alto que o nível do mar, uma cidade!

Pelas estradas que atravessavam a vegetação, vinham caminhando os habitantes da aldeia que há muito haviam visto o barco chegando.

A recepção foi alegre e o jovem casal sentia-se á vontade, como se estivessem sendo esperados. A língua que aquele povo falava era muito estranha, não se comparava com nenhuma das línguas conhecidas. Mas o interessante é que não havia dificuldade para eles se entenderem! O jovem casal se instalou numa modesta casinha e desembarcou todo seu material de pesquisa. Sabiam agora que aquela era a ALDEIA ENCANTADA! Haviam chegado ao seu destino.

Como eram cientistas eles faziam muitas perguntas aos moradores,mas eles pareciam saber muito pouco a respeito de sim mesmos. Tudo que eles procuravam saber recebiam como resposta, que quem poderia informar era o velho sábio que morava numa colina acima da ALDEIA.

Chegou o dia em que eles decidiram procurar o Velho Sábio. Não foi fácil chegar até ele. Os moradores pareciam ter ciúme ou medo dele,e só a custo conseguiram o guia que os levaria até lá. O guia também estava com medo, e vacilou muito levando-os por muitas horas, por caminhos diversos do que pretendiam.

Eles começaram a se cansar, e já estavam para desistir quando depararam com uma linda casinha e ouviram a voz do Velho Sábio!

Estacaram medrosos e surpresos. Na porta estava um velho portentoso, de ombros largos e feições bondosas. Usava uma barba branca que combinava com seus alvos cabelos, formando uma moldura suave para seu rosto bom.

- OH, MEUS JOVENS CIENTISTAS! Exclamou ele com voz forte. Sejam bem vindos á ALDEIA ENCANTADA! Vamos, entrem."

Diante da figura imponente do Velho Sábio, o jovem casal sentiu-se pequeno e amedrontado, a ponto de gaguejar. Agarradinhos um ao outro, foram entrando na modesta sala, ao mesmo tempo que balbuciavam:

- Viemos de longe em busca desta ALDEIA e gostaríamos de saber sobre ela. Disseram-nos que o senhor nos diria tudo o que sabe. Ao mesmo tempo gostaríamos de fazer o que pudéssemos. Sentimos que, também, temos alguma coisa a fazer aqui.

- É verdade, disse o Velho Sábio, estou pronto a dizer tudo que somos aqui. E passou a contar a eles a triste história da ALDEIA ENCANTADA.

Eu fui um grande pirata, muito temido e aqui cheguei há muitos anos. Somados esses anos, com os que tinha, eu hoje já tenho duzentos anos de idade. Aqui cheguei no auge de minhas forças e, com meus homens eu causei uma grande destruição. Aqui vivia um povo humilde e amoroso. As ruas tinham lindas árvores e caramanchões de flores. Todas as casas tinham jardins que eram cultivados com carinho pelos aldeões. Do alto daquele morro descia uma torrente de água, formando uma linda cascata. Nas noites de luar, os habitantes vinham assistir á dança dos Encantados que se realizava na praça central. Essa dança era um contato com a força da Lua e, através dessa energia, os Encantados vinham saudar o povo da ALDEIA.

As vezes – continuou o Velho Sábio – eu ficava muito triste pensando nas coisas mal feitas que fizera antes de conhecer esta aldeia...

- Como? Interrompeu o jovem cientista.
- Então o senhor já fez muitas maldades?
- Sim! – respondeu o antigo pirata –

Já fiz muita destruição, principalmente aqui, quando cheguei com intenções de esconder o meu tesouro.

- Tesouro?! Então o senhor tinha um tesouro, era um homem rico?.

Sim e não, foi a enigmática resposta.

Como o meu jovem deve saber, piratas matavam para roubar e acumulavam o fruto de seus roubos em peças de outro, jóias e pequenas arcas e procuravam um lugar ermo onde as enterravam. Assim, eu vim parar nesta ALDEIA ENCANTADA. Ancorei o meu navio na enseada e o povo veio me receber todo feliz. Eu, porém, reagi com truculência e meus homens, encharcados de rum, atacaram a todos com ferocidade. O povo, então, aterrorizado, fugiu para as montanhas e procurou proteção no Velho pajé...

Velho Pajé? Quem era ele?

Logo vocês ficarão sabendo. Respondeu pensativo o antigo pirata. Quando eu soube que o povo estava se refugiando junto ao Velho Pajé, eu estava com meus homens aproveitando a ausência dos habitantes e saqueando a ALDEIA. Destruí muita coisa e, com isso, as flores murcharam, os jardins ficaram espezinhados e a cascata parou de correr.

- Então, o que o Sr. Fez?
- Fui atrás do Velho Pajé.
- Mas o que foi que o motivou a se arriscar? Afinal, o senhor tinha a Aldeia nas mãos e não sabia o que iria encontrar lá em cima.
- Ninguém me motivou coisa alguma. Fui por conta própria. Meus homens eram supersticiosos e não se sentiam encorajados a subir.
- Fui e tive a maior das minhas surpresas
- Não, meu jovem! Ao encontro com o Pajé foi a maior experiência da minha vida. De fato eu cheguei junto a ele com toda a minha ferocidade de pirata.

Porém, ao defrontar-me com o seu olhar profundo, expressão que nunca tinha visto em toda a minha vida, nos sete mares da Terra, eu me derreti como se fosse gelatina.

De longe gritei para meus homens que trouxeram a arca do tesouro e a coloquei aos pés dele, dizendo:

Tome, esses tesouro é seu.

Ele, porém, continuou a me olhar como se nada tivesse ouvido. Senti que estava passando por uma espécie de hipnose que me transformava por dentro. De repente, olhei para tesouro que havia sido depositado nos pés do Pajé e percebi que ele perdera todo valor para mim. Minha ganância habitual desapareceu como desapareceram muitas coisas da minha mente, muita coisa ruim. Era como se tirassem dela todo o mal que existia.

- Você disse da sua mente. E do seu coração? Não desapareceu o mal?

- Não! Respondeu o velho pirata. Não existe mal no coração. A sua estrutura, a formação do coração. A sua estrutura, a formação do coração, do sentimento, vem de Deus e é puro.É a nossa mente que nos desperta para o mal ou para o bem. Todos trazemos no coração o bem que é a essência divina. Somos semelhantes a Deus, somos bons. A mente é que polui, deturpa.

Foi horrível – continuou ele – meus homens haviam aberto a arca e as jóias que compunham meu tesouro brilhavam e faiscavam á luz do sol. Entretanto, ninguém parecia ligar a menor importância, nem os aldeões, nem meus homens, e nem mesmo eu. Permanecíamos como que absorvidos na força do olhar do Pajé. Então, eu comecei a me sentir mesquinho, pequeno e ridículo. Eu havia apanhado um punhado de pedras preciosas com a idéia de atrair o olhar do Pajé. Porém, na medida em que o silêncio se prolongava, as pedras iam caindo por entres os meus dedos, e eu me sentia abobalhado, sem saber bem o que estava acontecendo. Ninguém proferia ima palavra e somente a personalidade do Pagé dominava o cenário.

Por fim, o próprio Pajé quebrou o encanto.

- Salve Deus, meu filho disse ele.

Entre e sente-se. E eu obedeci automaticamente, sentando-me num banquinho no interior da cabana. Entrei numa espécie de transe e, quando dei por mim, eu senti que estava me transportando. Vi, então, que o Pajé abria uma porta que dava para uma espécie de planície que ia até o horizonte.

Olhe. – Disse ele – Olhe para o seu passado!

Vi, então, inúmeras cenas de meus assaltos, de meus roubos, e vi também as pessoas que havia despojado de seus bens. Muitos ainda se lamentavam pela falta das coisas preciosas que eu havia roubado. Senti, então, uma enorme tristeza ao ver a prova viva dos meus crimes.

Quando voltei a mim, o Pequeno Pajé continuava de pé me olhando. Perguntei: - e agora, meu bom pajé? Que devo fazer de minha vida?

- A primeira coisa é esperar que toda essa gente que você prejudicou pare de vibrar em você.

- Mas, porque tenho que esperar?

- Porque você só irá recuperar a paz de seu coração quando essas pessoas se desligarem, quando se recuperarem dos males que lhes fez.

- Meu Deus! Exclamei. E eu, que destruí também grande parte da ALDEIA!

- É verdade – Continuou o Pajé – se você quer, realmente, a sua verdadeira paz, terá que permanecer aqui como um prisioneiro, até que tudo se equilibre. Ficando aqui e procedendo direitinho, sua sorte mudará e, então, tudo ficará bem outra vez. Se você tiver sorte, virão cientistas de outro plano e repararão alguns males que você fez. Veja, por exemplo, aquela cascata que já não corre mais. Só os cientistas do além saberão recuperar o seu mecanismo.

Diante daquela perspectiva, minha alma se rebelou e eu disse:

- E, se porventura, eu me recusar permanecer aqui como prisioneiro?

- Ora, disse o Pajé, você é livre e pode ficar ou ir. Use o seu livro arbítrio.

Eu, então, respondi que queria apenas a minha paz.

Ele, então, me disse: - esta ALDEIA é encantada e, mesmo que você tentasse, não conseguiria sair daqui. Os gênios encantados não deixariam. As pessoas só saem daqui, quando estão felizes e equilibradas. No fundo, é a sua própria consciência que não o deixaria sair.

- Oh, meu Deus! Gritei com a alma dolorida.

- Quer dizer que o Sr. Apelou a Deus? Interpelou um dos jovens cientistas.

- Não, eu não apelei a Deus. Eu dei esse grito ao pensar no sofrimento daquelas pessoas a quem eu fizera mal.

- Mas, isso é grande! Gritou o jovem casal de cientistas.

Queremos conhecer esse Pajé tão bom!

Pois não, respondeu o velho Pirata. Vamos até lá. Mas, teremos que ir imediatamente. Tenho um pressentimento que sua missão nesta ALDEIA esta se acabando!

Puseram-se a caminho da montanha do Pequeno Pajé e ficaram maravilhados. Ele era todo cheio de rosas e flores variadas. De quando em vez, deparavam com pequenos índios que lhes apontavam suas flechas. Ao reconhecerem o velho Pirata, eles abaixavam seus arcos e os deixavam passar. Os cientistas não puderam sopitar a sua curiosidade, e perguntaram ao velho Pirata de onde haviam vindo aqueles indiozinhos.

Eles são a guarda do Pequeno Pajé. Eles são encantados.

Os cientistas, então, tiveram uma inspiração e disseram:

- Salve Deus! Sejam bem vindos à tenda do Pequeno Pajé!

- Os cientistas notaram a consideração que eles dispensavam ao Velho Pirata, e guardaram as suas perguntas para serem feitas oportunamente.

O encontro dos dois sábios e o jovem casal, foi maravilhoso. O Pequeno Pajé saudou os cientistas dizendo palavras amáveis.

Em seguida, revelou muitos segredos científicos de sua tribo,inclusive alguns que ainda eram mistérios, até mesmo para os mais antigos do clã. Dentre eles, os cientistas ficaram sabendo porquê a cascata parara e, como ele, o Pequeno Pajé tivera que ficar até que aparecesse alguém que a fizesse jorrar de novo.

Agora é a sua vez! Disse ele aos cientistas.

E eles responderam: - se tudo que você nos ensinou é verdadeiro, nós faremos isso agora mesmo.

- Sim, - disse o pajé – Tudo é verdade e lhes afirmo neste instante:

- Se suas mentes forem limpas, sem qualquer fanatismo, pelo bem ou pelo mal. Se souberem amar cientificamente e distinguir a pequena estrela. Disseram a uma só voz, os três. E comentaram entre si: quando as chamas crescem, a queimam mais.

- Sim, disse o Pequeno Pajé. Aquela fogueira representa estrela é seu coração.

Quando o homem odeia,ele queima o amor e as chamas se acentuam, ferindo sua própria estrela, seu próprio coração.

Nesta aldeia vocês encontrarão alívio para todos os males. Neste velho Pirata vocês encontrarão a sabedoria acumulada nos seus 200 anos de vida.

A aldeia encantada estava silenciosa, quando, de repente se ouviu o barulho da água caindo de novo na cascata. O povo pulou de alegria, mas, logo voltou a ficar quieto quando o Pequeno Pajé veio para se despedir de todos. Sua missão ali estava cumprida. Á chegada do Velho Sábio sentiu que toda aquela gente o amava, que a cascata corria de novo e que, apenas ele se distanciaria de todos,pois passara para outro plano!

O pequeno pajé, então, tomou um ar solene e, na presença de todo o povo da ladeia encantada passou os seus poderes ao antigo pirata, hoje o velho sábio, para que governasse em seu lugar, pois, a parti daquele momento, ele partira para outras missões em outros mundos.

O AMANHECER DAS PRINCESAS NA CACHOEIRA DO JAGUAR

Capitulo I

Salve Deus!

Meu filho Jaguar:

De todos os males, o mais triste que deixamos em nossas passagens é a cicatriz de nosso mau comportamento. Quando estamos na Terra vivemos seguros no orgulho, principalmente no egoísmo.

Muitas vezes sentimos necessidade de chorar, de sorrir, de amar; ou melhor, pensamos em ser amados,mas nunca desejamos amar incondicionalmente para melhor atrairmos ao nosso favor...Não! pelo contrário, exigimos de alguém o que nos convêm, sem queremos oferecer nada em troca.

Salve Deus meu filho! Vamos sentir a vida das Princesas e melhorar o nosso comportamento a respeito do amor.

Sim, as crioulas Princesas em 1700 no Brasil Colônia, anunciavam o seu tempo de evolução nas senzalas, a dor no destino cármico de um povo em desenvolvimento.

Então, tudo começou vibrar quando os dois grandes missionários, Pai Zé Pedro e Pai João, resolveram agir no campo vibracional de nossa missão, com este imenso amor ouvindo e sentindo o céu, nos poderes de Vô Agripino que emitia aos mesmos toda luz do santo evangelho.

Aos 14 anos Pai Zé Pedro e pai João, que regulavam em idade, vieram no mais triste quadro em um navio negreiro para o Brasil. Eram duas personalidades com idéias transcendentais traçadas do céu...

Então estes dois espíritos levaram em frente a sua obra; se prepararam nos planos espirituais e vieram para a Terra cumprir a sua missão, que seria em nossa última orientação a nova estrada do Jaguar na linha do amanhecer.

Vendidos por navios negreiros no Brasil, por Deus se encontraram pela força do seu compromisso no Sul da Bahia, onde a forte e verdadeira mensagem os impulsionava. Então, juntos desenvolveram as suas faculdades mediúnicas. O senhor Pai Zé Pedro era um homem muito bondoso, que ouvia o Grande Africano e amava as suas palavras. Chegando a se converter comprou também Pai João, deixando-os fazer na senzala o que lhes aprouvesse.

E tudo começou assim:

- Eram seis fazendas reunidas onde Jurema e Juremá as gêmeas, eram muito queridas por toda aquela redondeza. Sua graça e beleza demostravam "herança transcendental" de Atlezas. "SIM, O HOMEM NÃO SE PERDE SE REENCONTRA". Então, a grandeza dos Missionários se fazia projetar por toda aquela região. Toda redondeza se juntava ali em busca da caridade. Era tão crua de senhores tão arrogantes, pudessem eles admitir tanta liberdade. Pai João pregava a Doutrina do amor aliviando o chicote dos senhores. Pai Zé Pedro tocava os tambores para alertar o seu povo em outras fazendas vizinhas de Iracema, Jandaia, Janara e Iramar, contando também com Janaina, pequena sinhazinha que muito amava os NAGÔS, segundo se falava naquela Era. Eram jovens com apenas 18 anos, que sofriam as incompreensões de suas sinhazinhas, as perseguições e seduções dos seus senhorzinhos. Era uma desdita naquele tempo o que sofriam essas escravas missionárias, porém, na senzala de Pai Zé Pedro tudo ia muito bem, vinha gente de longe e as curas se realizavam com tanto amor a ponto de se propagar o africanismo com a sua presença.

Era o dia de Jurema e Juremá, a luta surgia no céu prateada, os tambores ressoavam. Jurema em pé na soleira da sua senzala vibrava cheia de amor, esperando Jurema, e sua mãe. De repente um crioulo que também fazia parte do corpo mediúnico,disse tremendo de dor: - Oh! Jurema tua mãe não irá conosco. Aumentou a filha da sinhazinha com febre a febre passou para a nenezinha.

- Cadê mamãe?- Tua mãe Jurema, está no tronco.- Oh! Coitadinha. Oh! Meu Deus! Gritou Jurema e segurando no portal da senzala sentiu o seu espírito se transportar seguindo até as ruínas de Pompéia. Jurema em sua visão se sentiu uma rica princesa entre sedas e jóias. A sua irmã e também todos aqueles crioulos da senzala, a negra que hoje era sua mãe, ridicularizavam uma jovem escrava , hoje a sinhazinha da senzala. Jurema compadecia da jovem que até então era uma visão, se esqueceu da tragédia que na realidade estava acontecendo. Não! Ela não via a sua mãe no tronco que era realidade. Via somente a jovem escrava arrastada e ridicularizada, onde todos vaiavam chegando mesmo a machuca-la e em meio desta alucinação começou a gritar: - Juremá, volte minha mãe! Saiu então decidida para o Congá. Chegando contou tudo o que se passava a Pai João e ele lhe explicou:

- Filha não chore, não se desespere! Eu, você, sua mãe e todos os seus irmão vivíamos na mais rica vida em Pompéia. Eu era Procurador, ZÉ Pedro era Imperador e todo este povão estava lá. Só Deus sabe minha Jurema os desatinos, as tragédias que provocamos naquele Império. Fizemos a mais terrível escravidão. Hoje filha querida, Deus nos deu esta oportunidade de pagar todo este mal. Esta pequena sinhazinha é o espírito da jovem escrava de Pompéia.

- Então Pai João, como tudo terminou? Pai João colocando a mão em sua cabeça disse:

- Dorme filha, dorme Jurema. Deitada com a cabeça no colo de Pai, João adormeceu dizendo baixinho: - Oh: meu fidalgo Centurião, como pôde me abandonar neste caminho tão espinhoso! Onde vives que eu não posso te alcançar? Sim meu Fidalgo, continue acariciando os meus cabelos que ficaram tão longos... Nisto um grito e ela se levantou decidida - Não voltarei para minha senzala, vou me embora daqui! Com muito custo Jurema consegui se acalmar. Os tambores recomeçaram, mas Jurema pensativa não saiu do seu lugar. Pai Zé Pedro iniciou os trabalhos e veio se sentar perto dela e de Pai João. Jurema segurou em suas pernas depois apoiou novamente sua cabeça na perna, de Pai João que ali não sentia com coragem de se levantar. – Jurema minha filha (disse Pai Zé Pedro) – Choras pela tua mãe? – Não Pai, choro porque vi e perdi o meu amor AGRIPA, o meu amor. Eu o vi acariciar meus cabelos e passando a mão na cabeça meio sem graça disse: - Oh! Paizinho Nagô, é tudo tão diferente... – Sim filha, se acalme! Eu vou lhe mostrar onde e como se encontraram. – Não Pai, não quero! Se ele for aquele crioulo feio do Japuacy, não quero! – Ele não está aqui como vocês estão, todos nós estamos, e ele não pode, não admito que seja feio como nós. Os dois deram uma risada. Meio preocupado disse então Pai João: - Veja no que dá a clarividência de uma pobre jovem. Ela voltou a dormir. Pai Zé Pedro e Pai João vibravam preocupados. O que fazer? Leva-la para a Cachoeira do Jaguar? Deus todo poderoso, só ele poderá traçar este destino... E ali ficaram esperando a jovem despertar, para decidir o seu destino que tanto se agravara.

Sim meu filho Jaguar, na próxima semana Jurema já estará despertada, então saberemos do destino feliz desta tribo e com cuidado, vamos nos encontrar como personagens desta história, que até então é um pequeno roteiro.

A mãe em Cristo.

Vale do Amanhecer, 08 de dezembro de 1979.

CAPITULO II

Salve Deus!

Meu filho Jaguar:

Deus de fato, toma cedo ou tarde o partido dos que se dizem inocentes. Porque o Cristianismo surgiu por canais piedosos numa Era difícil. A alma e o perispírito são sempre os mesmos e por esta força, se opera pelo compromisso ao Etéreo e se desenvolvem na vontade de Deus.

Sim, Jurema dormia. Os escravos não sabiam sair da senzala e o dia começava a raiar. Pai Zé Pedro pediu a Pai João que a deixasse sob seus

cuidados, que ele determinaria outros para zelar da pequena Jurema. Pai João era escravo recente naquela senzala.

O feitor chegando inesperadamente á soleira, gritou e todos tomaram um rumo, exceto Pai Zé Pedro que era protegido do Sinhozinho. – Quem é essa crioula Zé Pedro? – É Jurema, que desde ontem não quer se levantar. Está sofrendo pela mãe que esta no tronco. – O que? (Exclamou o feitor) - Quem já viu uma crioula com mimo destes? Mimo é para Sinhazinha. Vou levanta-la agora mesmo com este chicote. E marchando para a cama de Jurema, fez menção de levantar o chicote quando se ouviu o grito de Pai Zé Pedro:

- Se arremessar eu o mato! E o seu grito foi tão grande que se fez ouvir em toda redondeza, enfurecendo mais ainda o feitor que arremessava o chicote de qualquer jeito, blasfemando horrores e ameaçando de contar ao Sinhozinho de Jurema.

- Não! (gritou Pai Zé Pedro) – Não fará! Os Ferreiras são muito malvados, não fará! Ouviram a risada sarcástica do feitor. Então não se sabe como, centenas de negros apareceram intimidando o feito apenas com suas presenças: Nagôs que já tinham ganho sua alforria pela velhice e pela doença. O feitor que agia escondido do Sinhozinho, saiu dali calado e foi avisar sobre Jurema. Foi um reboliço. O Senhor de Pai Zé Pedro mandou chamá-lo e pediu noticias do que estava acontecendo. Pai Zé Pedro disse que havia sido por malcriação da pequena crioula.

- O que devemos fazer? Enquanto falava, o Senhor de Jurema já estava na senzala e como um raio já tinha Jurema desmaiada em seus braços, espraguejando de raiva. – Tanto a mãe como as filhas são feras,são feras, são irresponsáveis, são negras malvadas, imundas! Estes Nagôs...não tenho palavras para suas blasfêmias.

De repente ouviu-se um estampido na serra e todos correram para olhar ou chegar mais perto, quando todos gritavam: - Afastem-se! Junte as armas, atirem!não deixem que eles desçam ate aqui!

Sim. Todos corriam abandonando a Fazenda, menos Pai Zé João que correram para proteger os seus Senhores da Casa Grande.

Era horrível. Trapos de negros revoltados pela escravidão. Arrebentavam tudo por onde passavam, matavam as crianças, levavam o que podiam; inclusive animais, etc. eram meio daquele pânico os negros chegaram e Pai Zé Pedro na soleira, gritou em voz alta:

- Parem, parem!

Um silêncio muito grande se fez ouvir. Os negros estacaram e ficaram como que petrificados.

- Sigam seus destinos, levem algumas leitoas e vão-se embora.

- Tem alguém no tronco? (perguntaram) – Não, aqui não encontrão nem no tronco. O meu senhor é o meu filho (continuou Pai Zé Pedro). Nisto Pai João saiu de trás de uma árvore muito grande que tinha na frente da Casa Grande, e um crioulo em cima de um cavalo deu um tiro ferindo seu ombro. Jurema já havia se libertado do seu Senhor, pois o mesmo ao ver os negros jogou-a no chão e saiu correndo. Jurema ao se libertar correu para socorrer Pai João.

- Queremos o Senhor branco! (gritavam os negros). Pai João com ternura disse: - Chega! Chega, Deus pode castigar! O ódio é amigo da fome. Voltem para seus donos, as onças vão lhes comer nestas matas!

Deixem de ódio, vamos, desçam... eu não tenho medo de vocês! (dizia Pai João morrendo de dor).

- Sim, vamos descer,disse um velho africano e num pulo já estavam juntos de Pai Zé Pedro. Se sentaram no terreiro como se quisessem ouvir o que ele queria dizer. Pai Zé Pedro começou a falar e perguntar a razão de suas fugas, o porquê de estarem fugindo. Eles contaram então a sua história.

- Éramos trinta, entre homens,mulheres e crianças. O nosso Sinhozinho entregou-nos pro feitor e todo dia morria nêgo de apanhar,então resolvemos sair matando até encontrarmos sossego.

- De onde vocês vêm? (perguntou Pai Zé Pedro) – Viemos da Fazenda Esperança, no Engenho Velho. – Como? O Engenho Velho fica muito longe daqui. Meu Deus! (exclamou Pai Zé Pedro). Os negros como se estivessem enfeitiçados disseram: - Vamos ficar aqui, se o senhor deixar, obedeceremos e não aborreceremos ninguém. – Oh! Meu Deus! (gemeu Pai Zé Pedro) já temos muitos negros. Nisso de lá gritou uma crioula marcando seus trinta anos. Eu sei tecer e fia, desde que me dê algodão. Desceram mais ou menos umas oito crioulas, entre 18 e 35 anos e negros também nesta mesma idade.

- Chame o Senhor, se adiantou o tal Jerônimo que parecia dominar a tropa.

Nisto, o senhor sai na varanda e os negros se ajoelharam no chão pedindo perdão como crianças.Eram almas em busca de luz, mariposas encadiadas pela luz. Desta vez foi diferente, os negros é quem decidiram a situação. Foram se acomodando na senzala, deixando Pai Zé Pedro preocupado.

Foi fazer uma vidência daquele quadro e ali cochilou entrando em transe. Viu todo aquele grupo de velhos e tradicionais centuriões da antiga e já distante Roma. Viu também Pai Seta Branca que lhe disse: - Calma, calma José Pedro. Estes centuriões que hoje são negros, estão sob tua tutela. Foram seus algozes e entre eles está também Messalina, Policena, Emeritiana hoje na figura de Zefa. Salve Deus, José Pedro! Amor, tolerância e humildade! E assim desapareceu. Pai Zé Pedro despertou com o barulho deles. Sim, e João? O que vai pensar? Como irá entender isso? Oh! Meu Deus! Como me libertarei? Nisso Jurema vem correndo ao seu encontro. - Pai Zé Pedro, Pai João! Eu vi um índio muito lindo que me falou sobre estes negros! Eles são nossos e vieram para nos salvar do meu Sinhozinho. Pai João deu uma risada e disse: - Salve Deus! Eu não o vi, porém senti tudo que passou. Jurema! Tu és minha filha! Eu e a sua mãe somos dois amores. Os três se abraçaram quando se ouviu a voz do Sinhozinho dono da fazenda.

- Eu quero também me confraternizar neste abraço. Zé Pedro, você salvou as nossas vidas. E virando para Jurema disse: - Vou comprar a tua mãe e tua irmã, a Juremá. Os quatro pularam de alegria com as cabeças juntas também em um só coração. Depois, como se despertassem daquela felicidade disseram: - Hoje faremos a maior festa no Congá. Suas atenções se voltaram para os velhos jaguares, negros centuriões que estavam batendo os pés e palmas cantando uma linguagem Nagô.

- Oh! Meu Deus! (disse Pai Zé Pedro a Pai João) – Emeritiana está ali e Antera também! O que será de nós João?

Respondeu-lhe então Pai João com calma. Segurando no ombro ferido: - Onde está o amor, está a compreensão!

Sim, á noite foi um grande preparativo para a festa no Congá. Os tambores começavam a tocar, os chegantes pareciam tão disciplinados com os outros. De repente, ouviu-se um grito. Era Iramar que acabava de chegar esbaforida. O povo da Fazenda dos Ferreiras estava cercando a Fazenda e iam levar Jurema. Foi pânico. Ninguém se entendia , até que Pai Zé Pedro novamente comandou todo o povo que lhe obedeceu. Salve Deus! Porém, todo o povo ficou em suspense...Foi horrível.

Na semana vindoura saberemos o resto. Salve Deus, meu filho Jaguar! Procure sempre se encontrar nesta história, nestes personagens. Que a compreensão esteja contigo para que a felicidade possa te alcançar. É o que te deseja.

A mãe em Cristo.
15 de dezembro de 1979

CAPITULO III

Salve Deus!
Meu filho Jaguar:

Não estamos preocupados com os velhos documentos das velhas escrituras, porém estamos sim, desejosos de saber onde os nossos antepassados encontraram tanta força e tanta coragem para chegar até aqui. Sim meus filhos, o Missionário tem, graça a Deus, a sua energia e toda harmonia nos três reinos de sua natureza. Muitas vezes contando, até pensamos ser irreal o que nos dizem sobre os escravos e seus Missionários.

Vejam filhos, estavam em festa, quando alguém anunciou que os Ferreiras já haviam cercado Congá e que queriam Juremá a todo custo. Pai Zé Pedro, mais evoluído do que Pai João, foi tentando segurar o povo dentro do Congá e qual não foi sua surpresa, os crioulos novatos já haviam saído de dentro de casa e como loucos açoitavam os Ferreiras, fazendo-se ouvir pragas, ameaças e gemidos! O feitor que estava do lado dos Ferreiras, sentindo que estava perdendo gritou:

- Sou o feitor desta Fazenda. Estes Nagôs imundos estão me assassinando. Socorro!

Só se ouvia o urro do feitor, pois na escuridão daquela noite, fora atingido na coluna ficando inerte no chão, gritando como um louco. Pai Zé Pedro foi até o terreiro onde estava a briga e logo viu que a feitor estava aleijado para sempre.

- Oh meu Deus! (gritou Pai Zé Pedro). Como poderemos assumir tal dívida com este pobre irmão? Nisto, alguém que ouvia gritou:

- Eu acho muito bom que ele nunca mais caminhe, para não chicotear os outros.

- Meus Deus, meu Deus! (dizia Pai Zé Pedro andando de um lado para outro). Oh meu Deus! Este pobre homem que não vai nunca mais andar... Caminhando, deparou com um outro triste quadro. Efigênia, uma jovem negra estava ali também com o crânio aberto de pancadas. Era filha de Júlia, uma paralítica. Zé Pedro não resistiu e foi buscar o seu Sinhozinho. Sim, nenhum dos Ferreira havia morrido e quis a vontade de

Deus, nem mesmo ferido. Foi então que um dos quarenta que ainda não havia se manifestado, deu um urro e se manifestou dizendo: - Salve Deus!

O sol já começava a esquentar seus raios, então o Nagô Pai Jerônimo disse:

- Levanta acampamento, leva Jurema e Juremá. Escolhe o teu povo e segue rumo á cachoeira do jaguar, que desemboca nas águas grandes do mar. Nós, os Nagôs ficamos. Vamos buscar a desditosa mãe destas gêmeas (disse apontando para Jurema e Juremá).

- Não! Eu não permitirei (gritou Zé Pedro).

- Como? (disse Pai Jerônimo). Como se atreve a duvidar de teu irmão?Vão embora que eu a levo. Se demorarem terão mais mortes. Vamos, vamos logo. E desencorporou. Salve Deus. Zé Pedro e Pai João não esperaram mais. Não se sabe como, juntaram suas coisas ajudados pelo Sinhozinho e partiram dali. Só no caminho notaram que não faltava, ninguém e, inclusive o feitor lá estava, numa cama de varas. O Sinhozinho e a Sinhazinha despediram-se com amor. Quando já iam longe ouviu-se um forte estampido. Era um tiro de cravinote.

Os negros do terreiro, que já estavam de volta e o Sinhozinho com sua família, com a ajuda dos escravos que ficaram, enterraram os mortos e seguiram para a cidade onde moravam seus pais. Enquanto os crioulos contavam 108, faltando Jerônimo que ninguém sabia do paradeiro. Já era noite quando chegaram á cachoeira do Jaguar. A lua cheia clareava as matas e o mar, as palmeiras balançando suas folhas como uma prece. Pai Zé Pedro sentando em uma pedra descortinava todo quadro por onde teria que passar com aquela gente.

Pai João e os dois começaram a fazer os seus projetos.

- Sim, (diziam) tudo pela condenação da matéria. A terra...a terra. (dizia Pai João) tão lindo o mar, no entanto a Terra, (disse Pai João) tão lindo o mar, no entanto a Terra é o que nos pertence, por ser a parte sólida deste planeta. Porém o que me conforta é que as forças cósmicas continuam em atividade, porque neste universo não há inércia, tudo se movimenta em nosso favor pela bênção de Deus. A sua atividade é essencialmente produtora desta nossa matéria orgânica e inorgânica logo nos dará novas forças, graças a Deus!

Pai Zé Pedro que só ouvia, disse sorrindo.

- Onde aprendeste tanto? Isto não são palavras de Nagô!

- Estou consolado a mim mesmo, Pedro.

- Porque não pede ao Mestre Agripino? Ele é quem me consola. (Foi quando os dois começaram a receber energia).

- Sim Zé Pedro, a atividade do homem é essencialmente produtora e as forças essencialmente ativas. Como já disse, cria na matéria orgânica este arsenal de forças, portanto temos que organizar um ritual, uma jornada, vestimentas que mudem a sintonia dos crioulos.

- Sim Zé Pedro, vamos erguer esta arma para o Céu.

- Sim João, é realmente um arsenal. Oh Meu Deus!.

E olhando a paisagem do lugar disseram – Faremos uma jornada em frente a Cachoeira, enfeitaremos as crioulas e faremos lindas princesas dos castelos encantados que já ouviu contar.

- E eu que pensei que você meu irmão, era um simples escravo!

- Sim (disse Pai João), tenho Agripino que vem nos meus sonhos e me conta tudo.

- Eu também tenho um Índio que me falava quando eu ia entrar no chicote do feitor. Riram, riram muito, de repente lembra do feitor.

- Meu Deus! O que vamos fazer com este pobre homem? De repente ouviram um grito. Era Jerônimo gritando, como se estivesse perseguido.

- Oh meu Deus! Nossa vida não tem fim. E os dois continuaram a sorrir.

- Sim, e o ritual? (perguntou um).

- Faremos! (disse o outro) precisamos de energia para obter as curas desobsessiva. Salve Deus! Faremos tudo que Deus nos aprouver.

Os gritos continuavam e todos á vinham ao encontro dos dois.

Salve Deus! Meu filho Jaguar. Domingo vindouro lhe darei a continuação.

Com carinho

A mãe em Cristo.

CAPITULO IV

Salve Deus!

Meu filho Jaguar!

O dever é obrigação moral da criatura para consigo mesmo em primeiro lugar, em segundo para com os outros. O dever e a lei da vida. Meu filho, a virtude é o mais alto grau onde o homem encontra sua liberdade espiritual. A virtude é a forma que sobrevive e explica a natureza do homem, porque tudo está contido em Deus! Sempre estamos a percorrer as ruínas de nossas vítimas, das suas vidas, sem preocupação exata de nossa missão. Hoje meu filho, estamos tentando acreditar no que nos dizem os nossos antepassados.

Sim meus filhos, todos já estavam no Congá da Cachoeira do jaguar. Foi triste aquela noite. Jerônimo havia chegado aos gritos, trouxera a mãe das gêmeas que estava muito mal. Emoções, choros, tristeza e também risos. O fato é que não se sabe como dormiram. Tão logo o dia clareou, todos á estavam tirando palmas, fazendo lindas choupanas. No prazo de oito dias á existia um lindo povoado de palha e tudo na melhor sintonia possível. Foi então o dia do Congá. Todos estavam realmente desejosos. Sim, o menor dos seres vibrava na presença daquele lindo altar formado de palmas. Pai Zé Pedro e Pai João estavam muito felizes aquela noite, pois haviam se encontrado com Henrique de Enoque e com ele se identificaram. Henrique era um dos Nagôs. Juntos entraram na choupana de Jurema que estava ao lado de sua mãe moribunda. Jurema ao sentir os três, ergueu a cabeça e disse como se estivesse dormindo:

- Salve Deus! Seja bem-vindo nesta Terra meu estimado Procurador! É árdua esta missão que escolhestes de Nagô. Assim assumistes a maior das missões. Oh! (gritou) como me orgulho de ti filho! Me orgulho de ti, como em poucos tenho o mais puro exemplo...

Nisto abriu os olhos e meio decepcionada voltou para sua mãe e todos correram para ela.

- Oh filha! Não sabes o bem que nos fez.

Ela começou a chorar dizendo - Sim , eu sei. Eu ouvi tudo que disse, apenas não pude me impedir de dizer. (Zé Pedro olhou para João).

- Como? Segundo Vô Agripino ela passou por um processo de incorporação consciente. – E quem tomou o seu corpo?

- Os anjos e santos que prometeram nos protege nesta jornada. Jurema será a voz direta do Céu. (respondeu João).

Sim, graças a Deus! Então, comentaram tudo o que havia se passado. Zé Pedro reconhecera Henrique o seu velho procurador romano. Sim, Zé Pedro como imperador o havia mandado a Pompéia e agora o reconhecera, porém não estivera tão seguro até que Jurema fizesse aquela grande afirmação. Os dois voltaram a se encontrar e no mesmo primitivo lugar. Pai João filosofando disse:

- Todos somos livres neste mundão de meu Deus! Até mesmo para acreditar, desejar, escolher, fazer e obter; mas, todos somos também constrangidos a penetrar nos resultados de nossas próprias obras. Não existe direito sem obrigação e nem equilíbrio sem consciência.

- Neste caso a consciência de Jurema é equilíbrio?

- Graças a Deus, por isso me faz tanto bem, João.

- Sim João, e a mãe de Jurema irá morrer?

- Não Zé Pedro. A doença é apenas o conflito do seu externo, falta de energia física. Não precisamos nos preocupar. – Aceito sua afirmação João. Fico feliz e seguro de saber de seus sonhos com Vô Agripino. Seria tão bom se eu também pudesse sonhar com ele, porém devemos agradecer a Deus de termos você.

- Sim Zé Pedro, porém ele ralha muito comigo!

- Sim João, eu também tenho um Índio. Eu já lhe Disse, não?

- É verdade Zé Pedro, é verdade. E sabes mais Zé Pedro? Fui informado que o Vô Agripino é Pai Espiritual deste Índio.

- João espera, vamos devagar...

Nisto um grito de alegria mudou a sintonia dos dois.

Era o escandaloso do Tomáz que havia visto um pequeno barco trazendo a Sinhazinha Janaína.

- Vê (disse Zé Pedro) Jurema bem que disse ter visto uma linda loura e um crioulo e também que traziam belas mantas para as crioulas.

- Sim, vamos Zé Pedro e cuidado! Você está fazendo muitas observações, isto é muito perigoso. Deixe que as coisas decorram sem muita precisão de sua cabeça.

Desceram todos e a chegante parecia que já estava sendo esperada. Tudo calmo, desembarcou realmente com muitas manta e pequenos terços, chamando Jurema foi também lhe entregando a sua bagagem. Vendo Pai João e Pai Zé Pedro perguntou se poderia viver ali com eles.

- Como? (disse Pai João) veio morar conosco?

- Sim, (disse a Sinhazinha) – Meu Deus, quantas complicações! (Pensou a Pai João)

- Meu Pai é dono de engenho e tem grandes negócios na Europa. Minha mãe morreu e eu sonhei que nesta Cachoeira alguém me esperava. Viemos eu e Chiquinho para nunca mais voltar. Libertei todos os negros que estavam no tronco e sei que eles também virão. Chiquito vai descer novamente, virar o barco e voltar a pé, depois de alardear o meu afogamento. Todos pensarão que morri.

Neste ínterim todas as jovens já estavam juntas dando risadas. A euforia era tão grande que não houve sessão no Congá. Tudo ia correndo

mais ou menos, todos se conhecendo melhor. Então uma grande harmonia foi evoluindo aquela gente. Pai Zé Pedro cada dia se evoluía no aprendizado de Pai João. Em vez de sessão no Congá eles gostavam mais das histórias doutrinárias de Pai João. Naquela noite, estavam todos sentados diante de uma linda fogueira atiçada por Pai Joaquim e Mãe Dita...

Em resumo, ali acontecia a doutrina secreta, mãe das religiões e das filosofias, que se reveste de aparências diversas no correr das idades, porém sua base permanecendo imutável em toda parte. Sim, nascida simultaneamente na índia e no Egito, passando daí para o Ocidente com a onda das imigrações. Assim é que por toda parte, através da sucessão dos tempos e dos rastros dos povos, afirma-se a existência de um ensino secreto que se encontra idêntico no fundo de todas as grandes concepções religiosas ou filosóficas. Os sábios, pensadores, os profetas dos templos e dos paises mais diversos, nela acham a inspiração, a energia que faz transformar e empreender as grandes coisas que aliviam as almas e equilibram a sociedade.

Todos se preocupavam com a fogueira, enquanto Pai João cochilando ouvia todas essas coisas, estas lições, estes ensinos. Mal sabia Pai João, ia gravando tudo isso no fundo de sua alma, junto com a paz, uma serenidade e uma força moral incomparável. Todos sorriam, sem se lembrar do feitor que repousava inerte na ultima choupana. Como a união faz a força, se obtém geralmente resultados satisfatório sobre os encarnados. Todos estavam descontraídos e desprevenidos, alheios aos seus pensamentos exceto Jurema, que não saia da cabeceira de sua mãe.

E no meio daquela noite surgiu um triste espetáculo: Jurema, com um pedaço de madeira na , mão, gritava escandalizando todo mundo como se fosse o próprio feitor!

- Negros desgraçados, preguiçosos! (E se atirando em cima de todos e de olhos fechados espraguejava contra Zé Pedro).

- Pai Zé Pedro vendo que ela poderia cair na fogueira, foi segura-la. Qual nada! Jurema investiu contra ele e o agrediu. Pai João foi ao encontro e os dois se machucaram Jurema estava se a razão. Pai João levantou os braços e na força do chamado Deus africano, gemeu como um leão dizendo:

- Oh! Obatalá, oh! Obatalá!, entrego neste instante mais esta ovelha para o teu redi!!

Jurema soltou o porrete e saiu cambaleando num pranto doloroso. Pai Zé Pedro enxugando o sangue do rosto, acariciando-a enquanto ela enchia de perguntas.

- Não tens raiva de mim? Não te zangastes?

- Não filha, (disse ele por fim). Conheço o fenômeno e tu só me fazes bem. Jurema levantando os grandes olhos rasos d'agua, emitiu a Zé Pedro toda a sua ternura. Zé Pedro sentiu todo amor de sua vida. Os dois percorreram o transcendente e como por ventura, Jurema viu o fomoso procurador que cortejava e a quem tanto amava. Então ali permaneceram sem que ninguém os reparasse. Todos estavam empolgados no fenômeno. Pai João fez aquela emissão ou elevação com toda força dos seus sentimentos. Sentindo as dores do fenômeno, voltou para o mesmo lugar, voltando também a ouvir Vô Agripino.

- Salve Deus! Viu João? Fizestes tudo tão perfeito, porque tens constantemente livre o teu sol interior. Te entregastes ao Cristianismo,

esquecendo-te de ti mesmo. Sim, o ensino é como pétalas de rosa que caem em nossas mentes, enquanto vai orvalhando os três reinos de nossa natureza.

- E o Centro Coronário que me ensinastes uma vez?
- Sim! Este guarda as perolas que levamos para a vida eterna. (e disse mais) – Não te assustes com Zé Pedro. Não te esqueças que ele tem apenas 40 anos aí na terra.

Pai João meio confuso, viu Zé Pedro ainda falava com Jurema. Então voltou a fazer outras perguntas ao seu Vô Agripino e este entre outros esclarecimentos disse:

- João, sabes quem tomou o aparelho de Jurema?
- Não meu Vô, quem?
- O feitor!
- O feitor? Como? Ele morreu?
- Não, o seu ódio é tão grande que ele se desprende do corpo e faz o que fez.
- Meu Deus!
- Sim! E não poderás dizer nada, guarde tudo para ti mesmo, porque esta gente não tem capacidade de assimilar tudo isto.
- Oh meu Obatalá! Tenho medo e Zé Pedro?
- Sim, nem Zé Pedro. Ele será feliz, porque saberá respeitar o seu grande e imortal amor.
- E Japuacy?
- Japuacy? Veja João. (Pai João deu uma grande risada...)

Sim meu filho Jaguar, vou terminar a reforma da sala de cura com Rafael e Fabrício, e não tenho como escrever mais, porém na próxima semana darei a vocês mais uma parte.

Com carinho.

A mãe em Cristo.

CAPITULO V

Salve Deus!

Meus filhos Jaguares:

Explica-se a diferença entre a velha estrada e o novo caminho.

A velha estrada é cheia de medo, de temor a Deus. A velha estrada foi palmilhada por milhares de pessoas, milhares de teorias sempre escritas e nunca praticadas. O novo caminho entretanto foi traçado pelo suor, pela própria energia de quem o traçou e vive a emitir com tanto amor.

Vamos sentir o caminho do Amanhecer, sem supertições e sem as teorias dos pensadores, pela vivência na pratica, na execução desta Doutrina e seus fenômenos sensoriais.

Vamos senti-lo no respeito á dor alheia, no carinho aos humildes, no afeto das ninfas, no progresso e na compreensão de nossa família.

Este é o carinho traçado para o homem na doutrina do amanhecer.

Quem diria que naquela Era distante os Enoques levassem tão alto esta filosofia, esta corrente.

Sim, Pai João, o mais velho, era quem observava com mais precisão o desenrolar das vidas nos Carmas. Suas preocupações aumentavam enquanto Pai Zé Pedro filosofava de vez em quando.

Os dias passavam sem qualquer anormalidade, isto é, sempre acontecendo fenômenos que ali já eram corriqueiros. Porém só Deus sabia

como e onde chegariam. Havia dias alegres e outros menos alegres, porém sempre em harmonia.

Até que as forças foram se materializando e tudo começasse a ser mais verdadeiro, mais preciso.

Pai João se enebriava com todos aqueles fenômenos e estava sempre a espreita dos mínimos acontecimentos. Os momentos de descanso era cochilando em baixo de uma pequena arvore.

O pequeno arraial estava tranqüilo quando Pai João em um dos cochilos, viu um finíssimo fio magnético entrando numa das cabanas, ao mesmo tempo que ouviu o grito desesperado de alguém que fora atingido.

Era um fenômeno mediúnico,puramente espiritual. O grito era da jovem Iracema que rolava com uma dor na espinha, como se tivesse levado uma pancada.

Pai João então correu e fez uma "elevação" tirando-lhe a dor.

Ele então começou a pensar que nada havia enxergado. Tinha certeza de ter visto aquele fio saindo da cabana do feitor.

Chamou então Pai Zé Pedro e contou-lhe o que vira e os dois começaram a ter medo da situação.

Nisto Jurema, manisfestada por um caboclo começou a dize:

- "Meus filhos! Tomem cuidado, este feitor é um instrumento feliz de evolução. O pobre infeliz vive ainda pelas mãos caridosas de Sinhá Sabina. O fenômeno foi visto por vosmissê João, para que tome cuidado!".

- Como!? (perguntou Pai João).

- Ele vai entrando em transe (respondeu o caboclo) e sua alma ruim,odiosa,pega a quem ele mais ama ou odeia.

- Salve Deus! (disseram todos de uma vez.)

- E eu pensava que somente os desencarnados atuavam...

- Sim! (continuou o caboclo) vocês estão em uma jornada para desenvolvimento, até que passe todo o Carma da escravidão.

- O homem será feliz quando tiver a libertação? (perguntou Pai Zé Pedro).

- Não! (continuou o caboclo) o homem jamais se libertará.

E dizendo isso deixou Jurema e se foi.

Todos ficaram sem entender nada. Jurema porém entendeu e saiu correndo dali para a cabana do feitor, decidida a falar com ele e dizendo que iria mata-lo, quando Pai João interferiu dizendo:

- Jurema, a concepção de morte resulta de um entendimento completamente errado da vida, porquê na verdade ela jamais existiu. O Espírito não morre e então o feitor nos atentará mil vezes mais. Matando-o ele ficará mais leve, mais sutil.

- Todos que se prendem pelo pensamento e se enchem de ódio, ao se verem desencarnados no astral inferior, é evidente que voltam, sendo mais comuns as suas furiosas crises.

- Vamos Jurema, vamos tentar doutrina-lo antes que morra e se torne invisível aos nossos olhos.

Chegaram na cabana do feitor. Ele estava esticado numa cama de vara e capim. Sabina veio sorrindo ao encontro deles. O feitor começou a espraguejar e Pai João a lhe fazer doutrina, porém com medo de Jurema que o observava seriamente, com seus olhos verdes e amendoados.

Sem perceber, disse então Pai João: - Pobre imperador! Viestes com tão nobre missão e no entanto eis o que restou! Pensa Eufrásio, no que estou te dizendo. Vou levar Jurema e voltarei.

O dia á estava terminando quando Pai Zé Pedro e Pai João se encontraram de novo e se entenderam. Pai Zé Pedro deslumbrado ficava repetindo: - A irradiação dos encarnados se desprende do corpo e manifesta com a mesma leveza do espírito dos mortos...

Nisto se ouviu um grito e em seguida gargalhadas; Pai Zacarias caíra na cachoeira e estava todo molhado, porém nada havia lhe acontecido senão o susto. Coisas dessa espécie aconteciam sempre.

Sim, mas essa alegria durou pouco. Chegou o feitor da fazenda onde Jurema vivia.

Todos se assustaram com o visitante.

Ele chegou arrogante e á ia pegando Juremá quando Tomaz gritou: - Larga, porco imundo, aqui é diferente! – Nem tanto (gritou o feitor) porque você vai morrer!

Dizendo assim esporeou o cavalo e marchou para Tomaz. Como um relâmpago passou por cima dele com o cavalo esmagando o seu estômago. Quando Pai Zé Pedro e Pai João chegaram era tarde de mais. Tomaz já estava morto!

Todos gritaram fazendo um ambiente de terror naquele lugar.

O feitor foi fugindo desapercebido levando Juremá.

Aquela dor era grande demais e ninguém se lembrou do feitor assassino e nem de Juremá.

A morte de Tomaz trouxe tanta tristeza que mudou a sintonia do lugar. Os nagôs não cantaram mais e nas fogueiras riam raras vezes. A harmonia porém continuava.

Começaram então os projetos para irem buscar Juremá.

Tomaz fora quase criado por Pai Zé Pedro.

Dois nagôs que muito amavam Pai Zé Pedro resolveram buscar Juremá. Calados, sem que ninguém soubesse, puseram uma "matula" na mochila e se foram sem que ninguém soubesse.

Jurema porém os ouviu na sua vidência.

Pai João por sua vez sentiu tudo que estava se passando.

Todos porém se fizeram de desentendidos e ninguém impediu os dois Nagôs.

Jurema não olhava para Pai João e nem Pai Zé Pedro, pois viviam ainda o espírito de vingança pelo seu querido Tomaz.

E realmente Joaquim e Cassiano chegaram com Juremá.

Novamente o rebouliço.

Juremá não falava, perdera a voz.

Todos queriam saber o que houvera porém nada diziam e ninguém tinha coragem de perguntar. Permaneciam em volta da fogueira e só se ouvia o murmúrio da Cachoeira. Ninguém tinha mesmo coragem de quebrar aquele silêncio.

De repente Jurema deu uma risada, Janaina foi para perto dela e as duas se abraçaram, Jurema porém mantendo uma atitude que não era dela disse: - Salve Deus! (e chamando Joaquim e Cassiano disse) – Porque fizera isso? Mataram o feitor e seu Sinhozinho! Isto não é de um filho de Deus e receber o feitor como teu filho. E tu Cassiano, terás o teu Sinhozinho também como filho!

A estas alturas Cassiano e Joaquim já sabiam o que Jurema queria dizer.

- Me perdoe, bom espírito (disse Joaquim) porém aquele malvado matou nosso Tomaz em sua covardia!

Cassiano por sua vez perguntou ao espírito incorporado em Jurema se eles poderiam continuar vivendo ali.

- Sim! (disse o espírito) Deus não tem pressa. Cada um daqui assumirá a sua sentença ou sua libertação.

Juremá enchia-se de cuidados por Jurema.

Tão logo terminou a incorporação cada em voltou ao seu estado d'alma. Uns foram dormir e outros ficaram ali na fogueira.

Nisso ouviram gritos alucinantes!

Meu Deus! Novamente o fio magnético. Novamente Iracema fora atingida pelo feitor Eufrásio.

Tudo se repetiu com as mesmas correrias, até que Pai João liquidou novamente o assunto com nova elevação. Desta vez porém com muito trabalho.

Mais dias decorreram e se notou que Iracema ficava cada dia mais pálida, com ar doente. A partir daí tudo foi mal a pior.

Certo dia fizeram um vidência para saber o que deveriam fazer com a pobrezinha da Jurema. Dela participou Vovó Cambina, que viera da Bahia para tirar o quebranto dos filhos da Sinhá. E na sessão daquela noite decidiu seguir os seus irmãos naquela jornada.

Vovó Cambina da Bahia "rezou" Iracema e esta com seu "passe magnético" começou a melhorar. A partir daí, na proporção em que ia se fortalecendo, ia também adquirindo forças para repelir o magnético do feitor.

A essas alturas porém as coisas já haviam tomado um rumo muito sério.

Ninguém se lembrava mais de Tomaz. Toda a concentração agora era no feitor Eufrásio. Urgia faze-lo amigo antes que ele os atingisse. Isso porque, Pai João explicara que se doutrinassem o feitor, ele deixaria de atacar com seu magnético. A partir daí o feitor começou a receber constantes visitas e foi melhorando tanto, que chegou a pedir perdão muitas vezes.

Eufrásio passou então a ser o confidente daquele povo!

Sim, Eufrásio fora um grande senhor até o dia que perdera a sua fortuna e sua família devido ao jogo. Com isso fora obrigado a aceitar o triste lugar de feitor naquela fazenda de tragédia.

Mais uma vez a prova de que o Homem se liberta por si mesmo...

Sim, enquanto Pai João e Pai Zé Pedro ensinavam a sua doutrina de amor, o feitor ensinava, também, o que sabia dos mundos por onde andara.

Vovó Cambina da Bahia também o "rezava" todos os dias.

E a vida do arraial, sem ter perdido sua harmonia, só, agora entretanto voltava ao normal das toadas e das alegres fogueiras.

Certo dia, estavam todos assentados quando ouviram um barulho no mato, como se fosse um estouro de boiada arrastando tudo...

Eles então carregaram suas espingardas e se entrincheiraram...

Era uma vara de porcos selvagens que por ali passava, felizmente por fora do arraial. Assim mesmos os Nagôs mataram mais de 20 porcos fazendo fartura de carne.

Pai Juvêncio e Zefa eram os únicos que tinham coragem de ir até um lugarejo por nome Abóbora.

Certa feita chegavam na entrada da cidadezinha, quando Pai Juvêncio viu uma mulher com uma menina meio desacordada nos braços. Ele chamou Zefa e cochilou no seu ouvido. Ela concordou com o que ele

disse e ambos benzeram a menina, isto é, tiraram o espírito que estava com ela. A menina ficou boa e Tânia, sua mãe, deu a eles algumas frutas que tinha, se desculpando por não ter mais nada.

Juvêncio e Zefa comeram as frutas, trataram dos assuntos que os havia trazido a cidade e voltaram para casa. Ao chegarem, nem bem haviam pisado na soleira da cabana quando sentiram uma violenta dor. Suas barrigas começaram a doer, doer tanto a ponto de chamarem Vovó Cambina da Bahia para socorre-los.

Seria veneno?

A disenteria piorava e os dois apresentavam os mesmos sintomas.

Pobrezinha dizia Pai João.- Resolveram tantas coisas para nós nessa viagem!? Deve ser provocação, deve ser Deus testando seus corações.

Logo mais a noite todos estavam em torno da fogueira e pediam noticias. Súbito, Jurema que estava ao lado de Pai Zé Pedro, levantou-se bruscamente e apontando para os dois que estavam abaixadinhos unto a fogueira gemendo de dor, disse:

- Eles comeram prenda ganha pela sua caridade!

- Como?! (disse Pai João). – Ah! Sim, Pena Branca não quer que agente ganhe nada em troca do que faz! Sim. Vovó Agripino também já disse:

- Gente só aprende com os espinho na carne, fincando!

- É Pai João, todos nós temos um espinho na carne!.

- Oh! Meus Deus! (gritaram todos de uma vez) – Sim! Estamos conscientes!

Nessa altura, graças a Deus, Vovó Cambina já estava chegando com a cuia de chá. Eles após tomarem o chá contaram o que havia acontecido na entrada de Abóbora.

Todos então abraçaram os dois pela sua ação e cantaram em coro – Juvêncio e Zefa comeram prenda da caridade que fizeram! – Sim, receberam pagamento e o Pena Branca não gosta de presentes ou de "cobre"!. .. Zefa e Juvêncio ainda tiveram uns três dias de dor na barriga.

Tudo foi alegre e passou.

Eufrásio que agora era o conselheiro do grupo também achou a lição muito importante. Primeiro pelas frutas, uma vez que Pena Branca não aceita pagamento pelo seu trabalho mediúnico e segundo pela denúncia de Jurema, que em sua clarividência vira o que se passara.

O pobre casal fora lesado pelas sua mentes preguiçosas.

E tudo está espiritualmente pronto.

Pai Zé Pedro e Pai João se regozijavam: - O que será de nós , onde iremos? Não seria melhor sairmos, em vez de esperar o Mundo aqui? Eu já não suporto mais! Oh! Meu Deus!

- Zé Pedro (dizia Pai João) quando o celeiro está pronto o Mestre aparece! – são palavras de Vô Agripino!

Pai Zé Pedro, Pai Francisco e muitos outros dos 70 membros daquele grupo estavam inquietos. Menos Pai João e Eufrásio o feitor, que firmes em Vovó Agripino, permaneciam calmos.

Certa manhã Jurema avisou o Pai Zé Pedro que chegaria muita gente para se curar. Os nagôs se reuniram e se prepararam para recebe-lo. Já fazia dois anos que ali estavam.

- Lá vem eles, lá vem eles!

Lá embaixo avistava-se uma enorme fila de gente chegando.

Só se ouvia gente correr para receber os chegantes.

Zefa e Juvêncio reconheceram entre eles a mulher cuja menina haviam curado e gritaram: - Jurema, Pai João, Pai Zé Pedro!. São gente que vem em busca da caridade! (e perguntaram baixinho a Pai João) – Não tem perigo de nossa barriga doer?

- Não! (respondeu Pai João).

E o povo foi chegando e fazendo ambiente.

Que maravilha! Todos estavam felizes, a felicidade dos Missionários de Deus!

Tudo foi lindo com suas curas desobsessivas e seu amor, a dedicação de toda aquela gente.

Meus filhos, eu gostaria de contar mais desta história, porém Manezinho, o 7º Raio de Yucatã não me deixa. Sabe por que? Porque ele é também um personagem da Cachoeira do Jaguar.

E você também, meu filho, procure se encontrar nela.

Com carinho

A mãe em Cristo.

Vale do Amanhecer-DF, 08 de março de 1980.

O amanhecer da princesas na cachoeira do Jaguar

CAPITULO VI

Salve Deus,

Meu filho jaguar:

As trevas da noite nada significam para o espírito, pois este vê através do seu resplendor.

Sim meu filho, declaro com toda confiança, que não está longe o dia em que a ciência irá se colocar diante desta realidade que é a reencarnação.

Ninguém poderá impedir o progresso. O mundo de hoje está brincando com fogo. O tempo no espaço não se registra. Não se sabe porém os caminhos físicos. No centro nervoso da Terra tudo é lento, tudo vibra para formar a harmonia no centro eterno do homem. Seus rápidos contatos do etereomagnético é o bem que lhes dá força. O homem mesmo na sua inconsciência, confirma o seus velho sábios retorna ao seu sol interior.

Sim meu filho, breves dias irão chegar em que o homem espiritualizado será sentido pelo "PROFANO", como uma música literária da mais alta sinfonia.

Sim meu filho, segundo as leis e forças que governam todas as coisas que Deus criou, o homem na totalidade, sempre procura empregar sua força mais para impedir o desenvolvimento da Terra. Vê-se assim,

como a se punir pelas suas próprias leis. Leis, sempre para punir outros e não sabem se desviarem e continuar a punir.

Sim, meu filho, não é fácil abandonar a multidão, fixar-se em si para buscar a verdade. E quando conseguimos encontra-la é mais difícil ainda, permanecer com ela. Permanecer com a verdade quando a encontramos.

Sim meu filho, com este espírito de lealdade vamos encontrar o nosso povo na Cachoeira do Jaguar.

Foi tudo muito bem aquele primeiro dia. Curas, muitas curas que se espalharam por tida parte. De longe se viam luzes naquela cachoeira. Nossos Missionários estavam unidos pelos compromissos Cármicos.

Pai João, amanheceu doente. Seis horas da manhã e o céu não clareava, fazendo os pensamentos se encontrarem. Eufrásio entoava um "bendito" da igreja católica. Jurema juntou a roupa e desceu com uma enorme trouxa para a fonte e com ela: Janaina, Jandaia e Janára. Alguns Nagôs já voltavam das calçadas e outros seguiam para as roças. As Sinhás preparavam a feijoada e outras ainda, reativavam o fogo da célebre fogueira.

Pai João sentia a tristeza daquela gente e em sua mente começou a voltar. Foi quando Pai Zé Pedro chegou fazendo algumas premonições. Sim! Pai Zé Pedro provia alguma dor devido também ao procedimento daquela gente.

Pai Zé Pedro estava triste porque Pai João já havia contato uma certa comunicação sua Vô Agripino, que segundo os fenômenos habituai, a desarmonia que há horas estava se dando no grupo, era forçada pelas vibrações dos familiares de Janaina. Eles acabariam descobrindo o seu paradeiro. Evidente, seria uma guerra. Perder Janaina seria um terrível descontrole para Jurema. Seus pensamentos não chegaram a se conscientizarem.

Da entrada da aldeia três cavaleiros gritavam: - Negros! Queremos paz, porém, nos entreguem a Sinhazinha Janaina, porque o senhor seu pai pede a cabeça de todos vocês que roubaram sua filha.

- Ela não se encontra aqui (disse decidida Jurema).

Janaina, que estava de cócoras, saiu correndo e entrou na cabana de Eufrásio, que tinha um cravinote na sua cabeceira para se defender de bichos (onças, lobos,etc.). vendo Janaina tremendo de medo, segurou o cravinote e ficou ali a espreita do que desse e viesse.

Ah!foi horrível! Os homens desceram dos cavalos e foram direto á cabana de Eufrásio. Este fazendo um esforço acima de suas condições físicas, vendo o homem quase pegando Janaina, segurou a arma e atirou. Dois ficaram caídos e o outro foi embora pela mata a dentro.

Pai João mandou que desarreassem os cavalos e os juntasse á tropa.

Todos correram para a cabana de Eufrásio que só sabia dizer: - Oh! Pai João, pelo amor de Deus, jamais pude pensar em tão desesperado gesto. Sim, Pai Zé Pedro! (Eufrásio continuava a falar) eu não podia deixar que eles pusessem a mão nesta criaturinha...

Nisto um urro. Reviraram o homem que estava de bruço com a boca no chão, ele ainda esta vivo, porém, o outro estava morto.foi horrível. Ninguém sabia como proceder. Mas, a verdade não se pode esconder:

estava um homem morto, e o outro ninguém sabia o seu estado de saúde. Somente quando o dia clareou é que foram dar conta da tragédia.

Eufrásio já estava só novamente.

Um grande grito se fez ouvir, era Eufrásio; estava sentado na cama.

- Sim! Pai João, Deus se compadeceu de mim, estou sentado. Oh! Pai Zé Pedro. Todos viraram-se para Eufrásio, ficando a dor da tragédia mais amena.

Maria Congá não parava, enquanto todos sofriam em seu pranto emocional, ela junto á Vovó Sabina e também alguns Nagôs, já haviam cuidado do morto e do ferido, e até já sabiam que o morto se chamava Crésio e o doente Amâncio e que inclusive, estavam por conta própria, ninguém os havia mandando ali. Eram os velhos reajustes da noite fatal na Senzala.

- Oh! Meu Deus! (gritavam todos) Eufrásio vai andar... entre lágrimas, gritos e emoções, Eufrásio dava alguns passos pelas mãos de muitas pessoas eufóricas que chamavam aquele fenômeno de milagre.

- Pai Zé Pedro estava em conflito e foi atrás de Pai João.

Como pode? Matou e ficou curado! Como pode!? João, um fenômeno deste!?

- Cala-te, Zé Pedro! Deixe de fazer julgamento. Estes três homens não eram mandados do pai de Janaina, e sim estavam com má intenção na pobrezinha desta viagem. Olha Zé Pedro, já estamos aqui a mais de cinco anos! Não está lembrando que o sinhozinho Erics, vendeu tudo que tinha e foi embora pensando que sua filha havia morrido afogada? Houve até uma lenda que Janaina aparecia cantando por cima das águas nas noites de lua cheia? De um ano pra cá, porém, alguém começou a desconfiar Zé Pedro! Nas coisas de Deus! Estamos em maremoto, porém, para um nada. É confuso tudo isto, certo?

- Oh! João, graças a Deus! Não sabes bem que me fizeste.

Pai João mandou um recado para o Sinhozinho de Pai Zé Pedro e este arrumou toda a situação ilegal, inclusive junto ao pequeno arraial de abóboras.

Eufrásio realmente ficou bom. Então tudo virou. Eufrásio queria procurar a família, os seus e, tão impaciente estava que já se aborrecia por qualquer coisa e por fim se apaixonou pela meiga Iracema. Então, em tudo colocava a amargura. Não parecia mais aquele Eufrásio cheio de cuidados.

Certa noite, a lua estava cheia, ninguém se preocupava com a fogueira. Pai Zé Pedro e Pai João estavam fora, mais para longe da aldeia e começaram a fazer as reparações.

- Eufrásio (comentavam), como uma criatura podia se modificar em tantos aspectos, em tão vil procedimento?

- É possível João, alguém regredir tão depressa?

- Sim, Zé Pedro, naquela noite trágica, muita experiência Deus nos deu á luz do saber. E eis o que sei dos meus contatos com Vô Agripino: - Eufrásio foi somente um instrumento de nossa iludisse com o seu comportamento e nem tão pouco com a sua evolução.

- Oh! Meu Deus, começo a compreender o que estamos passando.

Nisto chega Eufrásio.

- Pai João, vou-me embora, não estou suportando mais esta vida! vou sair, vou procurar emprego onde chegar. Darei noticias e jamais irei me esquecer de todos daqui, e muito menos de vocês dois.

Olhando, Pai Zé Pedro, que espantado não dissera uma só palavra, perguntou: - Quando desejas partir?

- Agora (respondeu Eufrásio) e sem muitas despedidas. E foi embora, montando na mula do finado.

Pai João, Pai Zé Pedro e alguns Nagôs que já haviam se juntando ali, estavam perplexos. Ninguém, ninguém deu uma só palavra. Subiram até a aldeia sem sentaram junto a fogueira. Jurema virando-se para Zé Pedro, disse:

- Tenho pena de vosmecês, e assim dizendo foi incorporando.

- Salve Deus! (era Vô Agripino) meus filhos! Eufrásio foi embora, cumpriu seu tempo como vocês, não se preocupem que ele não irá muito longe. Fez grandes dívidas nestes arredores. Pagou sua divida com Janaína e vai se encontrara com sua família, aí nas Abóboras. E vocês João e Zé Pedro, se preparem que virá uma ordem para vocês partirem daqui.

- Nas Abóboras? Sua família ai tão pertinho? (perguntou Pai João)

- Sim! Porém ele saiu daqui sem saber (continuou Vô Agripino) sim! Vocês vão partir daqui, partir para bem longe. Jurema, Janaina, Iracema, Jandaia, Juremá, Janara, Iramar, Jazaíra e Jaiza precisam se casar. Esta aldeia já não tem mais energia para vocês.

- Sim! Energia transcendental, herança que se encaminha na Lei do Auxilio.

Pai Zé Pedro e alguns Nagôs estavam ainda decepcionados, mal ouviam o que o Vô dizia.

Terminou a Sessão e todos tristes foram dormir.

Sim, nesta época já viviam ali naquela aldeia 108 personagens. Era uma família que com a saída de Eufrásio, ficou bem mais unidas. Só Deus agora daria o destino daquela gente.

Em volta da fogueira todos "muchos"; o coração dilacerado pela desilusão. Não fiquem assim compungidos pela falta de Eufrásio.

Alguns comentaram – Eufrásio era tão bom, nos dava tantos conselhos, nos orientava em tudo...

Pai João começou a pensar: Quando o homem se esquece das faltas do outro é por que está se evoluindo. Ali naquele caso, todos só lembravam de Eufrásio na sua boa fase. Sim, Iracema, a crioulinha mais indefesa, e a quem mais fez sofrer...

- Zé Pedro (disse Pai João) estes são realmente os velhos reis e imperadores.

- Por que João, afirmas com tanta euforia?

- Zé Pedro, o homem que viveu em encarnação superior, digo, de procedência refinada, não perde a confiança em si mesmo. Sempre estão a lhe passar o espírito de justiça e não se envolvem com mesquinharias. Somos 108, sabe?

- Sim, foram todos Reis e Rainhas e todos ainda viverão muito tempo conosco.

- Deveras (disse Pai Zé Pedro) – eles só se lembram de Eufrásio, de Eufrásio, em suas boas ações e de seu marítimo na cama.

Continuavam perto da fogueira. Jurema fazia previsões. Chegando a vez de Iracema ela disse:

- Iracema, você voltará para ser a esposa de Petruceo. Sim, seguirá para muito longe. Iracema e Iramar atravessarão o espaço para receber a missão e depois voltarão esposas do mesmo Imperador.

- Eu? (espantou-se Iracema), esposa do Imperador!? . - Sim! (continuou Jurema) cujo Imperador será Eufrásio, que neste instante já se prepara para partir no rumo de sua missão...

Deveras, foi horrível aquela noite. Frustamento, sonhos pesados, porém ninguém ousava dizer nada, até que Pai João quebrou o silencio.

- Sim! (disse Jurema) uma morrerá e Iramar se casará por ultimo e, depois todos nós partiremos de lá para outro lugar aqui perto...

A vida continuava. Logo se acostumaram com a saída de Eufrásio. Reinava agora um suspense. Sempre sustos, reparações doutrinárias, uma harmonia quase de medo. Certo dia Pai João se juntou na fogueira e começou a falar:

- Vejam meus filhos, como a lei segura o homem. Vê-se assim, como o homem pode ser punido pela próprias leis que estabelece, sem se desviar deles. São as leis feitas pelos homens, que punem. Os poderes superiores podem proteger o homem da forças negativas que causam doenças e sofrimento, porém, o pedido de proteção, segurança contida de paz, harmonia do nosso todos, isto é possível somente na Lei do Auxilio. Fazendo a caridade é que abatemos na lei do nosso carma. O sofrimento de hoje é a luz do amanhã. Individualizamos a vida e no entanto, somos guiados por Deus. Há muito séculos o homem tentou criar e fez a força cega em si mesma, dirigida pelo Chefe das Almas...

Pai Zé Pedro ouvia atento as palavras de Pai João, e remoia em seu canto a falta, a transformação de Eufrásio.

Em dado momento perguntou Pai Zé Pedro:

- João, o que é Deus? Não é dado ao homem conhecer Deus, que si mesmo deve compreender? Sabemos que um homem está com Deus pelo seu procedimento. Por que regride o homem? Eufrásio estava em Deus, como pode cair tão de repente?

- Sim Zé Pedro, cuidado com a tua forma de pensar, vançê é um nego velho pro chicote e não apara julgar com tanta convicção.

Os dois começaram a rir e João disse com amor:

- Sim Zé Pedro, ouça bem o que diz Vô Agripino: Deus é absolutamente fé, é absolutamente razão; e ser a razão, é ser a ciência, Eufrásio não estava em Deus, Deus tentava penetrar apenas em seu coração, como tocou ao vosso naquela noite.

- Como!? (pergunta Zé Pedro).

- Assumido com Eufrásio os seus desatinos! Afirmou Pai João.

- Então tudo perdido? (indagou Zé Pedro).

- Não Zé Pedro, nada se perdeu, muito pelo contrário, Eufrásio saiu para cumprir seu destino. Deus não lhe daria o perdão de suas faltas por aquele curto tempo em que esteve paralítico aqui na cabana. Espancou muitos homens, foi o pivô da noite trágica. Quantas mortes em seu nome? Tudo o que aconteceu foi a bem do seu espírito, não se esqueça do que disse o Caboclo Pena Branca: Breve muito breve, iremos nos encontrar, Salve Deus!

- João, na verdade o homem não tem capacidade de julgar o outro.

Os dois começaram a sorrir, achando graça daquelas coisas que falaram e que tanto lhes fizera bem. Tudo vinha de Vô Agripino a Pai João.

Felizes, felizes estavam agora. Recordavam de sua vida passada, o porquê daquela escravidão.

A felicidade porém durou pouco. Como por encanto um temporal, como um furacão, ameaçava aquela aldeia – o mar crescia, as árvores chegavam suas copas no chão. Pai Zé Pedro e Pai João juntavam a todos e em súplicas olhavam o céu. As palavras de Vô Agripino, eram agora o leme daquele povo: "CORAGEM! FIRMEZA! A FÉ, O AMOR; SÓ DEUS"...

Quando a voz do índio Estrangeiro, como uma melodia de paz se fez ouvir: É A HORA DE POMPÈIA! Foi a voz direta.

Todos ouviam e viam seus olhos verdes incomparáveis, iluminando naquela escuridão. Logo todos estavam juntos.

Oh! Meu Deus! Em que plano? Em que dimensão? Foram todos ou ficou alguém, alguns daqueles pobres missionários!?

Meu filho Jaguar: nós veremos na próxima semana um outro capítulo, porque Rafael, Jorge. Vildinha, Soares e Izaura precisam de mim, e eu sua Mãe em Cristo, vou atende-los.

Sua Mãe em Cristo
Vale do Amanhecer-DF. 16 de maio de 1980

O amanhecer das princesas na cachoeira do Jaguar

CAPITULO VII
Salve Deus!
Meu filho:

Vamos voltar á Cachoeira do Jaguar. Vamos mais uma vez sentir a realização daquele povo, os nossos antepassados.

É filhos, quem diria que aquela filosofia de Pai João e Pai Zé Pedro partisse daqueles Nagôs? Sim filhos, é preciso que conheçam a vida fora da matéria, sabendo que vivemos na Terra a experiência de que somos testados pelos nossos amores, e pesados pelos nossos corações.

Vivemos neste globo terrestre onde analisamos a um ovo; a vida atmosférica que não nos dá a mínima condição de viver sem dispensar as normas reais da vida. E assim, como ocorre na terra, muito mais é no espaço, onde o poder do pensamento criador é incomparavelmente maior.

Depois de atravessar uma pequena clareira, vamos encontrar os nossos queridos Pai Zé Pedro e Pai João no verdadeiro caminho que nos une á eternidade.

Tudo era movimento, no dia que Pai João e Pai Zé Pedro foram chamados para o sono cultural.

Salve Deus!

Pai João e Pai Zé Pedro se preparavam para o anfiteatro. Suas cabeças não haviam despertado daquele triste crepúsculo na Terra, na cachoeira do Jaguar. Sentados em frente de uma grande tela, que nos planos espirituais do Canal Vermelho é como um cinema; aparece tudo que queremos saber de nossa vida na Terra. Pai João e Pai Zé Pedro viam com paixão tudo que lhes eram tão caros; aqui é ali os dois comentavam:

- Todos, todos estava, ali conosco.
- Sim! (dizia um ao outro) viam tudo...Nisto ouviu-se um soluço, era Efigênia que soluçava por não poder mais voltar á Terra, pois o seu crânio ainda merecia cuidados.

Nisto ouviram também alguém que chegava:

- Oh! Quantas saudades... falaram muito, tudo o que se passou, como se tivesse perdidos de vista. Depois Pai João perguntou:
- Por quê Efigênia não pode voltar á Terra?
- João (falava Vô Agripino): as forças biogênicas são transmutações das forças cósmicas. A função da matéria é organizada pelo sistema do corpo etérico. O corpo é sempre um e o mesmo tem sua origem na matéria orgânica, metamorfose da matéria cósmica. As funções são muitas e várias. Tem sua origem nos fenômenos vitais, que é criado pela matéria inorgânica que forma o corpo bruto, inerte, sem atividade própria. Efigênia naturalmente não está preparada para tanto. Ouviu-se um dar uma rica surpresa.

Vô Agripino sorrindo disse: - Vou lhes dar uma rica surpresa.

- Ah!, lá estão todos que irão voltar...
- Onde estamos? (perguntou Pai Zé Pedro).
- Na mansão dos Jaguares – E quem você esta procurando Zé Pedro?
- Eufrásio!
- Ah! Sim, (disse Pai João) Eufrásio ainda não chegou.

Perguntaram quanto tempo já se encontravam ali. Cinco anos e no entanto estavam todos ali. Sim, pensava Pai Zé Pedro: no Universo há não inércia. O movimento é incessante. A atividade é essencialmente produtora e as forças não param. Se ficarmos parados ela se vai e ficamos só. Sim repetia ele, o homem é portanto o microcosmo, matéria e força, corpo e funções; o corpo físico não gera a vida ou a força promotora dos movimentos, mas observe-os. O organismo é um reservatório Universal, é assim o instrumento da vida, aparelho que varia do infinito, aos pesados contatos da Terra que alimentam as células vegetais...

Sim, a experiência foi muito brusca, muito fatal. Pai João e Pai Zé Pedro não sabiam, nem mais nem menos o que estavam fazendo. Levados pelos arrolhos dos tumultos, arrastavam em suas mentes aquele crepúsculo final. Sim. Perguntavam-se sempre: porque uma dor tão grande? Verdade! Lembravam-se na Cachoeira... os dois presos, soterrados da cintura para baixo, sem poder socorrer os demais, até que outra avalanche os levassem para o fim.

Sim, pensavam, ficamos presos por castigo de Deus? Perguntavam sempre, ficamos presos por reparação...castigo!?... Eram as duvidas e os conflito daqueles dois. Por que suas cabeças não sabiam analisar, os dois

presos para assistir toda a catástrofe. Sua revolta já estava levando-os a descambar para "Ponta Negra".

Verdade, amamos na Terra e no entanto sofremos tanto! – Cadê o Vô Agripino? – ficou com as Crioulas e os Nagôs? – Porque saímos de perto deles?

Porque nossas mentes tem que se encontrar por si mesmas e não vê Zé Pedro, aquele bendito errolho nos jogou para aqui sem que nós sentíssemos?

Nisto ouviram um grito que penetrava diretamente em seus ouvidos:

. - Tibério, eu sou e serei o teu Cônsul fiel, tenho prisioneiros: Marcus Cláudio e Vinicius os teus traidores. Os dois homens soterrados naquele imenso pântano. Saiam chispas de fogo pelo olhos. Pai João e Pai Zé Pedro se olhavam sem nada poder dizer. Porém, o homem continuava sua obra. – Marcus Vinicius, o traidor!

- Sim diziam os nossos queridos, não temos dúvidas, o quadro era idêntico, somente o ódio daquela gente era o oposto da Cachoeira do Jaguar.

Quando se deram conta de si, estavam no indumentária de Tibério (Pai João) e Marcus Vinicius (Pai Zé Pedro). Os espíritos do triste comício agora gritavam com mais intensidade, foi na deposição de Gália, lembrou-se Pai João.

- Oh! Meus Deus, porque estamos aqui?

- É a misericórdia de Deus. Sim, não acreditamos nem mesmo em Vô Agripino e olhando para suas novas vestimentas, Pai Zé Pedro gritou: Fujamos daqui antes de sermos vistos nestas indumentárias! Vamos daqui! Nisto ouviu-se um assobio e um grupo de cavaleiros surgiu, se espalhando por todo aquele pântano, ficando somente um luminoso, que se aproximou dos nossos queridos e num tom de crítica prestou homenagem aos dois que ainda vestiam a indumentária. Pai João e Pai Zé Pedro sentindo a maior humilhação disseram:

- Viemos recentemente da Terra.

- Estou vendo, porém nem tão recente. Sei que sofreram muito nesta jornada a ponto de perderem a sua individualidade. Esqueceram-se do amor de Deus, cumpriram com amor e dignidade a missão na Terra; no entanto aqui, depois de cinco anos, estão para cair apenas por não terem encontrado a razão do seu crepúsculo. Egoísmo, o egoísmo poderá arrastar tão grandes e nobres missionários?

- Porque estamos assim? (Perguntou Pai João) Vestidos assim?

- A falta de segurança e de amor a Deus.

- Nos culpamos por ter ficado presos, vendo toda tragédia sem poder nos movimentar, vendo todos parecerem. Tememos que fosse uma reparação e no entanto não sabemos onde ficou o erro.

- Pelo que sei Vovô Agripino os orientava dando-lhes lindas lições.

Nisto gritou Zé Pedro: - João, João Nagô! Tire depressa de sua mente esta roupagem. Os dois começaram a rir e abraçados, tudo se modificou. Agora olhavam para o vale negro. Lá em baixo tudo já estava diferente, os Centuriões já os haviam levados em suas redes magnéticas.

- Oh! Meu Deus! Como nos martirizamos. – Sim Zé Pedro, talvez queríamos ser recebidos com festa.

Pai Zé Pedro e Pai João sentaram-se na primeira pracinha e tristes começaram suas queixas: - O que será de nós? Temos que receber uma missão e ficar juntos outra vez.

Sim Meus filhos, agora eles se recordavam mesmo de tudo...

Quando estavam falando chegaram as sete Crioulas e tudo foi festa. Jurema já parecia uma Princesa.

- Onde andavam meus queridos irmãos? Sabemos que estavam juntos, dizia com graça, daqui onde estamos avistamos tudo, até mesmo "Ponta Negra" e o "Vale Negro".

Quando Jurema terminou, Pai Zé Pedro disse baixinho: - Te viram na encarnação do Imperador Tibério César.

- E você Marcus Vinicius.

- Sim (disse Jurema) Salve Deus! É natural que façamos estas reparações. É difícil entender, estivemos ali e tudo foi como se Deus nos quisesse testar.

- Sim, já entendemos tudo, Tibério enterrava os seus prisioneiros até a cintura e deixava que os bichos os comessem ainda vivos, no entanto não nos deixou viços por muito tempo.

Nisto uma pequena luz aparecia ao longe.

- Olha! Disse Jurema, olha Zé Pedro! Jerônimo soube que os senhores estão aqui e vem lhes ver.

Pai João e Pai Zé Pedro se olharam, sim como Jerônimo...!?

- Oh! Zé Pedro e João! Disse Jerônimo todo feliz: vim buscar os senhores para a nova Mansão dos Jaguares.

- Jerônimo, meu Jerônimo, como pode tanta compreensão?

- Sim, disse Jerônimo, tenho a cabeça e o coração bem menores que o dos senhores, por conseguinte, a missão foi menor também.

- É verdade, tudo vem de um plano de Deus. Sim! Remataram...

Ouviu-se um estrondo, eles já estavam perto da mansão dos Jaguares. Jerônimo mostrava tudo por onde passavam. Sim, Jerônimo já estava ali há sete anos e sempre foi um espírito conformado. Por ultimo vendo a admiração de Pai João e Pai Zé Pedro disse: - Sabe meus queridos Mestres, tenho tudo que me ensinaram na minha cabeça, só Deus poderá lhes pagar.

- A nossa Doutrina não chegou, pra nós: Vê que já estávamos descambando para "Ponta Negra".

Nisto ouviram vozes: eram Antena, Zefa, Lívia, Emereciana, Maria Conga, Sabina e Cambina, e junto os Nagôs, só faltava Eufrásio. Foi abraços e comentários como se estivessem chegado de uma grande viagem.

Pai João se ligou a Antera e quando viram já estavam com uma nova roupagem.

- Por Deus não te reconheceria, se tu também não estivesse junto com os dois foram para uma pracinha recordar as suas façanhas na Terra. Foi um tempo bonito, todos se reconheceram em casais, saiam e com saudades esperavam o amor de Deus.

Já era hora da prece... "do Canto Universal". Saíram dali e foram ao " Campo de Morça" vibrar para os que ainda estavam na Terra.

- Como? Perguntou Pai João.

- Sim, no "Campo de Morça" vibram os que ainda tem os seus familiares na Terra.

- Tens alguém, Zé Pedro?

Este surpreso respondeu – Tenho... tenho o meu Sinhozinho e minha Sinhazinha.

- E eu (disse Janaína), vou devolver-lhes as rezas que fizeram pensando que eu estivesse morta.
- Onde estão os seus familiares Janaina? Perguntou Jerônimo.
- Na Europa, respondeu.
- Se é na Europa, é logo ali...

Todos sorriram, vendo a verdadeira família.

Nisto o jovem Tomaz, que se vestia como um belo Fidalgo Grego, e foi se juntar a Janaina.

- Tomaz! Gritou Pai João meio ressabiado, Tomaz meu querido Tomaz! Como safremos por tua partida.
- Sim, pelo que sei e partiremos em breve.
- Oh! Meu Deus! Disse Jurema que estava ao lado de Japuacy, também na roupagem de cidadão romano.

Verdade, até parece conto de fadas; todos com seus amores, chegaram ao grande e luminoso "Campo de Morça". Todos estavam em suas afirmações sentido aquela força em perfume que exala dos mundos espirituais de Deus. As energias iam e vinham como laços de fitas. Pai João e Pai Zé Pedro sorriam e choravam, vendo aquela maravilha que jamais pensaram existir. Risos e luzes. De repente começou o sermão. A voz direta que também era maravilhoso.

- Salve Deus! Quem está falando? Quem fala em nós como se nos conhecesse?
- São as vozes dos Ministros que nos preparam para voltar a Terra.
- Como poderemos partir com todos os nossos amores!?
- Sim Meu filho, como sra a despedida dos nossos queridos? Veremos no próximo capitulo.

Com carinho

A mãe em Cristo...

Tia Neiva

Obs: Sempre solicitada em muitas sintonias, a Clarividente não prosseguiu com a história, Salve Deus!

HISTÓRIA DA VIDA DE JESUS

O primeiro anúncio

Nos longínquos dias da criação, um anúncio havia ressoado aos ouvidos dos nossos primeiros pais: "Colocarei inimizade entre ti e a mulher - Dissera Deus à serpente - Entre a tua descendência e a dela: ela, porém, te esmagará a cabeça". Certamente Adão e Eva não compreenderam o significado da promessa: haveria de vir um que poria fim à dominação do demônio. Estas palavras são chamadas "proto-evangelho" porque é a primeira boa-nova da redenção.

A grande Expectativa

Todos os acontecimentos narrados no Antigo testamento não são senão etapas da historia de redenção. Deus preparou para si um povo do qual deveria nascer o Messias. Os profetas mantêm viva a expectativa do Redentor através dos séculos. Mas aquele que devia vir não era, como muitos errôneamente esperavam, um reino terreno, mas o filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, que se fazia homem para salvar os homens.A terra predestinada a receber o Messias era a Palestina, chamada nos livros Sagrados de "Terra Prometida", porque prometida por Deus a Abraão e à sua descendência. Este país habitados por artesões e pobres pastores, compreendia também aquele pedaço de costa de costa mediterrânea da Ásia que une a Síria ao Egito, e estava dividido em varias regiões, entre as quais a Judéia, ao sul onde o Messias devia nascer, e a Galiléia, ao norte, onde ao invés haveria de passar a maior parte de sua vida.

O Precursor

Numa aldeia nas montanhas de Judá, a pouca distancia de Jerusalém, vivia Zacarias, sacerdote do templo, com sua esposa Isabel, os quais pela idade avançada, não havia podido ter filhos. Um dia, enquanto Zacarias oferecia no templo o incenso e orava para obter a vinda do Messias um anjo do Senhor apareceu-lhe e assim lhe falou: "Deus ouviu a tua oração. Terás um filho que chamarás João. Ele prepara o caminho ao Messias que há de vir".

O piedoso sacerdote,por motivo da sua idade e da esposa, ousou objetar ao anjo: Mas como é possível que eu agora possa ter um filho?" E o anjo, que falava em nome de Deus, disse-lhe: "Tudo quanto prometi se realizará a seu tempo; Zacarias, terminado o seu ministério no templo, retomou a casa, causando em todos admiração por não mais poder falar, Mas Isabel, sua esposa, logo concebeu um filho, segundo a profecia do anjo.

A Anunciação

Seis meses depois deste fato, Deus pai enviou o seu anjo à terra,a um maravilhosa mocinha de Nazaré, de nome Maria, filha de Joaquim e de Ana, Consagrada a Deus no templo desde a meninice e agora noiva, como todas as boas moças israelitas, de um excelente rapaz da estirpe de Davi, chamado José. O anjo encontrou-a em casa na hora da oração e assim a saudou: "Ave, cheia de graça; o Senhor é contigo; és bendita entre as mulheres".

Mãe de Deus

Depois da saudação, o anjo deu a Maria a extraordinária notícia: "Achaste graça diante de Deus. E eis que conceberás e darás à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus". Maria pensou e lhe no voto de virgindade que tinha feito e pediu ao anjo explicação. Este tranqüilizou-lhe: "O espírito Santo descerá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá. Ela, declarando-se serva do Senhor, inclinou a cabeça; naquele momento o filho de Deus se encamou nela.

O nascimento do Precursor

O anjo tinha dito a Maria que a esposa de Zacarias, Isabel, sua prima, esperava um filho. Maria decidiu então ir fazer uma visita, para ajudá-la e conforta-Ia. A terra de Isabel ficava nos montes da Judéia e distava de Nazaré três ou quatro dias de viagem. Maria fez esta viagem a pé. Juntando-se ate Jerusalém, às caravanas de peregrinos que desciam à cidade Santa por ocasião da Páscoa.

Chegada a Ain-Karim, e tendo entrado na casa de Isabel - "O senhor é contigo" do os braços para receber o braço da prima. A presença de Maria trouxe muita graça àquela casa, tanto que o filho de Isabel saltou de alegria no seu seio. Isabel mesma ficou repleta do Espírito Santo do mistério que havia feito de sua prima a mãe do Senhor.

Cântico de Louvor

"Bendita és tu entre as mulheres, respondeu Isabel, e bendito é o fruto do teu seio". A estas palavras, Maria sentiu a necessidade de acrescentar um hino de alegria e de louvor ao Senhor de tê-la escolhida para mãe de Deus: "A minha alma engrandece ao senhor, meu salvador, porque olhou para a humildade de sua serva. E eis que doravante todas as gerações me chamarão de Bem-Aventurada, porque grandes coisas fez em mim o Onipotente".

Maria ficou em casa da prima Isabel por três meses, até que nasceu o menino. Houve grande festa em toda a família, e os vizinhos e conhecidos vinham congratular-se por este nascimento que alegrava e velhice de Isabel e de Zacarias. No oitavo dia o menino, como do sexo masculino, devia ser circuncidado, para entrar a fazer parte do povo eleito. Nesta cerimônia o pai lhe punha o nome.

Os parentes aconselharam Isabel a dar à criança o nome de Zacarias, como se chamava o pai. Mas ela preferia chamá-lo de João, que quer dizer: Deus é propício. Os parentes, porém, insistiam, dizendo: "Não há ninguém na tua família com este nome". Recorreram então ao pai, para saber como queria que se chamasse. Zacarias, estando ainda mudo fez trazer uma tabuinha e escreveu nela: "João é o seu nome".

Bendito o Senhor

Todos se admiraram quando viram que o velho sacerdote, apenas escrevera o nome do recém-nascido, readquirira a palavra, entoando em altas vozes um hino de louvor: "Bendito o Senhor, Deus se Israel, porque suscitou um poderoso Salvador para nó, como tinha prometido". Dirigindo-se ao menino, acrescentou: "E tu, menino, serás chamado profeta do altíssimo; precederás, com efeito, a vinda do Senhor para preparar-lhe o caminho, anunciando ao povo a salvação".

Esponsais de Maria

Depois do nascimento de João Batista, Maria retomou a Nazaré, onde tinha ficado José, seu noivo. José, tendo percebido que Maria esperava criança, e não sabendo o que havia acontecido, ficou perturbado, chegando mesmo a pensar em desmanchar o noivado. Mas um anjo lhe apareceu em um sonho, explicando-lhe o mistério: "José - lhe disse - não temas tomar Maria como tua esposa, pois o menino que dela há de nascer e que chamarás Jesus é o fruto do Espírito Santo".

Depois deste esclarecimento, José em cujo coração jamais tinha duvidado de Maria, marcou o dia das núpcias, que foram celebradas com os festejos próprios daquele tempo. Terminado o banquete nupcial, José tomou consigo a esposa e levou-a para morar consigo. No entanto, os dias passavam e o tempo do nascimento do Redentor se aproximava, segundo quanto tinha sido predito pelas Escrituras, por boca dos profetas.

Belém

Naquele tempo o imperador romano, César Augusto, que reinava também sobre a Palestina, ordenou o recenseamento de todos os povos sujeitos ao domínio de Roma. Cada qual devia dar o seu nome na cidade de origem. Ora, sendo José e Maria da estirpe de Davi, deveriam pôr-se a caminho até a sua cidade de origem, Belém, distante de Nazaré cerca de 120 quilômetros.

Lá chegando extenuados. Era noitinha, e José foi bater a todas as portas de amigos e presentes, procurando lugar para a esposa poder repousar um pouco. Mas ninguém os quis receber; nem mesmo no albergue público, cheio como estava de peregrinos, foi possível arranjar acomodações. Não podendo deixar Maria passar a noite ao relento, José dirigiu-se com ela para o campo, na esperança de encontrar algum abrigo.

Encontraram uma gruta cavada na rocha e usada como estábulo: mas, depois do que tinham passado, acharam que não poderiam desejar lugar mais seguro e abrigado. José acomodou como pôde a esposa, preparando-lhe um leito com as palhas usadas pelos pastores, quando obrigados também eles a um abrigo improvisado. Não havia lugar para o nascituro Jesus que diria um dia: "O Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça".

Natal

Foi ali naquela gruta que nasceu Jesus, enquanto os anjos cantavam: "Glória a Deus no alto dos céus e paz na terra aos homens de benquerença". Ninguém soube do nascimento do Redentor, anão ser alguns pastores que ali se encontravam montando guarda aos rebanhos. Um anjo do senhor apareceu, dizendo-lhes: "Não temais, trago-vos uma grande nova: hoje nasceu na cidade de Davi o Salvador: ide, encontrareis um menino envolto em faixas, reclinado numa manjedoura".

Os pastores, uma vez sós, disseram entre si: "Vamos a Belém para vermos que acontecimento é este que o Senhor nos fez conhecer". E, pondo-se a caminho, levando no coração as notas alegres do canto dos anjos e na mão os seus pobres presentes, chegaram à gruta e encontraram Maria com José e o menino reclinado na manjedoura. Depois de adorar o menino, voltaram louvando a Deus por tudo que viram.

A lei hebraica prescrevia que todo recém-nascido, no oitavo dia, fosse circuncidado. Com este rito, muito simples, realizado pelo pai, que impunha também o nome, o menino era oficialmente introduzido na comunidade do povo eleito, tornando-se herdeiro das promessas feitas pelo Senhor a Abraão e à sua descendência. José realizou o rito prescrito e deu-lhe o nome de Jesus, que quer dizer Salvador.

Apresentação no Templo

A lei hebraica previa ainda que todo primogênito masculino fosse consagrado ao Senhor, em sinal de total dependência dele; quarenta dias depois do nascimento de Jesus, seus pais dirigiram-se a Jerusalém, levando consigo o menino. Naquela circunstância, toda mãe devia purificar-se diante do Senhor, oferecendo aquilo que sua condição lhe permitia; Maria, pobre como era, ofertou ao sacerdote duas pombinhas.

Havia em Jerusalém certo Simeão, homem bom e piedoso, a quem o Espírito Santo tinha revelado que não haveria de morrer antes de ter visto o Messias. Foi, pois, ao Templo, e tendo visto o menino, tomou-o nos braços e ergueu a Deus um hino de agradecimento, dizendo: "Agora, Senhor, deixa partir em paz o teu Salvador, a luz que ilumina as gentes, e a glória do povo de Israel".

Depois o velho Simão pronunciou esta profecia que encheu de amargura o coração de Maria: "Eis que este menino foi posto para a ruína e a salvação de muitos em Israel, e como sinal de contradição; digo mais: quanto a ti, uma espada de dor haverá de te transpassar a alma..." Jesus, com efeito, haveria de ser motivo de salvação para todos aqueles que nele creriam, e, ao invés, motivo de condenação para aqueles que o haveriam de recusar.

A profetisa Ana

Mal o velho Simeão acabara de falar, adiantou-se uma profetisa chamada Ana, de 84 anos, que não deixava o Templo, servindo a Deus dia e noite, com jejuns e orações. Ela também tinha visto no menino o Salvador prometido, e, dando graças a Deus, pôs-se a falar dele a todos que esperavam a libertação de Israel.

A adoração dos Magos

A noticia do nascimento de Jesus foi levada por uma estrela também ao Oriente, onde viviam alguns homens sábios, entregues ao estado dos astros, os quais conheciam uma profecia que anunciava o Redentor sob a figura de uma estrela. Alguns desses sábios, chamados magos, quando descortinaram no céu aquele sinal extraordinário, partiram à procura do recém-nascido Rei dos judeus, chegando até Jerusalém onde reinava então Herodes.

Na cidade Santa, os magos dirigiam-se a Herodes, indivíduo tirânico e desconfiado, indagando a ele onde teria nascido o Rei dos judeus. Herodes tendo consultado os sacerdotes, ficou sabendo que o Messias

prometido devia nascer em Belém, e para lá encaminhou os magos. Apenas estes saíram da cidade, a estrela que lhes tinha aparecido Oriente os precedia, até que, chegando sobre a casinha onde estava o Menino, parou. Eles então entraram e depois de adorarem o Menino ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra.

A matança dos inocentes

Herodes recomendado aos magos que voltassem a ter com ele para contar-lhe o que tivesse visto, fingindo-se interessado também ele em ir adorar o Menino. Os magos, porém, advertidos em sonho por um anjo, regressaram a seu país por outro caminho. Sentindo-se burlado e temeroso de perder o trono, Herodes jurou matar aquele menino, e para que não lhe escapasse mandou matar todas as crianças menores de 2 anos.

O senhor, contudo, não permitiu que o seu Filho caísse sob a espada do tirano, e mandou um anjo avisar em sonho a José: "Levanta-te - disse-lhe o mensageiro celeste - toma o menino e sua mãe e vai para o Egito e fica lá até que eu de novo te avise, porque Herodes está procurando o menino para o matar" José, tendo acordado Maria, de noite mesmo pôs-se em viagem para o Egito, permanecendo lá até à morte do tirano. Entrementes os soldados de Herodes executaram a ordem desapiedada. Entrando pelas casas adentro, arrancavam brutalmente dos braços das mães os filhinhos, degolando-os. Cumpriu-se assim a "matança dos inocentes", daquele pequeno mártires que, derramando o próprio sangue, salvaram a vida de Jesus. Mas não passaram muitos anos, e também Herodes morreu e de maneira horrível, entre dores atrozes e atormentado pelos remorsos.

Volta do Egito

Tendo morrido Herodes, apareceu de novo o anjo a José, no Egito, dizendo-lhe: "Levanta-te, toma o menino e sua esposa e volta para a terra de Israel, pois já não vivem aqueles que queriam tirar a vida do Menino". E José, tendo tomado a estrada de volta, pensou em fixar-se em Belém, sua terra natal. Mas, tendo ouvido dizer que lá reinava Arquelau, filho de Herodes e tão cruel como o pai, foi morar em Nazaré.

Em Nazaré

Os anos passavam felizes na família de Nazaré. Jesus crescia belo e robusto como qualquer outro menino, sem deixar transparecer no exterior a sua divindade. Ajudava nas lidas domesticas, mostrando-se serviçal e obediente em todas as circunstâncias dos dia em que sua ajuda era solicitada. Aprendia a ler e a escrever, unia-se aos folguedos das demais crianças.

José, que aos olhos dos habitantes de Nazaré era o verdadeiro pai de Jesus, quando na realidade era apenas seu pai nutrício, tinha uma oficina de carpintaria e dela tirava o necessário para a manutenção da sua pequena família. Jesus mesmo procurava aprender o ofício de carpinteiro, ajudando o pai a trabalhar a madeira. Nisso iria ele passar a maior parte de sua vida, até a idade de trinta anos.

Entre os Doutores

Maria e José, como todos os bons israelitas, subiam todos os anos a Jerusalém para as solenidades da Páscoa hebraica, em que se comemora-

va a libertação dos hebreus, da escravidão no Egito. Quando completou doze anos de idade, também Jesus foi com os pais a estas festas. Passados os oito dias da festa, Maria e José, unindo-se um a esta, outra aquela comitiva, tomaram a partir para Nazaré; porém quando eles se reuniram, perceberam que Jesus não estava.

Correram então pressurosos de caravana em caravana, indagando pelo menino ninguém, porém o tinha visto. Regressaram então a Jerusalém, e depois de três dias de angustiosa procura encontraram-no finalmente no templo, em meio aos doutores, conversando com eles. Jesus propunha àqueles sábios certas questões e respondia a outras por eles propostas, dando mostra de uma inteligência muito superior à sua idade, coisa que maravilhava a todos. Então, adiantou-se para ele Maria.

"Filho, por que fizeste assim conosco? - foi-lhe dizendo. - Teu pai e eu, aflitos, te procuramos por toda a parte" Mas Jesus lhe respondeu: "Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas que dizem respeito ao meu Pai?" Jesus falava do Pai celeste, mas nem Maria nem José perceberam totalmente o alcance de suas palavras. Voltaram todos para Nazaré, onde Jesus permaneceu com sua mãe e seu pai até o dia em que haveria de iniciar sua pregação.

Início da vida pública

Tendo morrido José, Jesus devia ocupar-lhe o lugar, providenciando para si e para sua mãe o pão de cada dia. Maria observava o no que crescia, e alimentava o temor de que um dia outro haveria de realizar-se o predito pelo velho Simeão. Todavia Jesus não mostrava ainda sinal algum se nenhum, projeto seu: estava inteiramente dedicado ao trabalho, cuidadoso e preocupado com que em casa nada faltasse.

Chegando à idade de trinta anos, Jesus explicou a Maria que era chegado o momento de iniciar a missão para a qual tinha descido à terra. Despediu-se dela, abraçando-a, e depois abandonou a humilde casa e a aldeia. Governava a Judéia naquele tempo Pôncio Pilatos, e o Império Romano, Tibério César. Sob estes dois personagens devia dar-se a manifestação de Jesus, Messias esperado há tantos séculos.

A pregação de João Batista

Fazia alguns meses que João, filho de Zacarias, tinha começado a pregar nas margens do Jordão. Sua palavra era grave e enérgica: "Fazei penitência - dizia - porque o reino de Deus se aproxima". E a quantos o vinham escutar administrava, em sinal de penitência, um batismo. Ao batizar dizia: "Eu vos batizo na água mas aquele que há de vir após mim é mais forte do que eu. Ele vos batizará no Espírito Santo e no fogo".

O Batismo de Jesus

Também Jesus se apresentou a João Batista para fazer-se batizar. Apenas o viu, foi João prostrar-se diante dele, dizendo-lhe: "Sou eu que devo ser batizado por ti, e tu vens ao invés a mim?" Mas Jesus o tranqüilizou: "Deixa estar por ora, pois convém que cumpramos toda a vontade do Pai". João deixou então que Jesus descesse até o rio e derramou-lhe água na cabeça, batizando-o.

Apenas batizado Jesus saiu da água e foi ajoelhar-se às margens do Jordão, para rezar. Em determinado momento abriram-se as nuvens e

o Espírito Santo desceu sobre ele em forma de pomba, enquanto do céu se ouviu uma voz: "Tu és o meu filho dileto: em ti depositei minhas complacências". Com este gesto era solenemente confirmado pelo Pai celeste o início da missão de Jesus.

Tendo recebido das mãos de João o batismo, encaminhou-se Jesus, sozinho, para um lugar deserto, para ali passar quarenta dias e quarenta noites em oração, sem tomar alimento algum. Com este retiro espiritual, preparava-se Jesus para mostrar-se aos homens como Salvador. No fim dos quarenta dias sentiu fome, mas naquele lugar não havia alimento. Deus permitiu então que o demônio o tentasse.

Jesus é Tentado

Satanás estava aguardando o momento oportuno para colocar à prova este homem que o intrigava, verificar se ele era realmente o Filho de Deus, o Redentor prometido e que haveria de destruir o seu reino. Aproximou-se pois, de Jesus, depois de quarenta dias de orações e mortificações, quando os estímulos de fome já se faziam sentir. O demônio esperava fazê-lo cair em sua rede, como se Jesus fosse um homem como os outros, que cedem facilmente à tentação.

Aproximou-se, pois de Jesus, e sussurrou-lhe: "Se és o Filho de Deus, ordena a estas pedras que se convertam em pão". Com este milagre, Jesus teria podido matar a própria fome e a de todos aqueles que se aproximassem daquele lugar. Mas ele limitou-se a responder: "Está escrito: Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus". Um dia Jesus haveria de realizar um milagre semelhante, multiplicando os Pães; mas agora afastou o tentador.

Satanás não se deu por vencido e pensou em colocar à prova a modéstia de Jesus. Conduziu-o a Jerusalém, até o pináculo do Templo, a uma altura de 180 metros por cima do vale subjacente, e disse-lhe: 'Se és o Filho de Deus, atira-te daqui para baixo, pois Deus prometeu: 'Aos seus anjos ordenou que te carreguem nos braços para que não aconteça que venhas a bater-te de encontro a alguma pedra' ";. E Jesus: "Mas também está escrito: 'Não tentarás ao Senhor teu Deus' ".

O Cordeiro de Deus

O demônio levou por fim Jesus ao cimo de um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e lhe disse: "Tudo isto te darei, todo este poder e a glória destes reinos, porque me foram dados e eu os dou a quem quero; se te prostrares diante de mim e me adorares, tudo será teu". A esta altura Jesus não pôde mais suportar a presença do maligno: "Vai-te embora, Satanás! Pois está escrito: 'Adoras ao Senhor teu Deus e somente a ele servirás' ".

O demônio, com os chifres partidos, retirou-se cabisbaixo, deixando o lugar aos anjos do céu que vinham trazer alimento para Jesus, o qual, daquele lugar de retiro, desceu para o meio dos homens, pronto para iniciar a pregação da nova mensagem que haveria de mudar a face da terra. O senhor dirigiu-se, pois, para as margens do Jordão onde João batizava.

João encontrara dificuldades, pois alguns tinham ido perguntar-lhe quem ele era, tomando-o pelo Messias. Mas ao descortinar Jesus que regressava do deserto indicou-o à grande multidão que o rodeava, dizendo: "Eis o Cordeiro de Deus, eis aquele que tira os pecados do mundo. Eu

antes não o conhecia, mas é aquele sobre o qual desceu o Espírito em forma de pomba. Agora o vi, e vos asseguro que é o Filho de Deus".

Os primeiros Apóstolos

Doutra feita, João fez sinal para dois dos seus discípulos, André e João, afim de que seguissem o Messias. Um instante depois os dois caminhavam ao lado de Jesus sem dizer palavra. Foi Jesus quem por primeiro quebrou o silêncio, perguntando-lhes: "Que queríeis?" E eles, por sua vez responderam: "Mestre, onde moras?" "Vinde e vede". E assim foram até a casa onde estava hospedado o Mestre, tornando-se assim os seus primeiros discípulos.

No dia seguinte, André, regressando a casa, encontrou seu irmão Simão e lhe comunicou a alegre notícia: "Encontramos o Messias": Simão, um rústico mas generoso pescador, quis ser apresentado a Jesus, e pediu ao irmão que o levasse até ele mal o viu, o Salvador fixou-se com imensa predileção, e disse-lhe: "Tu és Simão, filho de Jonas; de agora em diante chamar-te-ás Pedro". Trocando-lhe o nome, ele demonstrava ter sobre Simão um desígnio todo particular.

Jesus continuava a peregrinar pela Gáliléia, acompanhado dos primeiros três discípulos, a fim de retomas a Nazaré, onde deixara sozinha a mãe. Enquanto caminhava, encontrou um tal de Filipe, de Betsaida, a mesma cidade dos dois irmãos, André e Pedro. E disse-lhe: "Segue-me". Á voz do Mestre, Filipe ficou profundamente emocionado e obedeceu profundamente: uniu-se ao grupo que seguia o mestre, sem pedir outras explicações.

Natanael

Homem muito simples, Filipe não conseguiu disfarçar por mais tempo a própria satisfação: desabafou com um seu antigo do peito, Natanael: "Encontramos aquele de quem escreveram Moisés e os profetas, Jesus de Nazaré". Natanael, porém desconfiado como era, sacudiu a cabeça: "De Nazaré saiu algum dia alguma coisa que preste?" Nazaré, como se vê, não gozava lá de muito boa fama entre os judeus. Filipe, porém insistiu: "Vem e vê" Natanael seguiu-o.

Assim que Jesus viu Natanael, exclamou: "Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento" Era a primeira vez que se viam; imagine-se, pois, o espanto de Natanael... "Donde me conheces?" - perguntou ele a Jesus. "Antes que Filipe te chamasse, eu já te vira sob a figueira - respondeu-lhe o Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel".

As Bodas de Caná

Doutra feita, foi Jesus convidado para uma festa nupcial que se realizava em Caná, a poucos quilômetros de Nazaré. Chegou acompanhado dos cinco primeiros discípulos e encontrou lá também a sua mãe. A família dos noivos era muito pobre: prova disso é que no melhor da festa veio a faltar o vinho ... Maria percebeu-o foi ter com Jesus, dizendo-lhe que o problema não era da alçada sua nem dela.

O primeiro Milagre

Mas entre Jesus e sua mãe houve, sem dúvida, naquele momento, alguma transmissão de pensamento, pois Maria, sem dar maior importância às palavras do filho, foi logo dizendo aos servos: "Fazei tudo o que ele

vos disser". Jesus, com efeito, ordenou que se enchessem de água as seis talhas de pedra colocadas na entrada para as abluções dos hóspedes. Quando estavam bem cheias, disse o Senhor aos servos: "Tomai e levai ao mestre-de-mesa".

Assim fizeram os servos, e qual não foi a sua surpresa quando perceberam que a água se transformara em vinho! Levada ao mestre-de-mesa, este, ignorando o acontecimento, assim que o provou correu para os esposos, dizendo-lhes: "Todos costumam servir primeiro o vinho bom, reservando o menos bom para o fim, quando todos já beberam muito; tu, ao invés, guardaste para o fim o vinho melhor".

O possesso de Cafarnaum

Jesus escolheu para residência a cidade chamada Cafarnaum. Todo sábado dirigia-se à sinagoga, aproveitando a leitura de algum trecho da Bíblia para instruir os concidadãos a respeito da vinda do Messias. Um sábado encontrou lá um homem possesso do demônio. Movido de compaixão, ordenou ao demônio: "Sai deste homem". O homem ficou aliviado, e os presentes comentavam entre si: "Quem é este que manda até nos demônios?".

Jesus e as multidões

Onde quer que Jesus fosse, numerosa multidão comprimia-se ao seu redor a fim de ouvi-lo, como também para obter a cura de enfermos, instinto com ele para salvar todos os homens, e devia pregar e dar-se a conhecer a todos. Por isso começou a percorrer toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas: pregava o reino de Deus e curava todas as doenças e enfermidades, e expulsava dos possessos os demônios.

A escolha dos doze

Uma tarde Jesus saiu sozinho de Cafarnaum e subiu a uma colina onde passou toda a noite em oração. Na manhã seguinte reuniu todos os discípulos e escolheu dentre eles doze, que chamou e constituiu apóstolos. Eis os seus nomes: Simão Pedro, André, Tiago e João, Filipe, Bartolomeu, Tomé e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, Judas Tadeu e Judas Iscariotes que haveria de trair a Jesus. Com a escolha dos doze lançava Jesus os alicerces de sua igreja.

As bem-aventuranças

Rodeado dos apóstolos e da multidão, começou Jesus a ensinar sua doutrina cujo primeiro mandamento é a caridade. E disse: "Bem-aventurados os mansos, bem-aventurados Os aflitos, bem-aventurados os pobres, bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, bem-aventurados os misericordiosos, bem-aventurados os puros de coração, bem-aventurados os pacíficos, bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor de justiça: destes é o reino dos céus".

O Pai-Nosso

Muitos fariseus costumavam ir ao templo para orar; isso para serem altamente considerados. Recitavam intermináveis orações, cada uma más complicada que a outra. Jesus, ao invés disso, sugeriu outra maneira de rezar: "Quando orardes, não multipliques inutilmente as palavras, pois vosso Pai celeste conhece muito bem as vossas necessidades. Rezai, pois,

assim: 'Pai nosso que estai no céu...' " e continuou, ensinado-lhes a oração que todos conhecemos.

As parábolas do reino

Depois de ter exposto nas suas grandes linhas a lei do seu reino, quis Jesus explica-la também com parábolas: "O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e semeou no seu campo; sem duvida é o menor de todos os grãos, mas assim que cresce é a maior das hortaliças e toma-se árvore; tanto é verdade que os pássaros do céu vêm abrigar-se nos seus ramos". Como a árvore, a Igreja se estenderá por toda a terra.

Disse também Jesus: "O reino dos céus é semelhante a um campo semeado de boa semente, e no qual um inimigo do proprietário vem e semeia a má erva. Crescerão ambas juntas, mas na época da colheita recolher-se-á a boa semente, ao passo que a erva má será lançada ao fogo". No reino de Jesus haverá sempre bons e maus. No fim dos tempos virá a triagem: os bons serão levados para o céu pelos anjos do Senhor, ao passo que os maus serão atirados ao fogo do inferno.

Com outras parábolas quis o Senhor ensinar que para possuir o seu reino é preciso estar disposto a abandonar tudo: "O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido em um tesouro escondido em um campo. O homem que descobriu esconde-o de novo e, cheio de alegria, vai, vende o que possui e compra aquele campo. É ainda o reino dos céus semelhante a um homem que sai à procura de pérolas preciosa. Tendo encontrado uma de inestimável valor, vende e compra-a".

O servo do centurião

Apresentaram-se a Jesus alguns Judeus, pedindo-lhe, em nome de um centurião romano, que lhe sarasse o servo. "Irei e sará-lo-ei" respondeu o Senhor. Mas enquanto caminhava, foi-lhe ao encontro o centurião, suplicando-lhe: "Senhor, não te incomodes por minha causa: eu não sou digno de que entres na minha casa, mas dize uma só palavra e meu servo ficará curado". E Jesus, admirado com a sua fé, disse-lhe: "Vai e faça-se como creste". Naquele instante o servo sarou.

O filho da viúva

Doutra feita, quando entrava em Naim, cidadezinha da Galiléia situada a 12 quilômetros de Nazaré, deparou Jesus um enterro: era levado à sepultura um rapazinho, filho único de unia viúva, por sinal muito pobre. A mãe, desolada, seguia o féretro, chorando desconsoladamente e chamando pelo filho exânime, seu único arrimo depois do falecimento do marido. Jesus notou a pobre mãe e talvez tenha pensado na sua, que também ficará só, depois da sua partida.

Compadecido, quis consola-Ia. "Não chores" - disse-lhe. Fez colocar em terra o caixão e tocou o corpo inerte do jovem, dizendo: "Jovem, eu te ordeno: levanta-te!". Em meio ao pasmo dos presentes, o rapaz ergueu-se e começou a falar. Jesus tomou-o pela mão e entregou-o À mãe que agora chorava de felicidade. E o povo comentava: "Um grande profeta surgiu entre nós". A notícia espalhou-se em um átimo por toda a cidade e por todos os povoados vizinhos.

Jesus e as crianças

Era comum aproximarem-se de Jesus as crianças. Os discípulos afastavam-nas para não causar incômodos. Mas Jesus repreendia-os: "Deixai vir a mim as crianças porque o reino dos céus é delas e dos que lhes tomam semelhantes". Certa vez acrescentou mesmo: "Se alguém escandalizar um destes pequeninos, melhor fora para ele que se lhe atasse ao pescoço um nó de moinho e fosse atirado ao fundo do mar".

O cego de nascença

Achando-se em Jerusalém, Jesus encontrou um cego de nascença. Os discípulos, como o povo de então, logo pensaram que aquele infeliz ficara cego em castigo de algum pecado. Mas Jesus retificou: "Nem ele, nem seus pais pecaram mas assim sucedeu para que se manifestem nele as obras de Deus". Dito isso, cuspiu no chão, fez lodo com a saliva e passou-o nos olhos do cego, dizendo-lhe: "Vai, lava-te na piscina de Siloé". Assim fez o cego e recuperou a visão.

Zaqueu

Quem se interessava também muito por Jesus era um tal de Zaqueu, chefe dos publicamos, cobradores de impostos. Levado pela curiosidade subiu ele certa vez em uma árvore a fim de observar melhor o Salvador que passava. E Jesus, apenas se aproximou da árvore, ergueu os olhos e disse: "Zaqueu, desce; hoje hospedo-me em tua casa". Zaqueu desceu e levou Jesus a casa, oferecendo-lhe um almoço. Depois, arrependido dos seus pecados, prometeu a Jesus emendar-se.

Maria Madalena

Certo dia foi Jesus convidado para jantar com um amigo seu, fariseu, chamado Simão. Durante a refeição, uma pecadora foi lançar-se aos pés do Mestre, começando a banha-los de lagrimas. Depois enxugou-os com a sua cabeleira, beijou-os e perfumou-os. Simão achou que deveria avisar a Jesus de que aquela mulher era pecadora. Jesus, porém, tomou a defesa da mulher, dizendo: "Em verdade te digo: a esta mulher foram perdoados muitos pecados, porque muito amou".

A ovelha perdida

"Quem de vós - disse também Jesus - que possuindo cem ovelhas e perdendo uma, não deixa noventa e nove no deserto e não sai à procura da que perdeu? E quando a encontra, coloca-a sobre os ombros, todo contente, e, voltando correndo para casa, chama os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo; encontrei a minha ovelha perdida. Assim também vos digo: haverá no céu maior alegria por um pecador arrependido do que por noventa e nove justos".

O filho pródigo

Para ilustrar melhor a misericórdia de Deus para com o pecador arrependido, narrou ainda Jesus outra parábola. Um pai tinha dois filhos. O mais jovem tendo conseguido obter dele a parte da herança que lhe cabia, partiu para longe da casa paterna. Perdulário como era, em pouco tempo esbanjou tudo o que possuía, a ponto de, para não morrer de fome, ter de ir trabalhar como guarda de porcos, até que resolveu voltar. O pai, que o esperava, acolheu-o com festança.

A multiplicação dos pães

Quando Jesus percebeu que os discípulos já tinham aprendido alguma noção do reino de Deus, enviou dois a dois às várias aldeias, dando - lhes o poder de curar as enfermidades e de expulsar os espíritos malignos. EIes retomaram todos entusiasmados com o bem feito, se bem que muito esgotados Jesus os convidou a repousar: "Vinde vós sozinhos para um lugar Apartado e descansei um pouco".

Mas a multidão não perdia de vista, e tendo-lhes descoberto o paradeiro, alcançou-os. Jesus ficou comovido diante de tamanha prova de fidelidade e, esquecendo-se da finalidade daquela viagem, e descuidando do merecido repouso, subiu a uma colina e, tendo-se sentado, continuou a ensinar àquela boa gente. As horas, no entanto passavam, o sol se aproximava do poente, e ninguém tinha comido nada desde a amanhã, tão grande era o desejo de ouvir Jesus "que lhes falava do reino de Deus e sarava a todos".

Os apóstolos começavam a perguntar-se mutuamente como haveria de se arrumar toda aquela multidão para matar a fome. E chamaram a atenção do Mestre para isso: "O lugar é deserto e a hora já é avançada: despede, pois esta gente, a fim de que possam ir pelos campos e pelas aldeias vizinhas procurar o que comer e onde dormir". Mas Jesus respondeu: "Não convém deixa-los ir; dai-lhes vós, de comer". Os apóstolos ficaram boquiabertos, pois diante deles se achavam mais de cinco mil pessoas.

O pão vivo

Novamente dirigiu-se Jesus aos apóstolos, perguntado-lhes: "Quantos Pães tendes?" muito pouca coisa tinham eles: apenas cinco pães e dois peixes. Jesus fez então acomodar na relva a multidão, depois tomou os pães e os peixes e abençoou-os e deu-os aos apóstolos, a fim de que os distribuíssem à multidão. Aqueles pães e aqueles peixes, multiplicaram-se sob os seus olhos, de modo que toda aquela gente comeu até saciar-se.

Tendo visto o milagre, a multidão comentava: "Este é verdadeiramente o Profeta que deve vir ao mundo", e queria arrebata-lo para o fazer rei. Mas Jesus desapareceu no meio deles, retirando-se para orar. Quando, então, no dia seguinte, tomou a aparecer, o povo que tinha assistido ao prodígio da multiplicação dos pães aglomerou-se novamente ao seu redor. Jesus compreendeu que chegara o momento de revelar-lhe uma grande promessa, aproveitando o entusiasmo despertado na multidão pela multiplicação dos pães.

Disse-lhes, pois, Jesus: "Vós me procurais, não por causa dos milagres que vistes, mas por causa dos pães que comestes e de que vos saciasses. Procurai, não o pão que parece, mas o pão que dura para a vida eterna". Ele falava da sua palavra e da Eucaristia que haveria de instituir: "Eu sou o pão vivo descido do céu. Se alguém comer deste pão viverá eternamente: o pão que vos darei é a minha carne". O povo nada entendeu, e afastou-se decepcionado. Mas Pedro, falando em nome dos doze, fez a sua profissão de fé.

Os dois endemoninhados

Assim que chegaram à outra margem, Jesus e os apóstolos dirigiram-se à região dos garasenos. Apenas pisaram em terra, foram-lhes ao encontro dois endemoninhados, que viviam no meio das tumbas e eram tão furiosos que ninguém ousava aproximar-se deles. Um destes, vendo de

longe a Jesus, correu-lhe ao encontro, prostrou-se-lhe diante e, em altos brados, disse-lhe: "Que há entre nós e ti, filho de Deus? Vieste para atormentar-nos?"

Jesus perguntou ao demônio que falava pela boca daquele infeliz: "Como te chamas?" E ele: "Legião, pois de fato somos muitos". Com efeito, os demônios que tinham nele entrado eram muitos e suplicavam a Jesus que não lhes ordenasse precipitar-se no abismo. Havia ali perto uma grande vara de porcos que pastavam, e os demônios disseram a Jesus: "Se nos expulsares, permite-nos entrar naqueles porcos que ali estão". Jesus lhos permitiu e a vara foi precipitar-se no lago.

A Cananéia

Continuando sua viagem, dirigiu-se Jesus para a região de Tiro e Sídon. Também aqui o demônio manifestava seu poder sobre os homens, entrando-lhes nos corpos. Entre outros, estava possessa do demônio uma mulher pagã, tendo ouvido falar de Jesus que andava por aquelas bandas, decidiu ir-lhe ao encontro e pedir-lhe que libertasse sua filhinha, havia vários dias.

A mulher assim gritava a Jesus: "Senhor, filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está sendo cruelmente atormentada pelo demônio". Mas ele fingiu ignorá-la. Os discípulos, incomodados com aqueles gritos. Disseram-lhe: "Dize a ela que se vá, pois não pára de gritar atrás de nós!" E Jesus: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas de Israel". Depois disse à mulher: Deixa que se saciem primeiro os de casa, pois não fica bem tomar o pão dos filhos e atirá-lo aos cães".

A mãe, longe de desanimar, respondeu a Jesus: "Está certo, Senhor, mas acontece que também os cachorrinhos costumam comer debaixo da mesa as migalhas dos filhos". Diante de tanta fé, Jesus não pôde resistir mais: "ó mulher, grande é a tua fé! Vai pelo que disseste sejam-te satisfeitos os desejos: o demônio já deixou a tua filha". A mulher creu nele, e tendo regressado a casa encontrou a filha completamente curada. É que o demônio, a uma ordem de Jesus, já a tinha abandonado.

O primado de Pedro

Depois de ter pregado no território de Sídon, Jesus dirigiu-se com os apóstolos aos pés do monte Hermon, na cidade de Cesaréia de Filipe. Ali perguntou aos discípulos: "Quem dizem os homens ser o filho do homem?" Os apóstolos relataram-lhe as várias opiniões. E ele acrescentou: "E vós, quem dizeis que eu sou?" Pedro, em nome de todos, tomou a palavra, dizendo: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus Vivo". Muito agradou a Jesus esta profissão de fé.

Tanto que ele premiou imediatamente a confissão de Pedro, respondendo-lhe: "Feliz de ti, Simão, filho de Jonas, porque não foi por ti mesmo que chegaste a isto, e sim o meu Pai que está nos céus foi quem to revelou. E eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha igreja, e as portas do inferno não hão de prevalecer contar ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus". Com estas palavras tencionava Jesus construir Pedro chefe dos apóstolos e seu vigário na Terra.

O anúncio da paixão

Pouco tempo depois revelou aos seus discípulos que era necessário que ele fosse a Jerusalém, onde haveria de sofrer, ser condenado, conduzido à morte, para ressuscitar ao terceiro dia. Os discípulos não conseguiam compreender como Jesus, Messias e Filho de Deus, devesse sofrer. Pedro chegou mesmo a dizer-lhe: "Senhor, isso não deve acontecer!" Mas Jesus respondeu-lhe duramente: "Retira-te, Satanás! Tu não racionas segundo Deus".

A transfiguração

Certa vez tomou Jesus consigo Pedro, Tiago e João e subiu com eles ao monte Tabor. Lá chegando, transfigurou-se diante deles: seu rosto tomou-se resplendente como a neve. Junto dele estavam Moisés e Elias. Os apóstolos prostraram-se por terra e Pedro disse: "Senhor, como é bom estarmos aqui! Façamos três tendas e fiquemos aqui". Nisto ouviu-se uma voz vinda do alto, que dizia: "Este é o meu filho bem-amado: ouvi-o!"

Assim que desceram da colina, encontraram os outros apóstolos discutindo com os escribas. E um homem, assim que avistou Jesus, destacou-se do grupo e veio prostrar-se-lhe aos pés, rogando-lhe: "Senhor, tem piedade do meu filho, que está atormentado pelo demônio". Jesus fez trazer o rapaz e curou-' os apóstolos perguntaram-lhe; "Por que nós não conseguimos expulsar o demônio?" Ele então lhes explicou que aquela espécie de demônio só se podia expulsar com oração e o jejum.

A incredulidade dos Judeus

Os parentes de Jesus insistiram com ele para que fosse até Jerusalém por ocasião da Festa dos Tabernáculos, a fim de fazer milagres.Mas ele queria ir sem espalhafato: depois foi sozinho,com os discípulos.Durante a festa, os judeus várias vezes o procuraram: "Onde estará ele?"

E entre a multidão ouviam-se as mais disparatadas opiniões a seu respeito.Uns diziam: "É bom sujeito". Outros, ao contrário: "'Nada, é um tapeador".

Um dia Jesus se pôs a ensinar publicamente no templo.Os judeus, maravilhados com a sua doutrina diziam:"Como pode ele conhecer assim tão bem as criaturas,se jamais freqüentou escola?" Jesus então falou-lhes assim: "Minha doutrina não é minha mas daquele que me enviou Por isso,quem me ouve, ouve o meu Pai que me enviou."Com estas palavras,Jesus declarava-se Filho de Deus,e os judeus queriam condena-lo como blasfemador.

No último dia da festa, Jesus exclamou em altas vozes, no meio da multidão: "Quem tem sede, venha a mim e beba. Do interior de quem crê em mim, como diz a escritura, brotarão rios de água viva".Referia-se ao Espírito Santo que haveriam de receber aqueles que haveriam de crer nele. Estas revelações deixavam cada vez mais desconcertados os judeus, os quais, porém, influenciados pelos escribas e fariseus, obstinavam-se em não crer nele.

Disse ainda Jesus: "Quem guardar minhas palavras não morrerá". Os judeus se escandalizaram: "És porventura maior que nosso pai Abrão, que, entretanto morreu?" Mas Jesus explicou: "Abraão, vosso pai, exultou de alegria ao pensar que haveria de ver o meu dia: viu-o e alegrou-se nele". Elos não podiam compreender como poderia Jesus ter visto Abraão. Disse

Jesus: "Digo-vos: antes que Abraão fosse, eu sou".Apanharam então pedras para lhe atirar, mas Jesus saiu do templo.

O bom pastor

Jesus amava os hebreus, apesar de muitos deles o odiarem e desejar-lhe a morte. Por isso, quis comparar-se um dia ao bom pastor. "Conheço minhas ovelhas, amo-as, chamo-as pelo nome e por elas dou a minha vida. Para isso vim a esta terra: para que tenham a vida e a tenham, em abundância. A mercenária, ao invés, encontrando-se em perigo, foge e abandona as ovelhas".

O bom samaritano

Um fariseu perguntou certa vez a Jesus: "Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna. Jesus respondeu:" Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e ao próximo como a ti mesmo." "Quem é o meu próximo?"- perguntou o outro. E Jesus contou-lhe o caso de um homem que fora assaltado, ferido e abandonado na estrada. Um samaritano, ao passar por ali, teve compaixão dele e pensaram-lhe as feridas. E concluiu:" Vais faça o mesmo".

A família de Lázaro

Jesus ia freqüentemente à casa de Lázaro e de Marta e Maria, suas irmãs.Um dia, enquanto Marta se atarefava para proporcionar a Jesus um acolhimento à altura, Maria continuava aos seus pés do Mestre, ouvindo-o. Marta então começou a falar a Jesus: "Mestre, dize a minha irmã que venha ajudar-me". Jesus, ao invés, sorrindo, respondeu: "Marta, Marta, preocupas-te com coisas de pouco importância. Maria ao invés escolheu o melhor: ouvir as palavras de vida eterna".

A ressurreição de Lázaro

Lázaro adoeceu e logo ficou nas últimas. As irmãs mandaram chamar Jesus: "Senhor, eis que o teu amigo está doente". Mas ele não deu maior importância ao fato, observando apenas que não se tratava de uma doença mortal, e continuou a pregação. Logo em seguida, porém, ele próprio anunciou que Lázaro morrera, e tomou o caminho de Betânia. Marta foi-lhe ao encontro: "Senhor, se estivesse aqui meu irmão não teria morrido".

Jesus dirigiu palavras de consolo às duas irmãs, encaminhando-se em seguida à sepultura de Lázaro. "Tirai a pedra" - disse aos parentes, apenas chegou diante do sepulcro. Todos o fixaram espantados, e Marta notou-lhe que já fazia quatro dias que Lázaro fora sepultado. Mas Jesus fez remover assim mesmo a pedra; em seguida, com voz imperiosa, exclamou: "Lázaro, vem para fora!" A estas palavras a vida retomou repentinamente àqueles membros inertes, e Lázaro ressuscitou.

Alguns fariseus que haviam presenciado a cena creram em Jesus; outros, porém, percebendo que este prodígio só podia aumentar-lhe a fama, foram avisar os chefes do povo. "Que faremos?" - perguntavam-se estes. "Se o deixarmos agir, todos acabarão crendo nele, e virão os romanos e destruirão a nossa cidade e a nossa nação". Então levantou-se Caifás, sumo sacerdote, e sentenciou: "É melhor que um só morra por todos". E desde aquele dia os chefes dos judeus decidiram matar Jesus.

A entrada em Jerusalém

Estando próximo os festejos pascais, Jesus dirigiu-se a Jerusalém. A dois quilômetros da cidade, enviou à frente dois dos seus discípulos, com a recomendação: "Ide até o lugarejo que vos está à frente e lá encontrareis amarrada uma jumenta com seu jumentinho. Desatai-os trazei-nos. E se alguém vos disser algo, responder: 'O Senhor tem necessidade deles, mas os devolverá logo'. Os discípulos partiram, e fizeram como lhes dissera o Senhor.

Depois de ter trazido a jumenta e o jumentinho, os discípulos colocaram-lhes por cima os próprios mantos, e fizeram com que Jesus montasse no animal, para entrar em Jerusalém. A multidão viu-o e aproximou-se dele, gritando entusiasmada: "Hosana ao Filho de Davi. Bendito aquele que vem em nome do Senhor. Hosana no mais alto dos céus!" E estendiam os próprios mantos na estrada por onde Jesus devia passar, agitando palmas e ramos de oliveira, pois viam em Jesus o Messias esperado.

Alguns fariseus mostravam-se escandalizados com o entusiasmo da multidão que julgavam excessivo, ficando despeitados sobre tudo por causa dos discípulos de Jesus, de sorte que se dirigiram a ele para queixar-se: "Mestre, - disseram-lhe - faz calar os teus discípulos". Mas ele lhes respondeu: "Eu vos digo: se eles calassem, as próprias pedras calariam". Os fariseus eram mais duros que as próprias pedras, e a inveja que tinham da popularidade de Jesus os cegava, impedindo-lhes ver em Jesus o Messias.

Jesus ensina no Templo

Tendo abandonado a cavalgadura, depois de solene entrada em Jerusalém, Jesus dirigiu-se ao Templo, donde expulsou a chicotadas os vendilhões e os cambistas. Depois começou a ensinar à multidão e a curar todos os enfermos que lhe eram trazidos, e de vez em quando alguém recomeçava a gritar: "Hosana ao Filho de Davi". Jesus continuou a ensinar e curar os doentes no Templo durante vários dias.

Enquanto Jesus lá estava anunciando a boa-nova, aproximaram-se dele os sacerdotes, os escribas, os anciãos e os dirigentes do povo, para pergunta-lhe: "Responde-nos: com qual autoridade fazes estas coisas?". Mas Jesus fez-lhes uma pergunta que os deixou em sério embaraço: "O batismo de João - disse-lhes - vem de Deus ou dos homens?" Refletiram eles que qualquer resposta que dessem os poria no maior aperto. E preferiram calar-se. E nem Jesus lhes respondeu nada.

Os maus vinhateiros

Narrou-lhes uma parábola. Um homem arrendara uma vinha, e no templo da vindima enviou os servos para trazerem parte dos frutos; mas os viticultores os espancaram e afugentaram. Enviou-lhes então o próprio filho, julgando que o respeitariam. Ao invés, eles, para terem a herança, mataram-no. "Que fará o Senhor?", perguntou Jesus. "Punirá os viticultores e dará a vinha a outros", responderam-lhes. Jesus concluiu: "A vós será tirado o reino de Deus e dado a outros".

A instituição da Eucaristia

Jesus consumiu a ceia segundo o costume hebreu; depois, a certa altura, tomou um pão, benzeu, partiu-o e distribuiu-o aos discípulos, di-

zendo: "Tomai e comei: isto é o meu corpo". Tomando depois um cálice de vinho, benzeu-o e ofereceu-o aos apóstolos, dizendo-lhes: "Bebei todos dele; porque isto é o meu sangue, o sangue da aliança, derramado por muitos em remissão dos pecados. Fazei isto em memória de mim."

Terminada a ceia, Jesus predisse que naquela mesma noite também os apóstolos o haveriam de abandonar, e concluiu: "Eis que chegou para mim o momento de partir deste mundo. Levantai-vos, vamo-nos". Pedro protestou energicamente. Mas Jesus o advertiu de que naquela mesma noite ele, Pedro, o haveria de negar nada menos de três vezes. Mas Pedro insistia dizendo que nunca o haveria de fazer. Depois se encaminharam para o Jardim do Getsêmani.

No Getsêmani

Chegando ao Getsêmani, e antes de lá entrar, disse Jesus aos apóstolos: "Esperai aqui,enquanto vou orar." Tomou consigo Pedro, Tiago e João e dirigiu-se para uma clareira solitária.Os apóstolos caíram logo no sono, enquanto ele orava "Meu Pai, tudo é possível para ti; quer-se afasta de mim este cálice"; acrescentando: "Porém, não a minha, mas a tua vontade seja feita". Devido ao sofrimento, um suor de sangue caía-lhe do corpo.

Jesus é preso

Jesus acordou várias vezes os apóstolos, e por fim, ouvindo os passos da soldadesca, disse: "Levantai-vos, vamo-nos: eis que se aproxima alquile que me há de trair". Judas prevenira os soldados: "Aquele a quem eu beijar, é ele: prendei-o". E apenas se aproximou de Jesus, beijou-o e os soldados o cercaram. Mas Jesus lhes disse: "A quem procurais?" E eles: "Jesus Nazareno". "Sou eu. Se for a mim que procurais, deixai em paz estes". Os deixai em paz estes ". Os soldados então o prenderam.

Marcos, o futuro evangelista

Um jovem, ao ouvir o estrépito dos soldados, tinha acorrido, tão apressadamente que até se esquecera de vestir-se convenientemente (estava envolto somente em um lençol). Quando os soldados começaram a arrastar Jesus para a casa do sumo sacerdote, pôs-se a segui-los. Os soldados o agarraram. Ele porém, escapou, nu. Mais tarde, este jovem tornou-se o secretário de Pedro e autor de um evangelho. Era Marcos.

Diante do tribunal

Jesus foi conduzido à casa de um tal de Anãs, que já fora sumo sacerdote, o qual lhe fez várias perguntas sobre sua doutrina e seus seguidores,mas Jesus respondeu-lhe: "Eu sempre ensinei em público: interroga aqueles que me ouviram". A estas palavras, um dos soldados deu-lhe uma bofetada, julgando injuriosa tal resposta. Jesus então lhe disse: "Se falei mal, diz-me em que; se não por que me bates?" Anãs decidiu então encaminhá-lo a Caifás.

Na presença do sumo sacerdote

Caifás recrutou várias testemunhas contra Jesus, mas nenhuma formulou verdadeiras acusações. Pediu, pois, a Jesus que falasse: "Esconjuro-te, pelo Deus vivo, que nos diga se és o Cristo, o Filho de Deus". Jesus respondeu: "É como disseste: eu o sou". O sumo sacerdote rasgou então

as vestes, exclamando: "Blasfemou! Que necessidade temos ainda de testemunhas?" Os presentes responderam a uma voz: "É réu de morte!".

Negação de Pedro

Neste ínterim Pedro tinha penetrado no pátio, para ver que rumo tomavam os acontecimentos. Foi reconhecido primeiramente por uma criada, depois por outra, e logo em seguida por um grupo de curiosos, os quais lhe disseram: "És um dos discípulos de Jesus".

Mas Pedro, tímido e medroso, negou-o, dizendo: "Nem conheço este homem!" Logo em seguida, porém, lembrando-se que Jesus lhe tinha predito a negação, chorou amargamente.

Diante de Pílatos

A sentença de morte pronunciada pela autoridade judaica não podia ser executada antes de receber a confirmação por parte da autoridade romana representada por Pilatos. O sumo sacerdote encarregou então alguns de acompanharem Jesus até Pilatos, a fim de que este confirmasse a sentença de morte por ele decretada. Os chefes dos judeus enviaram também uma grande multidão para que gritasse contra Jesus, influenciando a decisão do procurador.

Pilatos, quando viu diante de si Jesus, tentou proceder legalmente. Começou a sair do pretório e perguntar aos judeus que acusações traziam contra Jesus. Mas aqueles não queriam saber de júri, e sim da confirmação da sentença de morte já pronunciada pelo Sinédrio. Por isso, ponderam enfurecidos: "Se este tal não fosse um malfeitor, não o teríamos trazido até aqui".

Mas Natos não era homem de ceder facilmente, e resolveu interrogar Jesus. Não conseguiu encontrar nele culpa alguma, disse aos judeus: "Não encontro nele sombra de culpa". Os judeus, então, percebendo que Natos estava disposto a libertar Jesus, gritaram: "Encontramos este homem incitando o povo à revolta, aconselhando a sonegar o imposto ao César e chegando a se proclamar rei". Ouvindo isto, Pilatos reinquiriu Jesus: "És tu rei?" Respondeu-lhe Jesus: "Sim, sou-o; meu reino, porém, não é deste mundo".

De Herodes a Pilatos

O procurador enviou Jesus a Herodes, tetrarca da Galiléia, que se encontrava então em Jerusalém. Este o tratou como louco, devolvendo-o a Pilatos, o qual usou outro expediente: propôs ao povo escolher entre a libertação de Jesus ou a Barrabás, um criminoso vulgar. Mas os judeus não vacilaram: pediram a libertação de Barrabás e a crucificação de Jesus. Pilatos tentou um último recurso: "Mandarei flagela-lo, e depois livrarei". E entregou Jesus à soldadesca.

Os soldados despiram Jesus de suas vestes, e amarraram-no numa coluna, flagelaram-no e coroaram-no de espinhos. Reduzido a tal estado, com um farrapo de púrpura aos ombros e na cabeça uma coroa de espinhos, foi Jesus apresentado à multidão: "Eis o homem!" - disse Pilatos. E a turba endurecida: "Crucifica-o!" Notando em Pilatos certa indecisão, berravam: "Se soltares este homem, não és amigo do César!". Pilatos empalideceu e assinou a sentença de morte contra o Senhor.

A via dolorosa

O tumulto crescia. Pilatos lavou então as mãos, dizendo: "Sou inocente do sangue deste justo". Entrementes, os sold'ados revestiram Jesus com sua própria roupa e puseram-lhe aos ombros uma cruz pesadíssima. Conduziram-no depois a uma elevação próxima, a fim de crucifica-lo. Durante o trajeto, premido por uma multidão que o insultava, Jesus chegou a cair três vezes; então os soldados obrigaram um transeunte, Simão Cireneu, a ajudá-lo a carregar a cruz.

Os dois Ladrões

Um destes começou a dirigir insultos a Jesus: "Não és o Cristo? Pois então salva-te a ti mesmo e a nós!" Mas o outro repreendeu-o "Não temes a Deus, nem depois de condenado? Nós recebemos o justo castigo, mas este nada fez de mal". E disse Jesus: "Hoje mesmo estarás comigo no paraíso". Em seguida perdoou aos seus algozes: "Pai! Perdoai-lhes: não sabem o que fazem".

Maria aos pés da cruz

Maria, a mãe de Deus, que havia seguido o Filho por todo o percurso da via dolorosa, lá estava, aos pés da cruz , rodeada por algumas senhoras e tendo ao lado João. Jesus vendo-a junto a João, voltou para ela o olhar, dizendo-lhe: "Mulher, eis o teu Filho". Depois, fixando o discípulo predileto, acrescentou: "Eis a tua mãe". Com estas palavras, dava a João e a todos os crentes sua mãe, tornando-a a Mãe de toda a humanidade remida.

A morte de Jesus

No meio de tão atrozes tormentos, ergueu Jesus os olhos para o céu e exclamou: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?". Mas logo em seguida manifestou ter realizado até o fim a vontade do Pai, rezando assim: "Pai, em tuas mãos encomendo o meu espírito". Em seguida, inclinando a cabeça, expirou. Eram três horas da tarde. Produziu-se então um grande terremoto e o sol obscureceu-se. O centurião exclamou: "Certamente este era o Filho de Deus".

O sepultamento

À vista do terremoto, muitas pessoas ficaram convencidas da inocência de Jesus. Um soldado quis, porém, certificar-se de que ele estava realmente morto, e lhe enterrou a lança no lado, donde correu o sangue e água. José de Arimatéia, discípulo de Jesus, embora membro do Sinédrio, pediu a Pilatos autorização para retirar o corpo do Senhor e dar- lhe sepultura. Pilatos permitiu-lhe. José envolveu-o em uma tumba no jardim de sua propriedade.

A ressurreição

Os amigos de Jesus pensavam retomar o cadáver no dia seguinte à Páscoa, para embalsamá-lo e dar-lhe condigna sepultura. Mas Jesus tinha predito: "Hei de ressuscitar no terceiro dia". E eis que na manhã do terceiro dia, num abrir e fechar de olhos, os soldados que montavam guarda ao sepultamento foram acordados por uma luz fortíssima e viram um anjo que removia a pedra do sepulcro, agora vazio, pois Jesus ressuscitara gloriosamente.

Entrementes, as piedosas senhoras que haviam presenciado a morte de Jesus, depois do repouso do sábado, de manhã muito cedo, dirigiram-se ao Calvário com vasos cheios de ungüentos para ungir o corpo de Jesus. E perguntavam umas às outras durante o trajeto: "Quem removerá para nós a pedra do sepulcro?" Mas assim que viram, notaram que já estava aberto. Aproximando-se mais, viram-no vazio. Apareceu um anjo que lhes disse: "Sei a quem procurais: Jesus de Nazaré. Não está aqui: ressuscitou".

As piedosas mulheres correram então a contar aos apóstolos a nova da ressurreição de Jesus. Depois, uma delas, Maria Madalena, retomou ao sepulcro.Um homem que se encontrava junto ao sepulcro vazio perguntou-lhe: "Mulher, por que choras? A quem procuras?" Maria, pensando tratar-se do jardineiro, disse-lhe: "Se tiraste o colocaste o cadáver, dize-me onde o colocaste". Mas este a chamou: "Maria!". Reconhecendo a voz, Maria logo compreendeu que era Jesus. "Mestre!" - exclamou, e atirou-se-lhe aos pés.

As aparições de Jesus

Pedro e João foram ver se Jesus tinha realmente ressuscitado. Chegaram correndo ao sepulcro, entraram ms Jesus lá não mais estava. Viram as faixas com que tinha sido envolvido, o sudário que lhe tinha colocado na cabeça, mas ainda sob o impacto do medo que deles se apoderara nos dias anteriores, não conseguiam convencer-se de que Jesus tivesse realmente ressuscitado. Retiraram-se com os demais apóstolos e ficaram em casa, esperando...

Mas Jesus se mostrou aos apóstolos na mesma tarde da ressurreição. Estando fechadas as portas, apareceu no meio deles, e disse: "A paz esteja convosco". Pôs-se a conversar e repreendeu-os por não terem dado fé às piedosas senhoras. Depois disse-lhes: "Como o Pai me enviou, assim eu vos envio a vós: ide, pois, e pregai o Evangelho a todas as gentes, batizando- as em nome do Pai, do filho e do Espírito Santo. Quem crer, será salvo".

Os discípulos de Emaús

No mesmo dia da ressurreição, dois discípulos caminhavam em direção a uma aldeia chamada Emaús . Enquanto falavam e discutiam, Jesus juntou-se a eles, sem que o reconhecessem. Fez-lhes perguntas sobre Jesus, de que estavam falando, e eles disseram-lhe: "Esperávamos que ele fosse aquele que haveria de libertar Israel". Chegados à aldeia, os dois discípulos convidaram-no a comer com eles, e, tendo-se assentado à mesa, reconheceram-no partindo o pão.

A incredulidade de Tomé

O apostolo Tomé não estava com os demais na ocasião em que Jesus lhes aparecera. Disseram-lhe pois: "Vimos o Senhor". Mas ele: "Enquanto não vir nas suas mãos os sinais dos cravos e a mão no seu lado, não crerei". Oito dias depois, o Senhor, aparecendo de novo, disse Tomé: "Coloca a mão aqui no meu lado, e não sejas incrédulo!" Tomé exclamou: "Meu Senhor e meu Deus".

O primado de Pedro

Certo dia, Jesus se apresentou aos apóstolos no lago de Tiberíades. E perguntou a Pedro: "Simão, amas-me mais do que estes?" "Sim, Senhor, tu bem sabes que te amo". E Jesus lhe disse: "Apascenta os meus cordeiros". Interrogado uma segunda e uma terceira vez, Pedro respondeu: "Sim, Senhor, tu bem sabes que te amo". E Jesus lhe disse: "Apascenta minhas ovelhas, apascenta minhas ovelhinhas". Destarte confirmou-o como chefe da Igreja.

A ascensão

Passados quarenta dias depois da ressurreição, Jesus apareceu uma última vez aos apóstolos, convidando-os para subir com ele até o monte das Oliveiras. Depois disse-lhes: "Está escrito que o Cristo deveria sofrer, morrer e ressuscitar ao terceiro dia. Fostes testemunhas destas coisas, a fim de que as possais pregar até os confins do mundo". Dito isto, abençoou-os e, erguendo-se acima do solo, subiu ao céu, para assentar-se à direita do seu Pai.

HISTÓRIAS EVANGELICAS

JESUS AJUDA A MULHER GREGA

Um dia Jesus e seus auxiliares estavam caminhando na terra do fenícios. eles tinham deixado a Galiléia, para ter um pouco de paz e sossego. Mas uma mulher grega foi até Jesus, porque soubera que ele curava os doentes. A mulher tinha uma filha que sofria de ataques.

E ela gritava: "— Mestre, ajuda-me! um espírito mal entrou em minha filha!" Como Jesus não respondesse nada, a mulher grega se aproximou e caiu a seus pés. Ela implorava: "— Senhor, ajude-me!" Jesus lhe respondeu com uma expressão do povo: "— Não está direito a tirar a comida dos seus filhos para dá-Ia aos cachorrinhos". A mulher grega respondeu a Jesus: "— Mas os cachorrinhos comem as migalhas que cai na mesa dos meus filhos". Jesus respondeu a mulher: "— Você tem muita fé! por cauda disso, sua filha será curada".

A mulher grega agradeceu a Jesus e foi correndo para casa.

Chegando a casa, encontrou a filha curada, deitada calmamente na cama, exatamente como Jesus tinha-lhe dito.

JESUS AJUDA UM OFICIAL ROMANO

Um dia Jesus chegou a Cafanaum, os homens importantes da cidade correram a seu encontro. disseram-lhe: "Mestre o oficial romano que esta comandando a guarnição precisa de sua ajuda. Seu empregado esta muito doente, quase morrendo. O oficial pede ao senhor que vá salvar a vida de seu empregado. Ele até construiu uma sinagoga para nós com o seu próprio dinheiro".

Jesus foi com eles até a casa do oficial. O próprio oficial saiu ao encontro deles. Ele disse a Jesus: "— Eu não sou digno de que o senhor entre em minha morada. Basta que diga uma só palavra, e meu empregado ficará curado. O senhor tem autoridade de Deus, assim como eu tenho autoridade sobre o exército romano. Sou Centurião e tenho sob minhas ordens, cem homens que me obedecem. Sei que eles farão tudo o que eu lhes ordenar. Por isso basta que o senhor diga uma palavra e eu sei que meu empregado viverá".

Jesus ficou admirado. Disse a multidão que estava em sua volta:

"— Nunca encontrei tanta fé numa pessoa, nem mesmo entre o meu povo". Então Jesus disse ao oficial: "— Pode voltar para casa e verá que tal qual você esperava, tudo aconteceu".

O oficial encontrou seu empregado em perfeita saúde, como antes.

PARÁBOLA - A INFÂNCIA DE JESUS

Jesus cresceu numa pequena cidade perto do mar da Galileia chamada Nazaré - JESUS DE NAZARÉ. O pequenino, via sua mãe Maria limpando e varrendo, fazendo pão e costurando. Ia com ela buscar água no poço todos os dias.

Maria ensinava Jesus a conhecer a Deus como seu Pai Celestial. Jesus via seu pai do céu trabalhando em volta dele. Ele admirava as flores, os pássaros e os animais.

gostava de ficar com os pastores nas colinas e com os pescadores no mar da Galileia.

José, seu pai terrestre, era carpinteiro. ele ensinou a Jesus a fazer objetos de madeiras e ser um carpinteiro - assim cresceu Jesus.

PARÁBOLA - O COBRADOR DE IMPOSTOS

Jesus passava pela cidade de Jericó, a caminho de Jerusalém. Zaqueu, o cobrador de impostos tinha muita vontade de ver Jesus. Mas Jesus estava cercado de muita gente e Zaqueu era baixinho.

Ele nunca conseguira ver Jesus. Além disso, por cobrar impostos para os administradores romanos ficara muito rico. Por isso, era odiado pelo seu povo e considerado pescador diante de Deus. Ninguém o deixaria ver Jesus.

Por isso Zaqueu correu à frente da multidão e subiu numa árvore chamada Socorro que havia a beira do caminho. Jesus ia passar exatamente por debaixo da árvore e lá ele o poderia ver bem. Mas quando Jesus estava passando por debaixo da árvore, parou e olhou para cima. ele disse: — Desça depressa, Zaqueu!!! Vou jantar hoje na sua casa.

Zaqueu ficou na maior alegria e desceu imediatamente. Mas então ele ouviu o povo dizer: "— imaginem!! Jesus, um homem de Deus, vai comer na casa de Zaqueu, um pescador!!! então, Zaqueu parou e olhou para Jesus dizendo: "— Senhor, darei a metade do meu dinheiro aos pobres. E se enganei alguém, eu lhe devolverei quatro vezes mais!!!. Jesus disse: "— Zaqueu, hoje Deus o salvou!!!"

O ENSINAMENTO DE JESUS

Jesus não tinha casa, percorria cidades e vilas da Galileia espalhando os ensinamentos do bem. ficou muito popular, a multidão vinha de toda parte para vê-lo para ouvir seus ensinamento pedir-lhe a cura de alguma doença.

Desde então começou a surgir os seus seguidores, por onde ele passava sempre fazia cura. e todos ficavam curiosos se perguntando que homem é esse com tanto poder de salvar as pessoas, e os seguiam largando tudo para trás.

Jesus continuou com suas andanças, pregando o evangelho de Deus.

JESUS E AS CRIANÇAS

Jesus estava com seus 12 apóstolos ensinando as palavras de Deus, quando algumas pessoas traziam suas crianças para ele os tocar, os seus amigos apóstolos repeliram aquelas pessoas para não o perturbar. Porém, Jesus os chamava.

E disse: "— Deixai vir a mim os meninos e meninas e não os impeçam, porque são o Reino de Deus. Pois em verdade vos digo: Todos os homens que não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele".

JESUS NA SAMARIA

Os judeus odiavam os samaritanos. A Samaria ficava entre a Galileia, ao norte, e Jerusalém, ao sul. Os judeus que viajavam entre o norte e o sul, davam uma grande volta, atravessando o rio Jordão, só para não se encontrarem com os samaritanos.

Um dia, Jesus estava a caminho de Jerusalém para a Galiléia.

Atravessou a Samaria com os seus doze ajudantes. Por volta do meio dia, chegaram a uma pequena cidade. Jesus sentou-se a beira de um poço, enquanto seus ajudantes foram procurar pão. Uma mulher da cidade de Samaria veio buscar água no poço. Jesus lhe disse: "— Por favor me dê um pouco de água". Ela lhe respondeu: "— Um judeu pedindo água para uma samaritana!"

Jesus respondeu: "— Se você soubesse quem sou eu, você é que me pediria e eu lhe daria água viva".

A mulher disse: "— Meu povo adora a Deus exatamente como vocês, judeus. vocês dizem que Deus só pode ser adorado em Jerusalém. Mas eu sei que chegará um salvador, chamado Cristo. Quando ele chegar, ele nos dirá a verdade". Jesus disse: "— Eu sou Cristo, o que fala com você neste momento".

A mulher voltou a cidade e contou a seus amigos tudo o que se passara no seu encontro com Jesus. Muitos samaritanos foram vê-lo.

Jesus ficou com eles durante dois dias. E muitos acreditaram nele.

O HOMEM RICO

Um dia um homem rico muito importante foi a Jesus e se ajoelhou humildemente diante dele. E disse: "— Bom Mestre, o que é que devo fazer para ganhar a vida eterna e viver com Deus?"

Jesus respondeu: — por que você me chama de bom? Você sabe que somente Deus é perfeitamente bom. Você também conhece os mandamentos.

Não tomar a mulher do outro, não roubar, não dizer falso testemunho, não enganar e honrar pai e mãe.

O homem rico disse: "— Mestre, sempre vivi de acordo com os mandamentos, desde criança". Jesus sabia que ele era um homem bom. Mas lhe disse: "— Só existe uma coisa que você precisa fazer. Venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres. Então o seu tesouro ficará no céu quando você fizer isto, volte e siga-me".

O homem rico ficou triste, ele não queria abandonar todas as suas riquezas, nem pelo Reino de Deus. Levantou-se devagar, na maior tristeza, e foi embora. então Jesus voltou-se para seus seguidores: "— Como é difícil para o homem rico entrar no Reino de Deus!"

Todos ficaram admirados e perguntaram: "— Então quem poderá se salvar?" Jesus respondeu: "— Tudo é possível a DEUS."

O FERMENTO NA MASSA DO PÃO DA VIDA

Jesus disse: — A dona-de-casa só precisa de uma pequenina quantidade de fermento, porque ela tem a força de transformar uma grande quantidade de farinha em pães. O reino de Deus é semelhante a esse fermento. Seu reino chegou e nós somos poucos, mas mesmo assim podemos agir entre os homens. Basta uma pequena quantidade de fermento para modificar toda a massa. Bastam alguns homens, consagrados a Deus, para modificar o mundo inteiro.

Jesus comparou, nos (a vida) como o fermento que cresce o pão e nos alimenta, que se forma vida (de novo).

CIDADÃO COM A AMBIÇÃO

Quando um judeu morria, seu dinheiro era dividido entre seus filhos. Quando brigavam por causa do dinheiro podiam levar o caso ao tribunal. O juiz decidia o que era justo.

Um dia, Jesus estava falando com o povo. Um homem da multidão lhe disse: "— Mestre, por favor, me ajude! meu pai morreu, meu irmão e eu somos herdeiros. Seu dinheiro deve ser dividido entre nós, mas meu irmão não quer me dar a minha parte". Jesus lhe respondeu: "— Meu amigo, quem foi que disse que sou juiz para decidir sobre o dinheiro do seu pai?" Então Jesus voltou-se para os que seguiam e disse: "— Aprendam daqui uma lição". Cuidado com a ambição! Não queira só ter coisas, nem se preocupem em consegui-las. Este é o modo de agir do mundo. As pessoas mundanas julgam as pessoas, não pelo o que elas são, mas pelo que elas possuem. Cuidado, pois com a ambição! A vida real de um homem não depende de quantas coisas ele possui, sua verdadeira riqueza está dentro dele, no seu coração'.

O SAL DA TERRA

Jesus dizia aos seus discípulos:

— "Vocés são o sal da terra", eles eram poucos, assim como o sal que podia conservar uma grande quantidade de alimentos.

Jesus comparou seus amigos com o sal, por que naquela época todos precisavam de sal, para conservar alimentos como peixe, verdura etc... graças ao sal, os alimentos naquela terra quente não se estragavam. Por isso, o sal era preciso para o povo daquela terra.

Os que negociavam com o sal ficavam, ricos e o usavam como dinheiro. Sal era símbolo de amizade, na época comer pão e sal juntos, unia as pessoas. Quando havia sal entre eles usavam dizer ("Somos amigos").

Assim como o sal, os discípulos deviam espalhar a bondade e a pureza de Deus em toda terra.

Por isso Jesus dizia "Pessoa boa" é o "SAL DA TERRA".

O MENDIGO CEGO

Um dia Jesus estava passando pela cidade de Jericó. Bartimeu, um mendigo cego, estava sentado na beira da estrada, como sempre fazia, pedindo esmola aos que por ali passavam. Ouvi um barulho de uma grande multidão. e perguntou a alguém que estava perto dele: "— Que barulho e esse?" Seu companheiro respondeu: "— É Jesus, o homem de Nazaré, com a multidão de seus seguidores".

Bartimeu ouvira falar de Jesus, o homem de Deus, e como ele curava os doentes. Imediatamente começou a gritar alto: "— Jesus, filho de Davi, tenha piedade de mim!"

As pessoas que estavam perto dele lhe diziam: "— Cale a boca! pare de gritar!" mas isto fazia Bartimeu gritar ainda mais alto: "— Jesus, filho de Davi, tenha piedade de mim!" Então Jesus parou e disse os que estavam em sua volta "— Tragam o cego até aqui".

Então o povo disse a Bartimeu: "— Você conseguiu o que queria. Levante-se, que Jesus está chamando você!" Na mesma hora, Bartimeu levantou-se de um salto, deixou de lado seu manto e foi até Jesus.

Jesus perguntou: "— O que é que você quer que eu faça para você Bartimeu respondeu: "— Mestre por favor, faça que eu veja de novo!" então Jesus lhe respondeu: "— Você pode ver de novo. A fé que você tem o curou".

Imediatamente Bartimeu voltou a ver. E seguiu atrás de Jesus, com o coração cheio de agradecimento e alegria.

JULGAR OS OUTROS

Jesus, um dia fez a seguinte comparação. "Por acaso um cego pode guiar outro cego? Não caíram ambos no buraco? Por que você olha o cisco no olho de seu irmão e não percebe a trave que há no seu? Como você pode dizer a seu irmão: "— Irmão deixe me tirar o cisco de seu olho quando não ver a trave de seu próprio olho? Tire primeiro a trave de seu olho e então verá bem, para tirar o cisco do olho de seu irmão."

O povo que ouvia Jesus, sorriam a comparação mas ele as ensinou não julgar seus irmãos. todos nós temos faltas, é muitos fácil ver as pequenas faltas dos outros, e muito difícil é ver nossos grandes erros. Jesus quis dizer, devemos cuidar, assim seremos verdadeiros missionários dele.

FALANDO COM DEUS

Jesus muitas vezes deixava seus doze ajudantes e se retirava sozinho. Seus apóstolos sabiam que ele não estava realmente sozinho todo esse tempo. Ele estava com seu Pai Celestial.

Um dia, disseram a Jesus: "— Senhor, ensine-nos a falar com o Deus Pai Criador do universos, das coisa, das criaturas e da natureza."

Jesus lhe disse: "— Quando vocês falarem com Deus, rezem assim: Pai nosso, Que estais no céu e em toda parte, Santificado seja o teu santo nome, Venha a nós o teu reino, Seja feita a tua vontade assim na terra como nos ciclos espirituais, O pão nosso de cada dia dai-nos hoje, senhor, Perdoe as nossa dívidas, se nós perdoarmos os nosso devedores, Não nos deixe cair em tentação, Mas livra-nos do mal, Porque só em ti brilha a luz eterna, A luz do reino, da glória e do poder por todos os séculos sem fim.

JESUS ALIMENTA UMA MULTIDÃO

Jesus ensinava a uma grande multidão e seus auxiliares estavam preocupados. Então disseram a Jesus "— Já é tarde!!! Deixe este povo embora procurar alguma coisa para comer". Jesus ordenou a Filipe - guardião que cuidava da comida do grupo: "— Dê comida para este povo". Filipe respondeu: "— preciso de muito dinheiro para dar de comer a todo este povo".

Então, André disse: "— Está aqui um menino com cinco pãezinhos e dois peixes na sacola. Mas o que é isto para uma multidão faminta?".

Jesus respondeu: "— Diga ao povo que se sente".

Jesus pediu os pães e os peixes e os abençoou. Depois partiu os pãezinhos em pedaços. deu os pedaços aos doze discípulos para distribuí-los ao povo. Fez o mesmo com os peixes. e o povo comeu o quanto quis.

E os discípulos encheram doze cestos com pedaços dos pães que sobraram.

O BATISMO DE JESUS

E aconteceu que, como recebesse o batismo todo o povo, Jesus também foi batizado por João Batista e então, como oração o céu se abriu, desceu sobre ele o espírito santo em forma de uma pomba, e saiu do céu uma voz que dizia:

"— Tu és aquele meu filho amado, em que tenho posto toda a minha confiança."

A RESPOSTA CELESTE

Jesus sempre fazia aos seus discípulos pregações dos seus ensinamentos, preparando-os para substituí-lo na exemplificação, para a humanidade. foi numa dessas ocasiões, que um deles indagou-lhe se DEUS atendia aos pedidos dos homens. O Senhor, para esclarecimento, narrou esta estória:

Certa vez, um jovem seguidor dos ensinamentos de DEUS saiu a fim de espalhar as verdades celestes, indo de uma aldeia para outra, bem distanciadas entre si, em sua companhia um cão amigo. quando anoiteceu, estando ele em meio do caminho, sem calcular a distância que o separava da outra aldeia e, reparando que a solidão em plena natureza era medonha, orou, implorando a proteção do eterno Pai, e seguiu adiante.

Na noite fechada e sem luar, notou a existência de larga e confortadora cova à margem do caminho, e acariciando o cão que o seguia atento, dispôs-se a deitar e dormir. Mal começou a instalar-se pacientemente, grande nuvem de moscas vorazes o atacou de repente, obrigando-o a retomar o caminho.

O Jovem continuou a caminhada, quando percebeu um belo riacho num trecho onde a estrada se dividia. Uma ponte servia de passagem pelo caminho principal e além dela via-se terra tão bonita, como se fora um lençol branco na escuridão da noite. O moço preparou-se para atravessá-la, puxando o cãozinho obediente, quando a ponte se desligou das bases, estalando e abatendo-se por inteiro. Sem meios para a travessia, o rapaz seguiu por outro rumo e, encontrando frondosa árvore, robusta e acolhedora, pensou em abrigar-se, porque o firmamento prometia tempestade próxima. O vegetal oferecia proteção segura em seu tronco aberto. Dispunha-se a proteger-se, mas a ventania soprou tão forte que o tronco caiu, partindo irremediavelmente. Exposto à chuva, pôs-se a caminhar em frente.

Depois de muito andar, encontrou um casebre iluminado por doce luz. Suspirou aliviado. Bateu à porta. O homem que veio atender foi claro na negativa, alegando que não recebia visitas à noite e que não deveria receber pessoas estranhas. Por mais que chorasse, pedisse, o viajor foi constrangido a seguir além. Acomodou-se como pôde, sob o temporal,

nas proximidades da casinha; entretanto, pouco depois observou que o cão, apavorado fugia a uivar, sumindo-se nas trevas. O viajor sozinho, chorou angustiado, acreditando-se esquecido por DEUS, e dormiu ao relento.

Pela madrugada, ouviu gritos e palavras indistintas, sem poder localizá-los. intrigado, esperou amanhecer e, quando o sol ressurgiu resplandecente, afastou-se do esconderijo, e veio a saber por um casal de pescadores aflitos, que uma quadrilha de ladrões assaltara o casebre onde lhe fora negado abrigo. Repentina luz espiritual aflorou-lhe na mente. Compreendeu que a Bondade Divina o livrara dos malfeitores e que, afastando dele o cãozinho que uivava, garantira-lhe a tranqüilidade.

Informando-se de que seguia caminho diverso ao que se propusera, iniciou a marcha de volta; junto à ponte quebrada, foi esclarecido, por um lavrador, de que a terra branca do outro lado não passava de pântano traiçoeiro, no qual muitos viajores imprevidentes haviam sucumbido. Agradecei o salvamento que o Pai lhe enviara, e quando chegou à árvore tombada, mostraram-lhe que o tronco, que parecia tão acolhedor, era covil de lobos.

Muito grato ao Senhor, que generosamente o ajudara, procurou a cova onde tentara repouso, e nela encontrou ninho de perigosas serpentes. Endereçando infinito reconhecimento ao Pai, pelas formas de socorro que não soubera entender de pronto, prosseguiu adiante, são e salvo, para o desempenho de sua tarefa."

Nesse ponto o Mestre olhou demoradamente seus discípulos e terminou: "— O Pai sempre ouve nossas rogativas, mas é necessário discernimento para compreender as respostas d'Ele e aproveitá-las".

A SUPLICA FINAL

Pensando que o Divino Mestre distribui as dádivas de acordo com os pedidos das criaturas, um homem fervoroso e sincero, muito interessado em cumprir os ensinamentos do Senhor, ao orar, pediu-lhe a dádiva do dinheiro justificando o pedido com o fim de poder atender aos necessitados.

Ouvindo-lhe a rogativa, o divino Mestre prontamente concedeu-lhe a graça do dinheiro, e logo o fervoroso homem viu a fortuna enchendo seus cofres.

Entretanto, as suas preocupações se multiplicaram, e com elas surgiram desgostos graves. esquecido de empregar o recebido, em auxílio dos famintos e necessitados, passava dias e noite vigiando a entrada e saída do ouro, assistindo ao crescimento da própria fortuna.

Logo, alguns de seus familiares o abandonaram, desgarrou-se do lar, pelo fascínio da vida de facilidade e excesso de dinheiro. Porém, o homem conservava sua fé, e percebendo que o dinheiro só o infelicitara, prosternou-se em oração e pediu a Jesus que lhe desse a autoridade. Somente com a vantagem da autoridade, pensava ele, poderia seguir a Jesus, pois a todos guiaria.

O Mestre ouvi-lhe a súplica, e pouco depois o discípulo ganhava nobre posição de administrador. Todavia, sem experiência e incapaz de tolerar as calúnias e incompreensões, viu-se odiado pelos subalternos e superiores. Aturdido e desencantado, voltou a orar e pediu a Jesus o poder de curar.

Recebendo a capacidade de curar, o homem entregou-se ao trabalho. Dentro de poucos dias, o enorme número de pessoas necessitadas procuravam-no para que auxiliasse. tanta foi a procura, que escasseava-lhe o tempo até para alimentar-se despreparado para semelhante tarefa, depois de alguns meses, faltavam-lhe as forças. Os familiares que ainda restavam em seu lar, acabaram por abandoná-lo. Sentindo-se só, descontrolou-se, não mais conseguindo tratar com os desesperados da sorte. Renegou o dom que o Céu lhe emprestara.

Entretanto, a fé ainda vibrava em seu íntimo, e, com sinceridade, renovou a súplica. Implorou a pobreza e a obscuridade. seria trabalhador anônimo.

Ouvindo-lhe os rogos, o Mestre concedeu-lhe o pedido. Logo, o discípulo foi conduzido à penúria. a enfermidade visitou-o. Os negócios fracassaram e os amigos desapareceram. sozinho e pobre, viu-se inapto para aquele gênero de prova. Debalde tentou colaborar em obras edificantes, sendo humilhado por muitos. sentindo que a impaciência e a revolta o visitavam, amargurando-lhe o coração, e incapaz de suportar a pobreza, o homem buscou Jesus em suas preces, dizendo-lhe: "— Mestre amado, sei que me abres as portas sempre que Te procuro, mas, em verdade, vejo que não sei pedir. Reconheço que dás a riqueza, a nobreza, o poder e a glória, conforme os méritos e necessidades dos discípulos. Esquece, Mestre meus errôneos pedidos. Faz com que meus desejos concordem com os Teus, tenho sido cego! Ajuda-me, Senhor!"

O Mestre, ouvindo-lhe a rogativa, veio ao santuário interior do aprendiz, este, ouviu-lhe as palavras, como um sopro divino, nascido do coração, renovando-lhe todo o ser: "— Doravante, permanecerás em mim, como permaneço em ti. estaremos unidos para sempre."

Moral: em nossas orações, devemos pedir a Deus que nos auxilie na vida, desvie-nos do mal, torne-nos humildes e bondosos e nos conceda coisas úteis ao nosso progresso espiritual. Deus atende aos nossos pedidos se estes forem justos e servirem para o nosso progresso, ou para aliviar a dor dos que sofrem. Para alcançarmos um benefício, é preciso que nos esforcemos por merece-lo. Sem merecimento, nada se alcança.

VIDA DE JOSÉ

José era filho de Jacó. Jacó era neto de Abraão, aquele que, a chamado do Senhor, saiu de sua terra e foi para Canaã, onde fica hoje a Palestina, a fim de formar um povo que espalhasse por toda a Terra a notícia de que existi um só Deus. José era, portanto, bisneto de Abraão.

Jacó, pai de José, tinha mais 11 filhos e todos moravam na terra de Canaã.

Se nós pudéssemos assistir às cenas que se desenrolaram naquela tempo perguntaríamos:

— Quem será aquela homem que está à entrada de sua tenda? Seu cabelo está se tomando branco. Ele não vai mais aos campos, não cuida mais das ovelhas. Seus filhos, já homens, fazem esse trabalho.

— Esse homem é Jacó, seus olhos brilham quando ele fala com os filhos, quando fala, gira e torna a gorar o seu bordão, aquele pedaço de pau em que se apoia para andar, algumas vezes, traça no chão qualquer sinal. Provavelmente, estará, nessas horas, contando a seus filhos alguma coisa a respeito de sua vida. Gosta muito de contar um sonho, que teve a certa vez, quando era moço como eles. Nesse sonho, Jacó viu uma grande escada, que saía da Terra e penetrava no Infinito, lá bem no alto do céu, tão alto que não se podia avistar o seu fim. Pela escada, iam e vinham espíritos, em grande número. alguns estavam nos degraus mais baixos, outros mais altos, e iluminados.

José e Bejamim, os mais novos dos filhos de Jacó, gostavam muito de escutar o pai, quando ele falava das coisas de Deus. Ficavam maravilhados.

Os outros, não davam muita importância a esse assunto.

Quando os irmãos iam levar as ovelhas para pastar, José e Benjamim ficavam na companhia do velho Jacó. nessas oportunidades, José, muito inteligente, procurava aprender com seu pai tudo que este lhe podia ensinar. De vez em quando, José também ajudava seus irmãos, no trabalho do campo.

Embora José fosse um rapaz amoroso e bom, seus irmãos não gostavam muito dele. Tinha inveja da amizade que existia entre Jacó e José, sem compreender que eles também poderiam ser mais amigos do pai, se procurassem estar na companhia dele.

Certa vez, Jacó deu a José um lindo casaco todo colorido. José ficou contentíssimo e muito agradecido. Mas os irmãos não ficaram nada satisfeito com a demonstração de carinho de Jacó para com José. ficaram com os corações ainda mais cheios de inveja.

Um dia, José teve um sonho, e contou-o aos irmãos:

— Estávamos no campo, reunindo varas, que atávamos todas juntas, formando feixes. Em certo momento, o meu feixe se levantou e ficou de pé. E os feixes de vocês o rodearam e se inclinaram para o meu.

Tanto bastou para que os irmãos ficassem com raiva

— Estarás querendo dizer que nos dominarás, que reinarás sobre nós e que nos inclinaremos à tua frente?

E passaram a gosta ainda menos do irmão.

Em uma ocasião em que os irmãos levaram as ovelhas para pastar em um lugar distante daquele em que moravam, José não foi com eles. Benjamin também ficou. Os dois ficaram fazendo companhia ao velho pai.

Como os filhos demoravam para voltar, Jacó ficou preocupado. Resolveu então mandar José à procura dos irmãos, porque Jacó gostava muito de todos os filhos. Disse ele a José:

— Vai ver como estão os teus irmãos e como está o rebanho, e volta trazendo-nos notícias

José seguiu a ordem do pai. Custou a encontrar os irmãos, mas finalmente um homem lhe indicou onde eles estavam.

Quando avistaram José, em vez de ficaram contentes em revê-lo, , os irmãos começaram a comentar:

— Lá vem o sonhador mor.

Um deles teve a idéia infeliz — Ótima oportunidade para ficarmos livres dele.

E começaram a discutir entre eles: — "Matemo-lo", disseram, finalmente — Estamos longe e papai não ficará sabendo. diremos que José foi morto por um animal selvagem, todos concordaram, todos, menos Rubens, o irmão mais velho, que era responsável por todos, inclusive por José.

Os outros irmãos, porém agarraram José e estavam pronto para matá-lo, quando Rubens lhe disse:

— Por que, em vez de matá-lo, não lançamos em um cova, aqui no deserto, e deixaremos que ele morra?

Como sabia que os irmãos estavam com os corações cheios de ódio e não o ouviriam naquele momento, Rubens resolveu agir assim para ganhar tempo, depois voltaria para libertar José.

Para não contrariar Rubens, os irmãos concordaram em deixar José em uma cova, para que morresse de fome.

A cova era funda e escura.

— Por favor, tirem-me daqui, tirem-me daqui! Levem-me ao meu pai! gritava José.

Talvez aqueles gritos tivessem feito abrandar um pouco o coração dos irmãos. Quis Deus que por ali passasse naquele momento uma caravana, um grupo de comerciantes, montados em cavalos e camelos, que se dirigiam para o Egito. Era comum, naqueles tempos, venderem-se pessoas, como escravos.

Pensando melhor, os irmãos de José decidiram vendê-lo aos caravaneiros, para que o levassem, como escravo, ao Egito, aos país mais poderoso daquela época, e que ficava distante dali. Seria melhor do que matá-lo.

Rubens estava ausente quando os irmãos venderam José aos caravaneiros. Ao voltar, viu com surpresa que José não estava mais na cova. Ficou receoso. Sabía que, como irmão mais velho, seria responsabilizado pelo que acontecera a José.

— Diremos ao papai que ele foi morto por um animal selvagem, falaram aos irmãos, e Rubens resolveu concordar.

Ao Voltar para casa, falaram a Jacó da morte de José, e lhe entregaram o casaco colorido que pertencia ao irmão, como prova.

Jacó acreditou nos filhos e ficou terrivelmente desgostoso com a notícia. Nunca mais alguém viu Jacó contente.

E José, o que teria acontecido com ele?

José, ao chegar ao Egito, foi vendido como escravo. Era um rapaz de boa aparência, e um oficial da guarda do faraó (o rei do Egito) comprou. José ficou prestando serviço na casa desse oficial que se chamava Potifar.

Pela sua boa vontade, dedicação ao serviço e senso de responsabilidade, José conquistou a estima de Potifar, que resolveu encarregá-lo de tudo e de todos em sua casa.

Mas, também na casa de Potifar, alguém resolveu prejudicar José.

Foi a mulher de Potifar, que fez tal intriga contra José levando o marido a mandar prendê-lo.

Na prisão, mais uma vez, José revelou-se tão bom e útil, que, em pouco tempo o carcereiro resolveu tomá-lo seu ajudante, encarregando-o de tudo na prisão.

Fazia algum tempo que José estava preso, quando chegaram à mesma prisão dois empregados do palácio do faraó, que fizeram amizade com ele.

Certa vez, os dois homens tiveram sonhos e, com a ajuda dos espíritos José que era médium fiel, conseguiu interpretar esses sonhos. E tão bem os interpretou, que tudo aconteceu conforme ele havia previsto.

Meses depois, houve um grande alvoroço, uma grande agitação no palácio do Faraó. O rei tivera um sonho, mas não sabia descobrir os seus significados, sábios foram consultados, mas nenhum deles conseguiu interpretar os sonhos do faraó. Um dos dois empregados que tinha sido interpretado por ele. Emocionou-se de falar ao faraó a respeito daquele moço. O faraó mandou buscar, José imediatamente.

Tendo José à sua frente, o faraó lhe falou:

"— Ouvi dizer que, quando ouves um sonho, o interpretas."

Ao que disse José:

"— Isso não está em mim. Deus dará na resposta de paz ao faraó."

Porque José sabia que não era ele quem interpretava os sonhos. Ele era apenas um médium e sem que Deus permitisse que os bons espíritos o ajudassem, nada poderia fazer. Como era sincero, disse ao faraó que não era ele quem interpretava os sonhos.

O faraó contou o sonho a José. Disse-lhe que, no sonho, estava ele de pé na margem do rio, quando viu sete vacas gordas saírem da água, para comer pastagem. Em seguida, saíram também do rio outras sete vacas, que eram magras e muito feias. E, coisa estranha, as sete vacas magras começaram a comer as vacas gordas.

Enquanto o faraó fazia sua narrativa, José ouvia com atenção.

Disse depois: "— O seu sonho, grande rei, significa que durante os próximos sete anos haverá grande quantidade de alimentos na terra do Egito. Muito mais do que o povo precisa. Haverá grandes colheitas, haverá muita fartura. São as sete vacas gordas. Mas depois disso, durante os sete anos seguintes, que são as sete vacas magras, o povo não colherá nada. Não haverá alimento de espécie alguma. Todo o campo ficará seco, sem nem um simples pé de trigo crescerá."

Continuou José:

"— Portanto, faraó, ponha governadores sobre a terra do Egito e tome a quinta parte de tudo que for produzido durante sete anos. Amontoe essa quinta parte da produção sob a sua mão. Assim será guardado durante esse tempo o mantimento necessário para os outras sete anos de fome, para que o povo não morra de fome."

O faraó ficou impressionado com as palavras de José. Conversou com ele por muito tempo e ficou maravilhado com a sabedoria que demonstrava. Fizeram planos, e, notando que José era muito capaz, o faraó resolveu convidá-lo para ser governador do Egito.

José pensou muito, pois sabia da grande responsabilidade que lhe pesaria sobre os ombros, aceitando tão importante cargo. Mas o faraó também insistiu que José acabou aceitando, pedindo a Deus que o ajudasse a ser um bom governador.

"— Serás governador do Egito e terás toda autoridade depois de mim." disse o faraó.

Passado quase um ano, quando o sol lançava seus raios de luz sobre a terra do Egito, os agricultores estavam ocupados em fazer as primeiras colheitas. Havia no campo trigo em abundância. Naqueles anos e nos outros seguintes as colheitas foram fartas e prósperas. Nunca se produziu tanto por aquelas terras.

José mandou construir grandes armazéns, onde guardava uma quinta parte de toda a produção. Os imensos depósitos ficaram abarrotados de mantimentos.

E, realmente, como José havia dito ao faraó, os sete anos de fartura passaram. Sobreveio então uma grande crise. Mesmo que os lavradores fossem para o campo e plantassem sementes, nada crescia. Ficou a lavoura daquela terra na mais completa seca. Havia chegado o tempo da fome.

Quando todos os alimentos foram gastos, José abriu os grandes armazéns, a fim de vender mantimentos ao povo. Depois que se cumpriu tudo quanto José havia previsto, ele passou a ser tratado ainda com maior consideração. O faraó e todo o povo tinha grande respeito por ele.

José havia casado com uma egípcia, nasceram-lhe filhos naquele país, que ele já amava como se fosse o seu, e a própria aparência de José era de um egípcio. Não parecia mais aquele jovem hebreu, filho de Jacó, que tinha sido vendido como escravo.

Mas, a grande seca não se manifestou apenas nas terras do Egito. Houve fome em outros países porém os povos de lá não tinham o que comprar. Tinha apenas ouvido falar nos grandes armazéns do Egito.

Certa vez, quando José foi aos armazéns, notou a presença de algumas pessoas que não eram do Egito. Olhou para aqueles homens e percebeu que não eram estranhos. Observou com bastante atenção e, muito surpreso, viu que eram seus irmãos!

Os irmãos, porém, não o reconheceram José e ele resolveu não lhes dizer quem era. Desejava observá-los primeiro, verificar se tinham mudado, se eles haviam arrependido do que tinha feito há muitos anos.

Ao verem o governador do Egito, os filhos de Jacó inclinaram a seus pés, em atitude de respeito. Jamais poderiam supor que aquele grande governador fosse seu irmão, aquele mesmo que tinha sido por eles vendido como escravo.

Apenas benjamim havia ficado na terra de Canaã, junto a seu pai Jacó. José fez com que os irmãos fossem buscar também Benjamim, porém ainda sem dar-se a conhecer. Convidou-os para uma festa em sua casa, fez-lhes perguntas sobre o pai deles, sobre tudo quanto havia acontecido desde a sua partida para o Egito. Os irmãos acharam estranho o procedimento do governador do Egito, mas, ainda assim, não o reconheceram.

Finalmente, José fez-lhe a grande revelação e, ante o assombro dos irmãos, abraçou-os, comovido. Que não tivessem medo, pois ele não queria vingar-se. Já os havia perdoado e só tinha amor no seu coração.

Todos choraram de contentamento. Os irmãos de José mostraram-se muito envergonhados de seu procedimento passado, José teve então uma atitude nobre. Disse, bondoso:

"— Não foram vocês que me enviaram para cá... Foi Deus!"

José mandou que fossem buscar seu velho pai e o trouxessem para o Egito. Que viessem todos com suas famílias, seus rebanhos. Poderiam ficar nas terras do Egito, onde haveria alimentos para todos.

O faraó também soube da chegada dos irmãos de José e também os convidou a levarem suas famílias para o Egito.

Foi assim que os judeus foram para o Egito, e lá ficaram morando por muitos anos.

OS PROFETAS E A VINDA DO MESSIAS

Vocês sabem o que é uma profecia?

Se procurarmos no dicionário, encontraremos esta explicação: "Profecia - predição do futuro por inspiração divina ou por alguma causa oculta ou inexplicável."

E profeta é aquele que prediz o futuro, aquele que faz profecias.

A Bíblia parece dar um significado mais amplo à palavra profeta, empregando-a não só para aqueles que predizem o futuro, mas para todos os que tem a possibilidade de se comunicar com os espíritos. Assim, os médiuns eram chamados profetas pela Bíblia.

Tanto no novo quanto no velho testamento, existem muitas profecias.

Moisés conversava com os espíritos, e o que estes falavam ele tomava como orientação, para ensinar o povo hebreu; e escreveu livros, que até hoje orientam muitas criaturas.

Depois da morte de Moisés, DEUS mandou outros mensageiros seus, para orientar o povo hebreu, muitos deles fazendo predições sobre o futuro, sendo, portanto, profetas.

Depois de Moisés, temos notícia de um grande profeta de nome Samuel. Samuel não falava com os espíritos como Moisés, mas recebia destes inspiração, por isso, dizem que Samuel foi o primeiro a receber o dom da profecia.

Depois de Samuel vieram outros: Elias, ELISEU, Isaias, Jeremias , Daniel, Ezequiel, Zacarias e outros.

A missão dos profetas era grande, pois deviam encaminhar o povo para DEUS. Salomão, um grande rei dos hebreus, disse certa vez: "— Não havendo profetas, o povo se corrompe."

Além de orientar o povo, não deixando que este se desviasse, os profetas traziam mais uma responsabilidade. Eram os portadores de uma promessa maravilhosa.

Vocês podem imaginar o que eles prometiam ao povo. O MESSIAS, um enviado de DEUS, que viria salvar os hebreus e o mundo.

Durante vinte séculos, os profetas prepararam os corações dos homens para a vinda do Messias, enviado de DEUS. Falaram como seria Ele, onde nasceria, como viveria, o que faria e até predisseram a sua morte.

O profeta Miquéias avisou o povo de que o Messias nasceria em Belém. Disse ele: "E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar todo o povo de Israel."

Assim, os homens ficaram interessados em Belém, esperando o nascimento do menino. Já sabiam que era um menino, pois o profeta Isaias dissera: "— Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu."

Isaias disse também como seria esse menino: "— Repousará sobre o Espírito do Senhor, o espírito da sabedoria e da inteligência, o espírito do conselho e da fortaleza". E falou como seria maravilhoso quando ele nascesse, que onde ele estivesse haveria paz, luz e amor.

Isaías profetizou ainda as obras do Messias, quando disse: "então os olhos dos cegos serão abertos, os ouvidos dos surdos se abrirão, os coxos saltarão, os mudos falarão."

Os profetas vinham preparando os homens durante tanto tempo, para receberem, o Messias. Quando se aproximou o grande momento, o

Pai do Céu mais uma vez mostrou seu grande amor, mandando, antes do Messias, outro mensageiro para avisar o povo: "— Aprontem-se, limpem seus corações, pois agora virá o Messias". Esse mensageiro batizava, jogando água, para dizer aos homens que lavassem seus corações, que se tornassem melhores, mais humildes, para receber os ensinamentos do enviado de DEUS, o Messias Prometido.

Esse mensageiro era outro profeta, e seu nome João Batista.

O Messias, vocês já sabem, foi JESUS, o enviado que trouxe ensinamentos e exemplos extraordinários, que nos ajudam a nos tornarmos melhores.

Foi importante o papel dos profetas e JESUS muitas vezes falou deles: "— Não pensem que eu vim destruir a Lei (isto é a Lei de DEUS, os Dez Mandamentos) e os profetas. Não vim destruir, mas cumpri-los." E também: "— Amar a DEUS sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo; ali estão toda a Lei e os profetas."

Muitos não aceitaram as palavras e o amor de Jesus. Mas se DEUS não tivesse permitido que os profetas preparassem os homens, talvez nenhum ouvisse o Mestre dos Mestres. Era tão grande e tão bela a Sua missão que foram necessários vinte séculos para preparar os homens para recebê-Lo. E hoje, passados outros vinte séculos, a humanidade ainda hesita em amar e seguir o Mestre.

MOISÉS

Existe um lugar que se chama Egito, onde há cerca de 3.500 anos, vivia um povo que trabalhava como escravo para o rei de lá.

Pela vontade de Deus, nasceu-lhes um filho - Moisés - que deveria levar toda aquela gente sofredora para uma terra distante, chamada Canaã.

Moisés era forte, corajoso e inteligente.

Os espíritos de Deus costumavam dar ensinamentos a Moisés, para que conseguisse livrar seu povo.

Depois de muitos anos de esforço, Moisés partiu do Egito com a maior quantidade de pessoas que jamais se viu em tão longa caminhada; até chegarem a Canaã, levaram cerca de 40 anos!

A maior parte do tempo levaram atravessando o deserto que separa o Egito de Canaã. Os espíritos que Deus destacou para guiarem Moisés estavam sempre a postos.

Muitas coisas maravilhosas aconteceram.

Por exemplo: quando faltava água, Moisés com uma varinha, indicava onde achá-la entre montanhas; quando faltava alimento, o chão pela manhã era encontrado recoberto de uma frutinha chamada maná, da qual se alimentavam.

O mais importante acontecimento, porém, que se deu durante a viagem, foi quando chegaram ao pé do Monte Sinai.

Moisés recomendou ao povo que permanecesse descansando, enquanto ele iria subir ao monte para orar.

Moisés subiu ao monte sozinho, e lá foi surpreendido por uma coisa que jamais havia visto: uma espécie de nuvem branca se formou e começou a falar com ele. Na verdade, não era uma nuvem, mas um Espírito enviado por Deus, que se fazia visível para Moisés.

O Espírito fez com que Moisés compreendesse que deveria livrar o povo da escravidão, mas que também deveria fazer dele um povo bom. Por isso iria dar-lhes os "Dez Mandamentos" da lei de Deus.

E assim, os Espíritos de Deus escreveram com fogo, em pedaços de pedra, os referidos DEZ MANDAMENTOS, assim resumidos:

1º - Não terás outros deuses diante de mim.
2° - Não pronunciarás o nome de Deus em vão.
3° - Lembrar-te-ás de santificar o dia de sábado.
4° - honrarás pai e mãe.
5° - Não matarás.
6° - Não cometerás adultério
7° - Não furtarás.
8° - Não prestarás falso testemunho.
9º - Não desejarás a mulher do próximo.
10º - Não cobiçarás as coisa alheias.

Quando desceu do Monte Sinai, carregando as pedra onde estavam escrito os dez Mandamentos, Moisés teve uma grande decepção: enquanto ele se achava lá em cima, seu povo, cá em baixo, juntou num só lugar todos os objetos de outro que levavam (brincos, colares, anéis, pulseiras etc.) e, derretendo-os ao fogo, fabricaram um bezerro de ouro. Diante desse bezerro todos se ajoelharam como se ele fosse um deus.

Moisés ficou tão indignado que atirou as pedras ao solo, quebrando-as!

Repreendeu severamente seu povo, e tornou a subir ao Monte Sinai para conseguir novas pedras onde os espíritos escreveram outra vez, tornando a descer com as novas pedras, reorganizou o povo e tornou a partir. Anos depois chegaram, finalmente, a Canaã. Ninguém era mais escravo. Estavam agora em sua própria terra eram felizes.

A VIDA DE JESUS

Vimos em aula passada o trabalho dos profetas, que, por intermédio da mediunidade, vieram preparar os corações dos homens para receberem a mensagem do Cristo, que pelo seu conteúdo de grandeza e verdade, jamais passará.

Vejamos como isso aconteceu.

— Certo dia, uma entidade espiritual apareceu a uma mulher chamada Maria, residente em Nazaré (pequena cidade de Canaã), a quem anuncia:

"— Salve! O Senhor é contigo! — Terás um filho e por-lhe-às o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do altíssimo. Seu reinado não terá fim."

AVISO EM SONHO:

José, esposo de Maria, é avisado em sonho sobre o nascimento do menino.

"— Maria, tua esposa, terá um filho a quem darás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados."

POR QUE BELÉM?

O imperador César Augusto, desejando saber quantas pessoas havia em Canaã, determinou que cada marido fosse com sua esposa e filhos à cidade onde havia nascido, para alistarem-se para a contagem. Como José nasceu em Belém, para lá dirigiu-se com Maria. Não encontrando vaga em qualquer hospedaria, alojaram-se num estábulo, onde afinal nasceu Jesus, que Maria depositou numa manjedoura.

AVISOS ESPIRITUAIS

Naquela noite, pastores que guardavam rebanhos nas campinas próximas foram avisados do grande acontecimento.

Um espírito de muita luz, um anjo, apareceu e lhes disse:

"— Não temais, porque eu aqui vos trago boas novas de grande alegria, pois hoje vos nasceu o Salvador, que é cristo, o Senhor. Achareis o menino envolto em panos, deitado numa manjedoura."

No mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão de outros espíritos de luz, dizendo:

"— Gloria a Deus nas alturas, paz na terra e boa vontade para com os homens."

Os pastores foram a Belém, encontraram Jesus visitaram-no e saíram a contar o que aconteceu.

OS SÁBIOS MÉDIUNS

Em terras bem distantes de Belém, havia chefes religiosos que se denominavam magos, os quais eram sábios e tinham poderes para conversar com os espíritos, isto é, eram médiuns. Alguns deles (não sabemos quantos), cientificados pelos espíritos do nascimento de Jesus, partiram para Belém a fim de o visitarem.

Dizem que foram guiados por uma estrela, mas como elas não podem mover-se, fora de suas órbitas, devemos compreender que se tratava de um espírito luminoso ou alguma luz que algum espírito fazia brilhar para ensinar-Lhes o caminho.

Passando por Jerusalém, encontraram-se com o rei de Canaã, Herodes, o grande, a quem narraram o acontecimento. Mostrando-se interessado em visitar o menino, pediu-lhes que, de volta, lhe contassem onde o localizaram.

A VISITA E O AVISO

Localizando o estábulo com a ajuda da "estrela", ofereceram a Jesus, de acordo com os costumes de suas terras: ouro, incenso e mirra. Embora ele não tivesse necessidades dessas coisas, foi uma visita grata a Jesus, dada a bondade dos corações dos magos. Acontece que, antes de regressarem, foram avisados em sonhos, por espíritos de luz, que Herodes, por medo de que Jesus crescesse e lhe tomasse o reinado, desejava mandar matá-lo, por isso, no dia seguinte, partiram de volta por outro caminho.

AVISO A JOSÉ E A MATANÇA

passados quase dois anos, Herodes percebeu que havia sido enganado pelos magos. Como solução, mandou então que soldados seus fossem a Belém e matassem todos os meninos de dois anos para baixo, de modo que não escapasse nenhum, muito menos Jesus. Mas novamente José é visitado, em sonho, pelos espíritos encarregados de proteger Jesus, que lhe aconselharam a partir com Maria e o filhinho para o Egito.Quando os soldados cumpriram a ordem cruel, já estavam os três a caminho.

SEMPRE EM SONHO

Alguns anos depois, desencarnava Herodes, fato que foi comunicado a José, em sonho, por espírito de Luz. Por isso, voltou ele com a família, vindo instalar-se novamente em Nazaré.

JESUS crescia em tamanho, sabedoria e graça.

MESSIANATO

Quando Jesus contava cerca de 30 anos, reuniu doze discípulos (apóstolos) e passou a declarar-se abertamente o messias que veio ao mundo para:

- ensinar o Evangelho (que significa "Boa Nova");
- ensinar que se deve amar a todos, sem exceção;
- ensinar que deve perdoar a todas as ofensas, por mais grave que sejam;
- ensinar que a vida verdadeira é a espiritual.

O mais importante é que Jesus deveria dar esses ensinamentos de 3 maneiras.

1) através de explicações;

2) pela demonstração de seus poderes, através de fenômenos mediúnicos e magnéticos; e

3) pelo exemplo próprio, isto é, sofrendo sem reclamar, perdoando aos seus ofensores.

JESUS FALA

Como numa só aula é impossível repetir tudo o que o mestre falou de importante, limitar-nos-emos a dizer.

- Que ele deixou inúmeros ensinamentos através de pequenas estórias denominadas parábolas (algumas das quais estudaremos durante o curso);

que nos ensinou o "Pai Nosso";

- Que repetiu os Dez Mandamentos recebidos por Moisés;
- Que, aos dez, acrescentou mais um: "— Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros com eu vos amei."

PARA SUA MEDITAÇÃO

"O papel de JESUS não foi o de um simples legislador moralista, tendo por exclusiva autoridade a sua palavra. Cabia-lhe dar cumprimento às profecias que lhe anunciaram o advento; a autoridade lhe vinha da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina. Ele viera ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra e sim a que é vivida no reino dos céus; viera ensinar-lhes o caminho que esse reinado conduz, os meios de eles se reconciliarem com DEUS e de pressen-

tirem esse meio na marcha da coisa por vir, para a realização dos destinos humanos. Entretanto, não disse tudo, limitando-se respeito a muitos pontos, a lançar gérmen de verdades que segundo ele próprio declarou, ainda não podiam ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos implícitos. Para ser apreendido o sentido oculto de algumas palavras suas, mister se fazia que novas idéias e novos covel, idéias que, porém, não podiam surgir antes que o espírito humano houvesse alcançado um certo grau de madureza. A Ciência tinha que contribuir poderosamente para a eclosão e o desenvolvimento de tais idéias. Importava, pois, dar à Ciência tempo para progredir.

O Espiritismo é a Ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o CRISTO alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O ESPIRITISMO é a chave, com o auxílio da qual se explica de modo fácil".

O LEPROSO

No tempo em que JESUS estava na Terra, havia muitas pessoas que sofria de uma doença chamada lepra.

Era uma enfermidade terrível! Os doentes ficavam cheios de chagas e, à medida que pioravam, a carne ia apodrecendo e caindo pouco a pouco. Perdiam os dedos, as orelhas e, muitas vezes, até o nariz.

Acreditava-se, naquela época, que essa enfermidade fosse muito contagiosa e que não tivesse cura. Por isso, as pobres criaturas que tinham essa doença eram obrigadas a abandonar suas casas, obrigadas também a viver ao ar livre, entre as montanhas, e ainda a dormir nas cavernas. Se alguma vez se aproximavam de um povoado, deviam gritar:

— "Imundos! Imundos!" — para que o povo soubesse que eles vinham e tivesse tempo de fugir.

Naquela época, vivia um homem com essa terrível doença. Triste, desanimado, andava daqui para ali por entre as montanhas, esperando a morte. Algumas vezes encontrava-se com outros leprosos e conversava com eles. Eram seus únicos companheiros.

Certo dia, um desses amigos lhe disse:

— Não ouvistes falar do Homem de Nazaré? Dizem que, nos lugares por onde Ele passa, vai curando os doentes.

— Quem é ele? Perguntou o leproso.

— Seu nome é JESUS. Dizem alguns que é o Messias, o enviado de DEUS.

— Então deve curar a lepra?

— Não sei, não. Mas bem quisera que viesse por aqui.

Separam-se os dois, prosseguindo cada qual sua triste caminhada.

O tempo foi passando, passando...

Um dia, estava o leproso sentado na encosta da montanha, quando ouviu o rumor de uma multidão que se aproximava. "— Que será isso?" - pensou. E, curioso, desceu a encosta, tão rápido quanto o permitia seu estado, escondendo-se o mais possível para ver e ouvir.

- JESUS de Nazaré está curando os enfermos! gritava alguém. -Louvado seja o SENHOR.!

Uma grande esperança entrou no coração do pobre leproso. Curar-se! Seria possível? ...Claro que sim. Se JESUS fosse o Messias, poderia curar-lhe a lepra...

E, com o coração aos saltos, cheio de esperança, aguardou impaciente que JESUS aparecesse. Esperou um pouco e, enfim, o mestre apareceu.

— JESUS! — Gritou o pobre leproso. — Senhor, se queres, podes limpar-me!

JESUS ouviu a súplica e, vendo o leproso de joelho, afastou-se da multidão amedrontada e dirigiu-se a ele.

"— Senhor, se queres!..." repetia o homem.

Então, para grande assombro do povo, JESUS estendeu a mão e tocou o leproso, dizendo:

"— QUERO! FICA LIMPO!"

O homem sentiu imediatamente uma grande energia a percorrer-lhe o organismo. Olhou as mãos... os braços... as pernas... E chorou de alegria. As horríveis chagas haviam desaparecido.

Então, cheio de gratidão e contentamento, completamente curado, voltou para o seu lar e contou a todos o que JESUS , O cristo, HAVIA FEITO POR ELE.

A VISITA DE JESUS

Um camponês russo, muito bondoso, durante alguns anos vinha pedindo, em suas preces, que Jesus o viesse visitar em sua casinha, uma vez só que fosse. '

Uma noite, sonhou que o Senhor, no dia seguinte, iria visitá-lo. E tão certo ficou que assim sucederia que, apenas acordou, levantou-se imediatamente e entregou-se ao trabalho de pôr a casinha em ordem, para que nela pudesse ser recebido o hóspede celeste, tão desejado.

Apesar de uma violenta tempestade de neve e granizo que durou todo o dia, nem por isso o pobre camponês abandonou os preparativos domésticos, cuidando também de fazer uma sopa de couve, o seu prato predileto.

De vez em quando olhava a estrada, sempre à espera da feliz ocasião, não obstante a tempestade continuar implacável!

Passado algum tempo, viu que caminhava pela estrada, em luta com a tempestade de neve que o cegava, um pobre vendedor ambulante que levava às costas um fardo bastante pesado. Compadecido, saiu de casa e foi ao encontro do vendedor. Levou-o para casa, pôs-lhe roupa a secar ao fogo da lareira, repartiu com ele a sua sopa de couve, e só o deixou partir quando viu que já se achava com forças bastantes para continuar a jornada.

Olhando de novo através da vidraça, viu uma pobre mulher, toda embaraçada à procura do caminho, na estrada coberta de neve. Foi buscá-la e levou-a para sua casa, deu-lhe a sua capa e não a deixou partir enquanto não readquiriu as forças para a caminhada.

A noite começou a cair, e não viu que pudesse anunciar a vinda de Jesus.

Já quase sem esperança, o pobre camponês abriu a porta mais uma vez e, estendendo os olhos pela estrada, distinguiu uma criança e certificou-se de que ela se encontrava perdida no caminho de tão cega que estava pelo granizo e pela neve.

Saiu mais uma vez, pegou a criança quase gelada, levou-a para a cabana, deu-lhe de comer, e não demorou muito que ela viesse a adormecer ao calor da lareira.

Sensivelmente impressionado, o camponês sentou-se e adormeceu também, ao calor confortável do lar.

De repente, uma luz radiosa, que não vinha do fogo da lareira, iluminou tudo! E diante do pobre camponês surgiu, risonho, o Senhor, envolto em túnica branca.

— Ah! Senhor! Esperei todo o dia, e vós não aparecestes! Disse o camponês.

E Jesus lhe respondeu:

— Já por três vezes hoje visitei tua cabana. O pobre vendedor ambulante a quem socorreste aqueceste e alimentaste, era eu; a pobre mulher a quem deste a tua capa, era eu; e esta pobre criança a quem salvaste da tempestade, também sou eu. O bem que fizeste a cada um deles, a mim mesmo o fizeste.

O CEGO DE JERICÓ

Pense em algumas coisas maravilhosas que você vê todos os dias. Pode mencioná-las? E todas as coisas que você aprende? Poderia aprender tão depressa, se não pudesse ver? E se você não pudesse ver os seus amigos? Gostaria deles como gosta? Mas imaginemos que você NÃO PUDESSE VER. Pois quando Jesus estava na Terra, próximo da cidade de Jericó, na Palestina, havia um pobre cego chamado Bartimeu.

Vestido de farrapos, sentava-se à beira do caminho, pedindo aos que passavam que deixassem uma moeda na caixinha que apresentava com mão trêmula, a fim de poder comprar o que comer.

Assim vivia e dias... anos e anos...

Certa vez, quando de seus olhos apagados rolavam copiosas lágrimas, alguém falou ao passar por ele.

— Não fique triste, Bartimeu. Talvez você ainda possa ficar curado. Sabe? Ouvi dizer que, em Nazaré, um homem está curando todos os doentes. — Que até mesmo aos cegos faz voltar a vista.

Uma grande esperança nasceu no coração de Bartimeu. Parou de chorar e pensou: - estaria o caminhante falando a verdade?... Que homem maravilhoso seria esse... Ah! Se pudesse ir até Nazaré e achá-lo!... mas Nazaré ficava tão longe... O Caminho era ruim e perigoso. E não havia quem o pudesse guiar até lá.

Assim pensando, o pobre Bartimeu suspirou profundamente, mas, ainda esperançado, disse baixinho:

— Pode ser que um dia o grande médico venha a Jericó.

O tempo foi passando, passando... até que, numa tarde, o ceguinho ouviu um rumor estranho vindo dos lados de Jericó. Eram vozes de homens e mulheres, que gritavam acaloradamente.

O tumulto foi-se avizinhando cada vez mais do lugar onde se achava o cego. O caminho começou a ficar poeirento. Agora, Bartimeu percebia claramente os passos de centenas de pessoas. Que poderia ser?... Estaria o

governador romano de visita a Jericó? — Pensava ele. E não podendo mais se conter, gritou:

— Quem é que vem? Quem é?

É Jesus de Nazaré que passa - disse alguém, com voz alvoraçada.

Bartimeu saltou de prazer. Jesus de Nazaré devia ser, sem dúvida, o grande Médico, de quem ouvira falar. Jesus estava próximo dele! Que felicidade!

A multidão agitava-se.

— Que fazer? — pensava o cego. Não podia ver onde se achava Jesus e lhe era impossível mover-se em meio do povo. Jesus não demoraria a passar...

A essa idéia, não hesitou mais.

— Jesus! — exclamou com todas as suas forças - Jesus! Tem misericórdia de mim!

— Cala-te! — Gritaram umas vozes no meio da multidão. - 0 Mestre esta ocupado.

Mas Bartimeu estava certo de que essa era a sua grande oportunidade e não queria deixá-la escapar. Então, gritou com mais força ainda Jesus! Jesus! Tem misericórdia de mim!

O Mestre deteve-se. Chegaram-lhe ao ouvido os gritos do pobre cego.

— Alguém está me chamando — disse. — Vão buscá-lo.

Imediatamente, Bartimeu foi conduzido a Jesus.

— O que queres que te faça? — perguntou o Mestre.

— Senhor, que os meus olhos sejam abertos — respondeu o cego, com voz trêmula.

Jesus, tocando-lhe os olhos tomou a falar

— Vê. A tua fé te curou.

Bartimeu abriu os olhos e viu Jesus... que maravilha!... viu as formosas árvores, e os passarinhos saltitando de galho. Viu as montanhas, os rios e o lindo céu azul... então, agradeceu a DEUS e, cheio de gratidão, acompanhou o Mestre, contando a todos como encontrara a felicidade na poeirenta estrada de Jericó.

"É sempre fácil observar o mal e identificá-lo. Entretanto, o que o CRISTO espera de nós outros é a descoberta e o cultivo do bem; para que o divino amor seja glorificado".

A PESCA MARAVILHOSA

No centro da Galiléia existe um grande lago de água doce, chamado Mar da Galiléia. Tem 20 KM de comprimento e mede 13 KM de largura, em sua parte mais larga. As ondas que nele se formam cintilam à luz do sol, e no fundo de suas águas há grande fartura de peixes. Suas margens são agradáveis, e nelas se edificaram várias cidadezinhas e aldeias, das quais, por vezes, o Mar da Galiléia toma o nome, tais como Cafarnaum, Genesaré, Teberíades e outras.

O Mar da Galiléia foi o cenário da maior parte dos ensinamentos de Jesus.

O Mestre gostava muito desse lago e percorria constantemente suas margens, ensinando ao povo seu evangelho. Sempre que se deparava uma oportunidade, ele curava os enfermos. Outras vezes, quando a multidão era grande, enquanto o povo se acomodava na praia, Ele, para ser melhor ouvido,

subia numa barca, afastava-se um pouco da margem e pronunciava palavras de fé e de esperança, de conforto e de alívio, de paz e de resignação.

Havia por ali muitas colônias de pescadores e foi entre eles que Jesus foi buscar quase todos os seus discípulos.

Uma vez, Jesus viu duas barcas, que estavam à beira do lago de Genesaré. Os pescadores haviam saltado em terra e levaram suas redes. Enorme era a multidão que tinha vindo ouvir a palavra de Jesus, e quase o empurravam para a água. Ele entrou então em uma das barcas, que era de Simão Pedro, e pediu ao pescador que se afastasse um pouco da terra.

Sentado na barca de Pedro, Jesus ensinava o povo. Enquanto falava, notou que Simão Pedro estava triste. Logo que acabou de conversar com a multidão, voltou-se para Pedro e lhe disse:

— Vamos mais para o meio do lago, e soltemos as redes para pescar.

Ao que Simão Pedro respondeu:

— Senhor, trabalhamos a noite inteira e não apanhamos peixe algum. Bem sabes que esta não é a melhor hora para a pesca. Mas para obedecer-te soltarei a rede.

Qual não foi o espanto dele, quando viu a rede cheia de peixes, a ponto de arrebentar! Os peixes eram tantos, e a rede estava tão pesada, que ele teve que chamar os companheiros de outra barca para ajudá-lo. E as duas barcas ficaram tão cheia, que pouco faltou para afundarem.

Pedro e seus companheiros se admiraram muito de ver a pesca que haviam feito. Junto com Pedro estavam os filhos de Zebedeu, que eram Tiago e João, os quais também fitavam Jesus maravilhados.

Jesus disse então a Simão Pedro:

— Não tenhas medo. De agora em diante, serás pescador de homens.

Simão Pedro era um homem humilde e, dentro da sua humildade, compreendeu que havia recebido uma graça de Deus, por meio de Jesus.

O CONSOLADOR

Reunido aos apóstolos, Jesus lhes diz:

"— Se me amais, guardais os meus mandamentos. - E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco: o Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não vê, e nem o conhece; mas vós o conhecereis, porque ele ficará convosco e estará entre vós.

Mas o Consolador, que é o espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo o que vos tenho dito". (João cap. XIV v. 15-16-17 e 26).

Jesus prometeu um outro Consolador, que é o espírito da Verdade, que o Pai enviará em Seu nome, para ensinar todas as coisas e relembrar o que ele havia dito.

Se o Consolador deveria vir mais tarde ensinar todas as coisas, é porque o Cristo não disse tudo; se deveria vir recordar o que Ele disse, é que O esqueceriam ou compreenderiam mal.

O espiritismo vem, no tempo marcado, cumprir a promessa do Cristo: o Espírito da verdade comanda o seu estabelecimento e convida o homem à obediência das leis divina. Ensina todas as coisas, fazendo compreender o que Jesus disse de forma velada, por parábolas.

O Espiritismo descerra o véu propositadamente deixado sobre certos ensinamentos, que naquela época o homem não podia compreender, e vem principalmente trazer a suprema consolação aos aflitos, aos que choram, apontando, quanto às suas dores, uma causa justa no passado ou no presente, e tendo um fim útil: resgate e evolução.

Disse Jesus: "— Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados." Mas como pode o homem julgar-se feliz em sofrer, se não sabe porque sofre?

O Espiritismo lhe vem mostrar a causa dos sofrimentos, nos malfeitos concretizados nas vidas passadas. Mostra o sofrimento como uma crise passageira, que levará o sofredor à cura certa, assegurando-lhe a felicidade no futuro. Dessa forma, o homem passa a compreender que tem méritos em sofrer, e acha justo o padecimento. 0 sofrimento auxilia o seu adiantamento espiritual e passa a aceitá-lo, sem lamentar-se, tal qual o operário que aceita a tarefa que lhe proporcionará o salário.

O Consolador leva o homem ao conhecimento de onde veio, para onde vai e porque está na Terra.

O Consolador é qual fonte inesgotável de Luz e Consolações, de Esperança e confiança, na bondade infinita do Pai Celestial. É a Doutrina espírita o Consolador prometido por Jesus, é a companheira generosa de todos, é a emissária do Amor de Deus.

JUSTIÇA DE CIMA

Quatro operários, quase todos da mesma idade, depois da morte compareceram diante da justiça.

Aqui na Terra considerados excelentes rapazes, tendo partido por morte acidental e recebendo as mesmas homenagens sociais e domésticas.

Entretanto, na vida espiritual apresentavam-se diferentes entre si. Cada qual ostentava brilho específico.

O atencioso mentor espiritual que os julgava convidou-os a escutarem as determinações.

O primeiro dos operários apresentava-se certos pontos escuros, envolvidos em escuridão. Levantou-se e ouviu:

— Verifico que assumiste pesadas dívidas nesta última existência, meu irmão. Há viúvas e órfãos chorando no mundo. Prejudicaste-os. Volta a terra e reajusta os que prejudicaste. Deves devolver-lhes a paz e a segurança.

Aproximou-se o segundo operário, envolto em cores cinzentas, e ouviu as considerações:

— Não fostes honesto na fábrica onde trabalharas. Recolheste salários e vantagens que não merecias. Volta à mesma fábrica onde trabalhaste devolve os prejuízos em atividades de assistência.

O terceiro aproximou-se. Destoava dos outros pelo brilho que apresentava, e também ouviu:

— Não prejudicaste ninguém, cumpriste as tuas obrigações e só recebeste o que merecias. A tua consciência esta tranqüila. Podes escolher tua nova existência, mas ainda na Terra.

Em seguida, surgiu o último. Vinha nimbado de luz e belo esplendor. Imensa claridade e raios azulados o envolviam, emitindo felicidade e luz em todas as direções.

O mentor que julgava inclinou-se diante dele e falou:

— Meu amigo, a colheita de teu plantio te faz merecedor de júbilo e gratidão, amparado por velhos amigos que o cercavam.

Diante da surpresa dos três primeiros operários, o mentor explicou.-

— O irmão foi herói anônimo da renúncia. Sacrificou-se pelo bem de todos. Soube ser delicado nas situações mais difíceis. Suportou grosserias dos colegas, com bondade e entendimento. Inspirava confiança. Distribuía estimulo e entusiasmo. Sorria sempre, amparado. Centenas de criaturas param por ele, quando voltou à espiritualidade. A Lei divina nunca se engana.

E assim, o tribunal encerrou sua sessão.

Por meio desta estória, aprendemos que, quando a criatura pratica o mal durante a sua vida, ao voltar à espiritualidade apresenta aparência escura, e por vezes, maltrapilha.

Vejamos, agora, a nossa aparência. Neste momento, somos espíritos encarnados. O nosso corpo é o instrumento que o nosso espírito utiliza para viver durante o tempo de encarnado.

Há, em nós, três partes:

1) O corpo material ou físico, formado de "carne e ossos";

2) O espírito, que, encarnado no corpo, dá-lhe a vida. O espírito não tem forma;

3) O perispírito, que é o laço que prende o espírito ao corpo. É a vestimenta que o espírito possui ao ligar-se ao corpo material.

Com a morte, o nosso corpo físico se destrói. O espírito conserva o perispírito, e é por meio dele que as entidades espirituais se apresentam e trabalham no mundo espiritual; da mesma forma, trabalhamos com o corpo físico aqui na Terra.

O perispírito guarda os resultados das nossas encarnações. É um verdadeiro arquivo, onde guardamos tudo o que fizemos de bom ou de mau nas vidas anteriores, ou seja, no passado.

O perispírito revela o que nós somos, mostrando a todos a que classe de espírito pertencemos.

No mundo espiritual nada fica oculto. Ninguém pode fingir o que não é. Todas as ações, boas ou más, ficam gravadas em nosso perispírito. Se foram boas, ele se apresentará claro, com brilho. Se foram más, escurecidos.

O nosso perispírito se assemelha a um livro aberto: todos podem nele ler o bem e o mal praticados.

A sua cor varia: pode ser escura, quase preta, ou brilhante como uma estrela.

Os espíritos imperfeitos possuem o perispírito escuro; os espíritos bons o possuem brilhante; e os espíritos puros, luminosos como um sol.

O espírito e o perispírito são invisíveis aos nosso olhos. Somente os médiuns videntes e clarividentes os assinalam.

AMOR E AUXÍLIO

Nos primeiros dias do Evangelho em Roma, Mardônio Tércio, convertido ao cristianismo, se fez um discípulo tão valoroso e humilde, do Senhor, que logo teve o seu nome abençoado nos céus.

Sua esposa o abandonara. Dono de enorme fortuna, Mardônio Tércio dividiu seus bens com o filho único, Marcos Lício, e entregou-se à caridade e à renovação. Trabalhador fiel do bem, ensinava edificando,

servindo tanto aos mensageiros de Jesus, como aos irmãos encarnados, sob a penúria. Auxiliava as viúvas desamparadas e os órfãos.

Ao contrário do pai, o jovem Marcos Lício se afundou nos vícios. Aos trinta anos de idade, parecia um farrapo ambulante. Apesar dos apelos paternos, não vacilava em abusar do ouro e do poder chafurdando-se em crimes e viciações.

Dois caminhos tão diferentes na Terra, continuaram opostos na Espiritualidade. Após a morte, Mardônio foi levado à esfera do Cristo. Porém Marcos arrojou-se nas sombras inferiores, onde experimentava humilhações terríveis. O rapaz era afeito à revolta e à perversidade.

O Pai, abnegado apóstolo do bem, sempre o visitava, apesar de não ser percebida sua presença.

Certo dia, angustiado pelo estado do rapaz, Mardônio Tércio, num rasgo de apaixonado amor pelo filho querido, suplicou ao Mestre Divino a permissão para levá-lo consigo à alturas, a fim de dar-lhe assistência mais de perto.

Jesus sorriu compreensivo, e diante da ingênua ternura de Mardônio, consentiu. Mardônio partiu célere à presença do rapaz, e, aproximou-se, aplicou-lhe passes, fazendo-o dormir. Colocando nos ombros, com todo o amor e com imenso cuidado, carregou-o consigo para as esferas mais elevadas.

No Plano superior, Marcos Lício viu-se sob uma luz mais radiante que a do dia terrestre, e, examinando a si próprio, notava-se coberto de fluidos repugnantes, que lhe davam a impressão de ser um doente empastado de lama.

Comparando-se com os bondosos espíritos que o cercavam, movendo-se em corpos leves e luminosos, Marcos Lício passou a gritar palavrões e insultos. Quando o pai tentou reconfortá-lo, foi esbofeteado sem misericórdia,

afirmando que não pedira para estar ali e nem desejava a mudança. Parecia uma fera desatrelada, com palavras de zombaria e ingratidão.

Sob passe dos benfeitores, conseguiram que o rapaz caísse em profundo sono.

Mardônio compreendeu então que nem Deus violenta a liberdade de filho algum, e que o bem jamais foge à paciência, a fim de ajudar. O homem é livre para fazer o bem e o mal, prosseguir no bem ou prosseguir no mal. Porém, o amor divino sempre aguarda, com a eterna misericórdia, a volta da ovelha perdida.

Mardônio reconduziu o filho para o antro de onde arrancara, sem perder a esperança, aguardando o dia em que o filho quisesse sair de lá e caminhar para a luz.

A CONSULTA

Elegante dama entrou num Grupo Espírita e pediu uma consulta ao orientador:

— Venho pedir-lhe ajuda pois minha vida está transtornada. Ontem sonhei que meu falecido pai veio à nossa casa e falou comigo. Acordei repentinamente e ainda pude ver-lhe o rosto. Fiz-lhe algumas perguntas, e, com assombro, ouvi-lhe a voz, dizendo-me que a morte não existe, que a vida continua além do sepulcro. O que o senhor supõe que venha a ser isso?

— Mediunidade, minha senhora — comentou o orientador, calmo e prudente.

— Ah! Sim! — continuou, exaltada, a senhora. — muitas pessoas já me disseram que sou médium... Desde criança vejo coisas, antes do sono, mesmo com os olhos fechados. Vejo pessoas em torno do de meu leito, velando por mim. Como interpretar essa visões?

— São fenômenos de sua mediunidade. — respondeu o ponderado orientador.

— Sim, sim — falava a nervosa senhora. — Ocorrem outras coisas que me espantam. Quando converso com minhas amigas, vejo objetos se moverem, ouço ruídos, pancadas nos móveis, como se pessoas invisíveis desejassem conversar conosco. Já cheguei mesmo a ver bonitas mãos se movimentando. Como classificar esses casos, senhor?

— Mediunidade, minha irmã...

— Muitas vezes sinto angústia. Ouço vozes, sinto um arrepio a correr pelos braços e espinha. Como definir essas impressões, meu amigo?
— Minha irmã, tudo isso é mediunidade. — esclareceu o orientador, seguro de si. — A senhora tem sensibilidade, e as pessoas que a possuem, sente a presença de entidade espirituais.

— Mas, como vou resolver esse problema?

— A solução do problema está com a senhora. Estude e trabalhe. Pelo estudo aprimorará a sua personalidade, compreendendo a vida com mais largueza. Pelo trabalho, semeará o bem, atraindo cooperadores. Esforço persistente no bem, meditação sadia e renovação mental. Disciplinar as emoções.

Quando a irrequieta senhora ouviu falar em estudo, trabalho, renovação, disciplina, esforço e caridade, ficou desapontada. Aflita, falou:

— Pensei que as coisas fossem mais fáceis...

— A senhora será ajudada, a fim de ajudar-se. A mediunidade com Jesus eleva as criaturas. Iniciemos agora nossos estudos, minha irmã.

— Hoje não posso. Falou a senhora. — virei amanhã...

Saiu apressada, sem despedir-se, e nunca mais voltou. Perdeu preciosa oportunidade de colaborar e progredir.

A mediunidade pertence a todas as pessoas sejam elas católicas, protestantes, espíritas ou materialistas. Mediunidade é a faculdade de comunicar-se com os espíritos.

A mediunidade sempre existiu, desde que o homem passou a habitar a Terra. A comunicação dos espíritos é fato natural. Foi por meio dela que os espíritos que dirigem o nosso planeta puderam interferir no progresso do nosso mundo, orientando-o, guiando-o e protegendo-o.

Os médiuns são pessoas que servem de intermédios entre os espíritos encarnados e os desencarnados. Todas as pessoas são médiuns. Entretanto, comumente só chamamos "médiuns" aos indivíduos que têm tarefa a desempenhar no campo mediúnico.

Jesus foi médium perfeito. Portador de diversas faculdades mediúnicas, a mediunidade que consagrou foi a de "cura".

Para ser um bom médium é preciso estudar e trabalhar. Estudar: conhecer os fundamentos da Doutrina Espírita, as modalidades mediúnicas e suas formas de desenvolvimento. Trabalhar: na reforma íntima, trocando velhos defeitos por novas virtudes, e dedicar-se ao bem do próximo, praticando a caridade.

A MENDIGA

Zezélia pedia esmolas, havia muitos anos.

Não era tão doente que não pudesse trabalhar, produzindo algo útil, mas não se animava a qualquer esforço.

— Esmola, por amor de Deus! pedia, o dia inteiro, dirigindo-se aos que passavam pela porta do imundo terreiro, à qual se assentava.

De vez em quando, pessoas amigas, depois de lhe darem um níquel, aconselhavam:

— Tenha bom ânimo, minha irmã, o trabalho dá saúde! Você não poderia lavar roupa para fora?

— Não posso. respondia firme.

— Quem sabe você poderia cuidar de crianças, ganhar algum dinheiro? perguntavam senhoras bondosas. E ajuntava:

—Tenha bom ânimo, minha irmã, o trabalho dá saúde!

— Quem sou eu, minhas senhoras? Não tenho forças...

Certas vez, um senhor, responsável por um Centro Espírita, a convidou:

— Será que você não podia tirar o pó de algumas cadeiras e arrumar a sala de reuniões, todas as tardes? Faça um esforço.

— Nem pense nisso. Não agüento.

E o senhor insistiu:

— Tenha bom ânimo, minha irmã, o trabalho dá saúde.

Mas qual, Zezélia não se sentia encorajada a assumir qualquer compromisso de trabalho. Nem mesmo quando a vizinha lembrou, convidativa:

— E o bordado, Zezélia? Você tem as mãos livres. A agulha é boa companheira. Quem sabe poderá ajudar-nos? Receberá um ordenado compensador. Tenha bom ânimo, minha irmã, o trabalho dá saúde!

— Não tenho os dedos firmes e falta-me suficiente energia... Não posso, minha senhora...

— Zezélia, vamos vender flores? convidavam algumas jovens, que se compadeciam dela — Tenha bom ânimo, minha irmã, o trabalho dá saúde!

— Não posso andar, minha filhas!... exclamava, suspirando.

E assim Zezélia passou toda a sua vida sempre se queixando de resfriado, dor aqui, dor ali, até que um belo dia desencarnou, sem tentar fazer alguma coisa.

Os vizinhos e conhecidos comentaram:

— coitada da Zezélia! Sofreu tanto! Deve ter ido para um bom lugar!...

Se pudessem vê-la, verificariam que Zezélia estava em um campo, porém não se sentia tão feliz quanto esperava, porque está inteiramente só. Depois de pedir, por muito tempo, o socorro de Deus, apareceu-lhe um espírito todo iluminado que lhe perguntou, bondoso:

— Zezélia, que deseja você?

— Ah!. falou, vaidosa — já sou conhecida na Casa Celestial?

— Há muito tempo, informou o espírito, compadecido.

Zezélia começou a chorar e pedir, em prantos:

— Tenho sofrido muito! Quero amparo do Alto!...

— Que fez você para merecer as bênção dos Céus? Quis saber o mensageiro divino.

Ao que a infeliz respondeu:

— Nada podia fazer... eu era mendiga.

— Não, Zezélia, você não era mendiga. Você foi simplesmente preguiçosa.

E, ante o espanto dela, esclareceu:

— O auxílio divino é para quem trabalha. Quem não planta, nada tem a colher. Você não costurou pano, não amparou crianças, não lavou roupas, não varreu casa, não cuidou de flores, não tratou nem mesmo de sua saúde e de seu corpo...

Como poderia receber as bênçãos do Alto? Volte para a Terra, e quando aprender a trabalhar, chame por nós e receberá o socorro celeste.

O mensageiro desapareceu, tudo fez-se escuro e Zezélia voltou para a Terra, a fim de renovar-se tendo ainda ouvidos as últimas palavras encorajadoras do enviado celestial:

— Tenha bom ânimo, minha irmã, o trabalho dá saúde!

POR UM QUILO DE FEIJÃO

Pela manhã de certo domingo, estava o senhor Cirilo em frente de sua modesta casinha, quando avistou uma pobre mulher que vinha mendigando de porta em porta.

Cirilo, que era muito pobre mas muito bondoso, automaticamente levou a mão ao bolso, à procura de uma moeda para dar à mendiga. Lembrou-se então, com tristeza, de que, estando o mês a findar, nada mais restava dos seus minguados vencimentos.

Cirilo olhou novamente para a mulher que pouco a pouco se aproximava, parecendo cansada e doente. Tomou, então, uma resolução. Entrou em casa e disse á esposa.

— Maria, prepare um auxílio em mantimentos para darmos à mendiga que aí está à porta. Pode ser mesmo um quilo de feijão...

Dona Maria, porém, explicou:

— Mas nós termos tão pouco feijão!... Uns dois quilos apenas...

— Pois desse pouco — tornou Cirilo com insistência. — tire a metade e dê à pobre mulher que está em mais necessidade do que nós... Na próxima semana havemos de colher o nosso feijão, que dará para o nosso consumo durante alguns meses... Depois, haveremos de nos arranjar de qualquer forma.

D. Maria nada respondeu. Preparou o pacote e o entregou à mendiga que, agradecida, pediu para aquele lar as bênçãos do céu.

O bom Cirilo ficou satisfeito e, notando no rosto da esposa uma sombra de preocupação, bateu-lhe no ombro, amistosamente, e caçoou:

— Lembra-te, mulher, do velho ditado: "A quem dá um de boa vontade pela porta da sala, Deus restitui dez pela porta da cozinha".

D. Maria sorriu, conformada, e foi continuar suas lidas domésticas, não dando mais importância ao caso.

À tarde do mesmo dia, já esquecido do incidente, Cirilo e sua esposa palestravam com algumas visitas costumeiras de quase todos os domingos, quando bateram à porta. Era um moço robusto que trazia às costas um grande volume, cujo peso o fazia vergar.

— O patrão enviou-lhe este presente — disse ele, entrando e colocando no chão o pesado volume.

— De que se trata? — perguntou Cirilo, intrigado.

— É um saco de feijão que seu irmão lhe mandou... — foi a surpreendente resposta.

E o moço passou a contar que, voltando o patrão da roça onde tinha feito uma boa colheita de cereais, passara pela plantação de Cirilo e, reparando que ela estava muito escassa, resolvera mandar para o irmão um pouco do muito que colhera.

Cirilo, acompanhando o portador ao interior da casa, trocou com a mulher olhar expressivo, enquanto ia dizendo consigo mesmo, admirado da feliz coincidência: "— A quem dá de boa vontade pela porta da sala..."

Ao regressar à sala, ainda impressionado com o estranho fato, disse-lhe a esposa sorrindo, a meia voz:

— E foi mesmo pela porta da sala, e a sessenta por um...

MOEDAS ESPIRITUAIS

Em uma cidade grande, havia família que amava a Deus sobre todas as coisas e compreendia ser o trabalho uma necessidade para seu sustento digno e honesto. O chefe da casa levantava-se todos os dias bem de manhãzinha e ia para o trabalho, contente e feliz, pela saúde que gozava. Embaixo do braço levava sua marmita, que não tinha muita coisa, mas quando a fome viesse, lá pelas onze horas... hum... que gostoso o feijão o arroz, a farinha. E também o pedaço de pão! Não estava lá muito macio, mas como era bom comê-lo.

Sua esposa, senhora também muito dedicada, não media esforços para auxiliar o marido no sustento da casa. Mal ele saía para o trabalho, lá ia ela para o tanque, esfregar roupas.

Não reclamara nunca da vida, porque confiava em Deus.

Possuía dois filhos: um se dedicava ao estudo, com grande vontade de aprender. Desejava ser médico, engenheiro, qualquer coisa de importante, para poder auxiliar seus semelhantes. Desejava, também, quando crescesse, construir uma família, mas que não fosse tão pobre como a sua agora. Que não houvesse tanto sacrifício para ganhar o pão de cada dia.

Desde muito crianças, ambos já ouviram do pai e da mãe a leitura do Evangelho. Quantas coisa bonitas Jesus ensinava, mas fazia também tudo aquilo que pregava. Os meninos gostavam das reuniões que seus pais faziam todas as quintas-feiras à noite, quando eram lidas as passagens daquele maravilhoso livro. Sentiam-se profundamente emocionados com aqueles ensinamentos e prometiam a si mesmos ser sempre bons e procurar seguir todos aqueles conselhos.

O tempo foi passando e, muitos anos depois, ambos eram homens feitos. O primeiro havia estudado bastante e se tomara um juiz famoso. Embora gozasse da estima e do respeito de todos os habitantes da cidade, não se esqueceu da promessa que fizera quando crianças. Estudando sempre o Evangelho, defendeu os humildes, auxiliou os pobres e libertou muitos prisioneiros condenados injustamente. De juiz, tomou-se legislador, e fez muitas benéficas e edificantes. Casou-se também, e possuía uma família muito feliz. Viveu sempre honrado, rico, feliz e correto.

O irmão, porém, era paralítico. Não podia trabalhar para acumular algum dinheiro.. Não possuía cultura também para melhorar de vida. Como

comparar-se ao irmão, se não tinha recursos, não possuía sabedoria, não possuía forças, tinha até as pernas mirradas? ... O leito sempre fora sua residência. Buscou, entretanto, no estudo do Evangelho, um meio para que pudesse também, de alguma forma, ser útil aos seus semelhantes. Lembrou-se do serviço da oração. Desde pequenino, gostava de orar. Começou seu trabalho pela humilde mulher que lhe fazia a limpeza doméstica. Viu a triste e chorosa e procurou, discretamente conhecer a razão de sua mágoa. Confortou-a com ternura de irmão. Convidou-a a orar e suplicou para ela as bênçãos divinas. A senhora sentiu-se melhor, e, em breve, trazia outros sofredores que pediam o auxílio da prece. O aposento singelo encheu-se de necessitados. O paralítico orava em companhia de todos, oferecia-lhes o sorriso de confiança na bondade celeste. Comentava os benefícios da dor, expunha suas esperança no Reino de Deus, dando de si mesmo, gastando emoções e energias no santo serviço do bem. Escrevia inúmeras cartas, consolando viúvas e órfãos, doentes e infortunados, aconselhando-os a ter esperanças e coragem. Comia pouco e repousava menos. Tanto sofreu com as dores alheias, que chegou a esquecer-se de si mesmo, e tanto trabalhou a noite que perdeu o dom da vista. Cego, contudo, não ficou sozinho. Continuou sempre rodeado de sofredores, aos quais ajudava, cada vez mais, através da prece e dos conselhos.

Desencarnaram ambos os irmãos em idade bastante avançadas, com pequena diferença de tempo.

Quando se reuniram no plano espiritual, apareceu-lhes um Mensageiro que vinha pesar as ações de cada um, do tempo em que viveram na Terra.

O primeiro, o juiz, trazia uma grande bolsa recheada de dinheiro e de muitas sentenças que havia distribuído em benefício dos outros. Muito auxiliara seus semelhantes quando em serviço no mundo.

O outro, paralítico, trazia apenas um livro pequeno, onde costumava escrever suas preces e rogativas.

Ao examinar a pasta que trazia o primeiro, o Mensageiro de Deus abençoou-o pelo conforto e pela justiça que havia espalhado na Terra. Seria feliz no mundo dos espíritos, porque fizera, o bem e a lei assim o indicava.

Quando o Mensageiro, porém, abriu o livro do ex-paralítico, uma luz intensa saiu de suas páginas, tudo envolvendo numa coroa resplandecente. A justiça foi incapaz de indicar-lhe a grandeza.

Então o Mensageiro lhe disse:

— Teu irmão é bendito na Casa do Pai, pelos recursos que distribuiu em favor do próximo; entretanto, o dinheiro e a fama multiplicaram-se com facilidade na Terra. Ele distribuiu os dons da vida. Tu, porém, serás mais feliz ainda, porque deste de ti mesmo, no amor santificante. Gastaste as mãos, os olhos, o coração e as forças, os sentimentos e o tempo em benefício dos semelhantes. Por isso a Lei determina que tua morada seja mais alta. Não distribuíste os dons da vida: irradiaste os dons de Deus.

Quando plantares a alegria de viver nos corações que te cercam, em breve as flores e os frutos de tua sementeira te enriquecerão o caminho

MARIA DE NAZARÉ

Joaquim e Ana eram essénios. Maria, sua filha nascera-lhes quando já estavam em idade madura.

Maria contava quinze anos quando seus pais faleceram. Seus parentes a levaram ao Templo de Jerusalém, para protege-la da orfandade,

com as virgens do Sion. Simeão e Eleazar, sacerdote do grande templo, essénios e amigos de seu pai, acolheram com ternura e fraternidade.

No templo, a tarefa de Maria era tecer, em branco linho, as túnicas das virgens e os mantos sacerdotais. Suas delicadas mãos corriam docemente sobre as cordas da citara, acompanhando o canto sereno dos salmos, com que glorificava a grandeza de Deus.

Aos 17 anos e meio Maria recebia, no grande Templo, o pedido de casamento de José de Nazaré, jovem viúvo com cinco filhos. Dias depois, uniu-se a José, ante o sacerdote Simeão de Bethel. Terminada a solene cerimônial, Maria despediu-se de suas companheiras e amigas, e seguiu para Nazaré.

Os excelsos arcanjos de Deus, guardiões do doce Jesus, acercavam-se de Maria, preparando-a para recebê-Lo como mãe. À medida em que caminhava, Maria viu-se tomada de profunda ansiedade, e interrogou a Deus em pensamento:

— Que queres de mim, Senhor, que me mandas sair de Teu templo para seguir a um servo Teu que me oferece amor, teto e pão?

Depois de breve silêncio ouviu uma voz muito suave que lhe disse:

— Maria! Verás surgir de ti mesma a mais excelsa Luz que pode baixar à Terra.

Emocionada, Maria ouvia cânticos maravilhosos dos espíritos do Senhor, à sua volta.

Atingido o lar de José, que era carpinteiro e artesão, a humilde residência encheu-se de ondas de luz, paz e amor. As acrianças riam, felizes, ao conhecerem sua terna mãezinha.

Eram felizes, Maria e José. Amavam-se e respeitavam-se profundamente. Entretanto, a aproximação do Cristo em seu lar causava-lhes profunda meditações e anseios, sem entenderem a grande missão que os Espíritos do Senhor lhes concediam: a de serem os pais escolhidos do Salvador há muito anunciado pelos profetas.

Numa tarde de outono, Maria teve uma visão em que um anjo lhe dizia:

— Deus te salve, Maria!... És cheia de Graça!... Bendita sejas tu entre todas mulheres! E bendita naquele que sairá de ti, o qual será chamado Filho do altíssimo!

Aproximando-se o nascimento da criança, José levou Maria para Belém. a fim de ficar na casa de sua tia Sara, irmã de sua mãe, Ana. Era o ano de 747 da fundação de Roma, e para lá foram para se registrarem no recenseamento.

E foi ai que o Espírito-Luz nasceu.

Cheia de amor e ternura pelo filho, Maria teve por tarefa recebê-lo, como espírito bondoso e superior que era, amparando-o sempre, desde sua infância até a morte.

Portadora de faculdades mediúnicas, Maria sempre pressentiu que o amado filho teria imolado por amor à humanidade, que por toda a vida ele provou amar.

A sua dor foi tremenda com a morte de Jesus. A saudade de sua doçura e carinho a sufocava, mas a tudo suportou corajosamente, mesmo sentindo o coração como que trespassado por uma espada.

Maria ficou, após a morte do Mestre, sob os cuidados de João, o Evangelista que dela cuidou até que foi chamada à espiritualidade.

JOÃO BATISTA

No tempo em que a Palestina era governada por Herodes, havia nas montanhas da Judéia um sacerdote chamado Zacarias. Ele era casado, e sua esposa se chamava Isabel. Ambos eram muito bons, seguiam os ensinamentos de Moisés e aguardavam a vinda do Mestre prometido aos judeus. Já era muito velhos e não tinham filhos.

Os sacerdotes tinha obrigações de, durante um determinado tempo, prestar serviços no Templo de Jerusalém. Chegou a vez de Zacarias prestar seus serviços a ele, e partiu de sua casa para Jerusalém.

No Templo havia um serviço que era julgado muito importante, e que poucas pessoas tinham a permissão de fazer: entrar na parte sagrada do Templo e queimar incenso. Zacarias foi escolhido para esse serviço.

Incenso é uma planta que, quando queimada desprende uma fumaça que tem um cheiro característico.

Zacarias, vestido com sua roupa de sacerdote, penetrou na parte Sagrada, dirigiu-se para o altar onde existia carvão em brasa, e espalhou sobre essas brasas o incenso, enquanto o povo lá fora orava.

Mas o importante é que Zacarias não apenas vestia roupa de sacerdote. Era também homem bom, seguidor dos Mandamentos de Deus. Foi por essa razão que Deus lhe enviou um Mensageiro.

Quando ele estava diante do altar queimando incenso, sentiu que se lhe aproximou um Mensageiro do Senhor, um espírito de elevada categoria. A princípio Zacarias se assustou, pois não esperava aquela visita. Mas o Espírito disse: — "Não tenhas medo, Zacarias, eu sou Gabriel. Deus me enviou para te dizer que ele ouviu tuas preces, e que tua mulher Isabel terá um filho, que, deverá receber o nome de João".

Enquanto Zacarias ouvia admirado, Gabriel lhe dizia que o nascimento daquela criança traria muita alegria, porque ele seria o Mensageiro que viria anunciar a vinda do Messias.

Mas Zacarias, ouvindo aquilo, começou a duvidar. Era bom demais- Será que Deus tinha ouvido suas preces, mandando-lhe agora um filho, e logo um filho com tarefa tão importante como a de anunciar aos homens a chegada do Messias? Por isso perguntou a Gabriel: - Mas eu e minha mulher já somos tão velhos e nunca tivemos filhos. Será mesmo que, agora, Deus vai nos mandar o filho que esperamos há tanto tempo?

— Como prova de que estou falando a verdade — disse o mensageiro. — ficarás mudo até o nascimento do teu filho.

O povo que esperava fora estava estranhando a demora de Zacarias, que estava na parte Sagrada mais do que era de costume; e quando ele saiu compreenderam que alguma coisa havia acontecido. Zacarias fazia gestos, tentou explicar o que se havia passado, mas o povo não entendia.

Quando terminou seu serviço no Templo, o bondoso sacerdote voltou para casa, e como não podia falar, escreveu, explicando à mulher o acontecido. Isabel ficou radiante quando soube que ia ter um filho. Era o que mais desejara.

Passando algum tempo, as coisas que Gabriel havia dito começaram a acontecer. Assim, na casa de Isabel e Zacarias nasceu um lindo menino os parentes e vizinhos, logo que viram, disseram que o nenê deveria chamar-se Zacarias, como o pai. Mas Isabel disse que não; seu filho teria o nome de João. Todos estranharam, pois na família ninguém se chamava assim, e era costume dos judeus pôr nas crianças o nome do pai ou de um parente "O nome do menino será João."

Todos se admiraram, e mais admirados ainda ficaram, quando Zacarias começou a falar novamente como Gabriel havia dito; e Zacarias agradecia a Deus, pela confiança e alegria que lhe dava.

Os vizinhos, ao saberem, começaram a comentar uns com os outros e perguntavam: "Quem será esse menino, para que seu nascimento esteja cercado de tais acontecimentos? Que fará quando crescer?

Vocês sabem o que ele deveriam fazer quando crescesse? Sim, ele deveria anunciar a vinda de Jesus à Terra. E foi justamente isso que fez.

Usando uma roupa de pele de carneiro, João não só anunciava a próxima chegada de Jesus, como também preparava o coração dos homens para receber os ensinamento do Mestre.

De que maneira João fazia isso? Ensinando aos homens a se tornarem melhores. Lembrando-lhes seus erros, dizendo-lhes que deveriam evitar esses erros. E João batizava, derramando água sobre as pessoas. Ele queria que todos compreendessem que daquele dia em diante, deveriam viver de maneira diferente; deveriam procurar fazer o Bem e evitar o Mal.

Certo dia, quando João pregava ao povo, às margens do rio Jordão, aproximou-se dele um homem de cabelos à nazarena, com um terno e doce olhar. João reconheceu nele o Messias prometido. Jesus, dando mais uma maravilhosa prova de humildade, se deixou batizar por João, nas águas do rio Jordão.

Como dissemos, João lembrava aos homens os seus erros e os concitava a se corrigirem. Ora, algumas pessoas não gostava que lhe apontasse as faltas e ficavam com raiva de João. Entre essas pessoas estava uma mulher, de nome Herodíades, que sendo casada com o irmão do rei, casara-se com o próprio rei Herodes. João, querendo que o rei se tornasse melhor, disse -lhe que isso não estava certo. Por esse motivo Herodíades não gostava de João, e vivia pedindo ao rei que o mandasse matar. Mas o rei gostava de João Batista. Sabendo que era ele um homem respeitado pelo povo, teve receio de ouvir sua mulher, que sempre pedia a mesma coisa. Até que um dia, para satisfazer aos insistentes pedidos da esposa, o rei mandou prendé-lo.

Já fazia algum tempo que João estava preso, quando chegou o aniversário de Herodíades. Houve uma festa, a que compareceram as pessoas mais importante do país. Em dado momento, Salomé filha de Herodiádes, começou a dançar e tão bem dançou que todos aplaudiram , e Herodes, entusiasmado disse: "Podes pedir o que quiseres, até metade de meu reino e darei".

A moça procurou a sua mãe para saber sua opinião, e Herodíades então deu-lhe uma idéia. Salomé, chegou diante do rei e disse: "Quero que me dês a cabeça de João Batista".

O rei ficou surpreso e triste, mas havia dito que daria o que fosse pedido. Era muito orgulhoso, e não podia voltar atrás diante daquelas pessoas que estavam presentes à sua festa. Chamou um soldado e deu a ordem. Minutos depois entregou a Salomé a cabeça de João Batista, numa bandeja de prata. A jovem Salomé, meio horrorizada, entregou à sua mãe a cabeça de João.

Nós sabemos que Deus é justo e não deixa que nada de mau aconteça a que quer que seja, sem que exista uma razão para isso. João era um homem bom, correto, no entanto, Deus permitiu que ele fosse morto, sem ter feito nada de mau. João nada tinha de mau naquela vida, que o

tornasse vítima de um castigo tão cruel. Mas nós sabemos que as pessoas não têm uma só vida; passamos por diversas encarnações. Ora, em uma encarnação anterior, o espírito de João Batista havia sido o profeta Elias. Esse fato está no Evangelho, e mesmo Jesus, mais de uma certa vez, disse que João era Elias (reencarnado).

Esse profeta Elias tinha feito muitas coisa boas, mas havia cometido também um grande erro, quando mandou degolar diversos sacerdotes pagãos que adoravam ídolos e tinha um deus chamado Vaal. Como Elias ele não pagou por esse crime, mas foi resgatá-lo numa outra encarnação, em que se chamou João Batista.

Foi por essa razão que Deus permitiu que João fosse degolado. Muitas vezes acontecem coisas que não compreendemos, mas se conhecêssemos o que aconteceu antes, em outras vidas, veríamos que tudo tem sua causa e que a Justiça Divina é infalível. Nada de bom ou de mal acontece sem que exista um motivo para isso.

Para que a Justiça Divina pudesse ser efetivamente praticada, era necessário que o espírito de Elias sofresse as penas que ele impusera àqueles sacerdotes pagãos.

"Sua atitude alegre e agradável provoca uma boa reação nas crianças e em seus auxiliares, ao se reunirem para esses momentos da aula de Evangelho."

CURA DA FILHA DE JAIRO

Tendo Jesus atravessado para a outra margem do rio, numa barca, muita gente acorreu, juntando-se em torno dele. e chegou aflito um dos príncipes a Sinagoga, de nome Jairo, e lhe disse:

— Mestre, minha filha está nas últimas, vem por-lhe as mãos para a curares, dando-lhe a vida. Jesus o acompanhou no meio de grande multidão. Quando se aproximavam da casa de Jairo, vieram seus familiares, dizendo:

— Tua filha morreu. Não dês ao Mestre o trabalho de andar mais. Está morta.

Entretanto, ouviu o que falavam, Jesus disse a Jairo:

— Não tenhas medo. Crê somente, e ela será salva. Assim dizendo, entrou na casa com Pedro, Tiago e João.

Todos choravam, desesperados, fazendo grande algazarra. Observando-os, Jesus disse:

— Por que todo esse pranto? a menina não está morta, apenas dorme.

Tendo feito sair todos, chamou o pai e a mãe da menina, e entrou na sala onde ela se encontrava deitada, acompanhada dos três discípulos.

E tomando as mãos da menina, lhe disse:

— Talitha, comi (quer dizer: Menina, eu te mando, levanta-te).

E no mesmo instante a menina, que já contava com 12 anos de idade, levantou-se e começou a andar.

Todos ficaram assombrados. Jesus falou-lhes que não contasse a ninguém e desse de comer à menina que, agora com a saúde, deveria ter apetite, pois desde a véspera nada comera.

CURA DO CEGO DE BETSAIDA

Estava Jesus com seus discípulos a ensinar numa aldeia de nome Betsaida, quando lhe trouxeram um cego de nascença. E pediram a Jesus que o tocasse para que ficasse curado.

Tomando o cego pelas mãos, Jesus o retirou da aldeia, e cuspindo-lhe nos olhos, impôs-lhe as mãos, perguntando se via alguma coisa.

O cego levantou-se e olhando, disse:

— Vejo homens como árvores que andam.

Jesus tornou a impor-lhe as mão sobre os olhos, e o cego começou a ver, ficando completamente curado. Agora via distintamente a todos os objetos.

— Vai para tua casa, e não peques mais — disse-lhe Jesus.

CURA DO PARALÍTICO DE CAFARNAUM

Estava Jesus a ensinar em Cafarnaum. a Casa onde se encontra estava tão cheia de gente, que não era possível nem mesmo ficar à porta.

Enquanto ensinava a toda gente, quatro pessoas lhe trouxeram um paralítico para que o curasse. Entretanto, não puderam levá-lo à frente do Mestre devido ao acúmulo de pessoas. Era impossível chegar até ele. Na impossibilidade de acesso a Jesus, introduzira, o paralítico por uma abertura no telhado da casa, arriando o leito e, que ele jazia.

Quando Jesus percebeu a fé que os possuiu disse ao paralítico:

— Filho, os teus pecados estão perdoados.

Alguns escribas (escribas eram os doutores que ensinavam a lei de Moisés e a dava interpretação ao povo) que ali assistiam às pregações, puseram-se a pensar: — Como pode falar assim este homem? Isto é uma blasfêmia. Só Deus pode perdoar-nos os pecados.

Grande médium que era, Jesus ouvi-lhes os pensamentos e lhes disse:

— Por que estais vós pensando mal? Que pensa é mais fácil dizer. — Perdoados são teus pecados, ou dizer Levanta-te e andas? Sabeis que Filho do Homem tem na Terra o poder de perdoar pecados.

E voltando-se para o paralítico, disse.

— Levanta-te, toma o teu leito e vai para casa!

E no mesmo instante, o homem se levantou, tomando o leito, se foi, à vista de todos. Os que assistiam, ficaram admirador e louvaram a Deus.

OS DISCÍPULOS DE JESUS

Logo após o início de sua chamada "vida pública", aos trinta anos, no desempenho da missão que o Supremo Senhor lhe confiou, Jesus escolheu entre os homens de seu conhecimento, na maioria rudes pescadores, os doze discípulos para acompanhares de cidade em cidade, onde anunciava a vinda do Reino de Deus. Esses discípulos serão os continuadores de sua obra.

Eram muitos os que o seguiam, mas os escolhidos foram: Pedro, André, Tiago, João, Mateus, Bartolomeu, Felipe, Tomé, Simão, Judas Tadeu e Judas de Kerioth. Jesus deu-lhes o nome de Apóstolos, que quer dizer. Pregadores Exemplificadores da Fé. todos os discípulos de Jesus eram Judeus (da Galileia).

O trabalho dos apóstolos, durante a vida de Jesus, foi quase nulo. Foi um período de observação e aprendizado. Só depois da explosão da mediunidade entre eles, no Pentecostes, em que as águas de fogo pairaram sobre suas cabeças é que entraram em ação para o desempenho da grande

tarefa que coube a cada um. É a grande mostra de que o homem, por si só, nada pode fazer sem o auxílio de Deus, pessoa alguma deste mundo tem poder para fazer ou desfazer. O próprio Jesus a isso se referiu, quando disse: "— Por mim mesmo, nada posso fazer, é o Pai que faz em mim as obras que vedes; a minha palavra não é minha, mas do Pai que me enviou".

A mediunidade de Pedro foi notável em todos os aspectos, especialmente a de cura. Pedro de Betsaida, foi o esteio do Cristianismo primitivo. Após a morte de Jesus, ele tomou as rédeas da continuidade da tarefa por Jesus iniciada, foi crucificado no ano 64 da era Cristã. considerando-se não merecedor de morrer nas mesmas condições de Jesus, pediu para que o pusessem na cruz de cabeça para baixo.

Tiago dedicou-se às obras de caridade, ensinando a todos a necessidade da fé acompanhada das suas obras.

João, irmão de Tiago, mais tarde chamado "o Evangelista", era o mais místico dos apóstolos. Falava pouco, dedicando-se muito aos trabalhos de cura e esclarecimento. Foi o apóstolo dileto do Cristo, pela imensa ternura que os unia. foi o discípulo a cujos cuidados Jesus entregou Maria, sua mãe. João morreu na ilha de Patmos, após escrever o apocalipse, Escreveu também o Evangelho que tem o seu nome.

Felipe era pescador nascido em Betsaida. Foi grande colaborador na propagação do Cristianismo. viajava para outras cidades, sempre ensinando, e quando retornava a Jerusalém auxiliava na "Casa do Caminho", núcleo de caridade e ensino, fundado pelos apóstolos, após a morte de Jesus. Consta que morreu muito velho.

Mateus era publicano, cobrador de impostos. Teve como principal trabalho o Evangelho que escreveu. Foi grande propagador dos ensinamentos de Jesus, tendo desencarnado no ano 80 da era Cristã.

André, Bartolomeu, Tomé, Simão, Judas Tadeu e Tiago cumpriram também sua tarefa de evangelizar os povos, levando-lhes o consolo e a esperança da Boa Nova. Tiago foi decapitado no ano 41.

Judas de Kerioth era oleiro. Dos discípulos era o que tinha mais cultura. Dotado de imaginação fértil, porém doentia, perturbava-se facilmente. Era ambicioso. Invigilante, permitiu que as forças do mal dele se apoderassem. amava a Jesus, porém não o entendia. Pensava que um dia Jesus iria assumir o governo de Israel e seus discípulos teriam postos de comando. Foi o apóstolo que intimamente mais sofreu e teve o papel infeliz no drama da missão crística de Jesus. Vendo-se incapaz de livrar Jesus da trama que os sacerdotes do Sinédrio prepararam, desesperado, enforcou-se.

Além dos doze apóstolos já mencionado, destacaram-se ainda no Cristianismo primitivo novos apóstolos que, apesar de não terem contato com o Mestre enquanto encarnado, revelaram-se verdadeiros discípulos, sinceros seguidores e propagandistas de seus ensinamentos.

Estêvão - foi o primeiro mártir cristão, segundo informações do Instrutor espiritual Emmanuel. foi perseguido e lapidado (morto a pedrada) por fanáticos liderados pelo rabino Saulo de Tarso. Após a sua morte, Estevão tomou-se orientador espiritual de Saulo, quando se transformou no Apóstolo dos Gentios, acompanhando-o nas pregações e esclarecendo em suas dificuldades.

Paulo de Tarso - Natural de tarso, era homem com sólida educação. Tinha o nome de Saulo. Conhecia várias línguas, tendo estudado em

Jerusalém e adquirido grande formação intelectual. Terminada a educação rabínica, Saulo tomou-se fariseu exaltado, perseguindo os cristãos. entretanto, o Alto O surpreenderia na estrada de Damasco, onde, cego pela visão repentina de Jesus, converteu-se ao Cristianismo, tornando-se um dos seus maiores defensores. Aí passou a se Chamar Paulo. Foi chamado "o Apóstolo dos Gentios" por haver pregado o Evangelho entre os povos pagãos, até os confins do mundo, atingindo a Espanha. Durante 30 anos, percorreu 90 cidades, ensinando. Morreu decapitado no ano 64 da era Cristã, por ordem de Nero.

Lucas - Médico grego, foi discípulos de Paulo de Tarso, com ele permanecendo até seu martírio. Seu Evangelho foi baseado em informações recebidas dos apóstolos e de Maria, mãe de Jesus. Ensinou em Felipe, na Macedônia. Morreu em Bitínia, aos 84 anos.

Marcos - Escreveu seu Evangelho baseado em informações dos apóstolos Pedro, Tiago e outros que acompanharam o Mestre. Pregou os ensinamentos de Jesus na Ilha de Chipre e outros locais. Diz a tradição que foi martirizado no Egito (provavelmente Alexandria). Marcos conheceu pessoalmente o Mestre. Era muito ligado ao apostolo Pedro.

Barnabé - Desempenhou importante tarefa na propagação da fé cristã, junto a Paulo de Tarso. Era tio do evangelista Marcos.

A vida dos apóstolos foi de muito trabalho, de incessante luta pela difusão do Evangelho. Foi uma vida de abnegação e de grandes sacrifícios, de verdadeiro desapego às coisas do mundo, de dores, de sofrimento, mas também da glória que não se extingue, de luzes e aquisições espirituais.

O que caracterizou a vida dos apóstolos foram seus atos de amor e sabedoria, sua tolerância para com os ignorantes, sua humildade, sua renúncia, sua compaixão pelos infelizes, sua fé inabalável e sua submissão à tarefa que lhes foi confiada pelo Divino Mestre. Trabalhavam exclusivamente para a moralização e espiritualização do homem. Seu objetivo foi ensinar, instruir, iluminar os homens, tirá-los das trevas para a luz, da materialidade para a espiritualidade.

NAS PALAVRAS DO CAMINHO

Conta-se que Tiago o Velho apóstolo, ia de Jerusalém a Betânia, com Matias, o sucessor de Judas de Kerioth no grupo dos discípulos.

Contemplando um pomar vizinho, Tiago comentou:

— Este lugar lembra o horto onde o Mestre foi traído. O Senhor gostava de meditar ao crepúsculo, sob as árvores. Lembro-me perfeitamente daquele instante infeliz. Judas vinha à frente dos oficiais e soldados que empunhavam lanternas, varapaus e espadas. O Mestre, porém, saiu ao encontro dos adversários e estava sorridente, imperturbável.

Entristecido, Tiago relembrava:

— O infame beijou-o na face, fez-se o tumulto e o Mestre foi aprisionado. Desde então começou o nosso martírio.

— Que insolente! Que criatura terrível esse Judas! — replicou Matias. Que crime hediondo!

— Será Judas, para sempre, a nossa vergonha — exclamou Tiago. — Pedro busca defendê-lo. Ouço e calo, pois para mim nada o desculpa. Será sempre um réu diante da humanidade. Foi perverso, infame. Não tem desculpas.

— Mas, como aconteceu semelhante absurdo? — indagou Matias.

— Foi sua ambição desregrada. Judas queria dirigir o nosso grupo,

competir com os rabinos do Templo, cativar a simpatia dos romanos, submeter o Mestre à sua vontade. Pedro afirma que ele amava o Mestre e não previu as conseqüências do ato que praticou. Nunca alimentara o desejo de eliminar o Mestre. Diz ainda que Judas se arrependeu e chorou muito. enforcou-se numa figueira. Contudo, não acredito nisso. Para mim, Judas condenou o Senhor à morte.

— Chegou a vê-lo antes da morte? — indagou Matias.

— Não. — replicou Tiago. — nem mesmo sei se me comportaria com fraternidade se o visse.

— E os familiares desse homem?

Tiago ia responder quando algo o impediu. O velho apóstolo arregalou os olhos, interrompeu a marcha e perguntou ao companheiro:

— Quem é aquele que vem lá, vestido em luz resplandecente?

Assombrado, Matias redargüiu:

— Também vejo, também vejo...

Banhado em lágrimas de emoção, Tiago reconheceu o Mestre. ajoelhou-se, reverente, e falou baixinho:

— É o Senhor!...

Jesus aproximou-se com majestosa beleza da espiritualidade sublime e parou por instante ao lado dos companheiros. Contemplou-os, afetuoso. Estendeu sobre eles a mão direita, em sinal de amor, abençoando-os.

— Senhor, — disse Tiago. — Podemos voltar agora a Jerusalém, a fim de receber tuas instruções e cumpri-las.

— Não, Tiago. — respondeu o Cristo, doce e firmemente. — não vou agora à cidade, sigo em missão de auxílio a Judas.

E sem acrescentar coisa alguma, continuou a caminhada solitária, em sublime silêncio.

Judas foi apenas um discípulo fraco, muito longe de ser maligno, como muitos o consideram. Restabelecido de suas enfermidades morais, Judas reintegrou-se no Apostolado do Mestre trabalhando pelo Cristianismo, pelo qual ele deu sua vida num momento de arrependimento extremo ao mal que havia praticado.

É preciso lançarmos um olhar de simpatia para esse apóstolo, há muito amparado por Jesus com o manto de seu perdão. apesar de prever a tragédia que ia desenrolar, Jesus nunca lhe negou a boa palavra, o vinho e o pão.

Há muito, Judas é um arauto na grande luta em que a Luz se empenha para extinguir as trevas que envolvem o nosso planeta.

Judas resgatou admiravelmente sua divindade, manifestando pela implantação da verdade, deixando martirizar na Inquisição, segundo informações mediúnicas fidedignas.

Conclusão

Há muitos anos venho pesquisando, consultando e buscando em arquivos e acervos de minha propriedade e de outros médiuns que me incentivaram para a conclusão deste pequeno trabalho, exclusivamente doutrinário, oferecendo as crianças para o pequeno Pajé deste e de todos os Templos do Amanhecer.

Salve Deus.

Cláudio Batista